



Universidade de Aveiro
2019

Departamento de Línguas e Culturas

**LAURA
MARCINKUTE
SUKHACHEV**

**Semiótica da cultura lituana nas páginas de um
livro-álbum**



Universidade de Aveiro
2019

Departamento de Línguas e Culturas

**LAURA
MARCINKUTE
SUKHACHEV**

Semiótica da cultura lituana nas páginas de um livro-álbum

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira / Língua Segunda, realizada sob a orientação científica da Doutora Ana Margarida Corujo Ferreira Lima Ramos, Professora Auxiliar com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha família.

o júri

presidente

Professora Doutora Maria Fernanda Amaro de Matos Brasete
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

vogais

Professora Doutora Cláudia Maria Ferreira de Sousa Pereira
Professora Auxiliar da Universidade de Évora (arguente)

Professora Doutora Ana Margarida Corujo Ferreira Lima Ramos
Professora Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro (orientadora)

agradecimentos

Agradeço à Professora Ana Margarida Ramos, minha orientadora, pela motivação, pela partilha de conhecimentos e correções, pelo apoio e pela paciência com que sempre me ajudou em todas as minhas dúvidas.

À minha mãe por acreditar em mim e por me incentivar neste percurso.

A todos os que participaram neste trabalho de forma direta ou indireta.

À querida Ana Nogueira Mendes, que me ajudou com a revisão do texto, que não me deixou baixar os braços e me ajudou sempre com os seus conselhos valiosos.

À minha família e aos meus amigos, pelo seu apoio e compreensão.

palavras-chave

Literatura infantil, literatura infantil lituana, livro-álbum, semiótica da cultura

resumo

Para o presente estudo partiu-se do pressuposto de que é possível interligar a área da literatura infantil com a semiótica cultural. Posteriormente à contextualização teórica do tema, e da sistematização das reflexões de estudiosos, foi aplicada a teoria lotmaniana da semiosfera a um texto de literatura infantil lituana e elaborado um trabalho de campo, com o objetivo de identificar diferenças entre as percepções dos leitores influenciadas pelos seus diferentes meios culturais. Como *corpus* de estudo foi escolhido o livro-álbum lituano *Lapė yra laimė* (*A felicidade é uma raposa*), escrito por Evelina Daciūtė e ilustrado por Aušra Kiudulaitė. Tendo identificado de forma explícita as mensagens visuais e verbais com conotação cultural lituana e universal no *corpus*, testámos na prática, sob formato de entrevistas, o reconhecimento dos signos culturais em dois grupos (portugueses e lituanos), um público-alvo com faixas etárias diferentes (crianças e adultos). A análise das respetivas respostas revelou que, para ser decifrado o simbolismo visual presente no livro-álbum, é exigida uma leitura atenta e um leitor preparado.

keywords

Children's literature, Lithuanian children's literature, Picturebook, Cultural semiotics

abstract

The present study was based on the assumption that it is possible to connect the field of study of children's literature with cultural semiotics. After the contextualization and systematization of the theoretical reflections of scholars, Lotman's theory of the semiosphere was applied to a text of Lithuanian children's literature and the field work was done, aiming to identify the differences between the perceptions of the readers, under the influence of their different cultural backgrounds. The chosen *corpus* of the study was the Lithuanian children's picturebook *Lapė yra laimė* (*Happiness is a fox, literally translated*) written by Evelina Daciutė and illustrated by Aušra Kiudulaitė. Having explicitly identified the visual and verbal messages with Lithuanian and world cultural connotations in the *corpus*, we tested in practice, in the form of interviews, the recognition of cultural signs on two groups (Portuguese and Lithuanian), a target audience with different age range (children and adults). The analysis of the corresponding answers proved that in order to decode the visual symbolism of the picturebook, a careful reading and a prepared reader is required.

ÍNDICE

ÍNDICE	1
INTRODUÇÃO	5
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	7
CAPÍTULO I – A LITERATURA INFANTIL	7
1.1 O CONCEITO DE LITERATURA INFANTIL	7
1.2 A LITERATURA INFANTIL EM PORTUGAL E NA LITUÂNIA. CONTRIBUTOS PARA A COMPREENSÃO DA SUA EVOLUÇÃO DIACRÓNICA.	10
1.3 LIVROS E TEXTOS INFANTIS	16
CAPÍTULO II. LITERATURA INFANTIL NA PERSPETIVA DA SEMIÓTICA CULTURAL	22
2.1 OS CONCEITOS TEÓRICOS DA SEMIÓTICA CULTURAL.....	22
2.2 MULTICULTURALIDADE E COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL NA LITERATURA INFANTIL	29
2.3 O DIÁLOGO NO LIVRO-ÁLBUM PARA CRIANÇAS.....	32
PARTE II. ESTUDO PRÁTICO	38
CAPÍTULO I – QUADRO METODOLÓGICO	38
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS DO ESTUDO	38
1.2 APRESENTAÇÃO DO PARADIGMA METODOLÓGICO E METODOLOGIA APLICADA	40
1.3 MÉTODOS E FERRAMENTAS DA RECOLHA DOS DADOS	42
1.4 APRESENTAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DA ESCOLHA DO <i>CORPUS</i>	44
1.5. LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO	56
CAPÍTULO II - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO	57
2.1. ANÁLISE DO LIVRO-ÁLBUM LITUANO <i>A FELICIDADE É UMA RAPOSA</i> DO PONTO DE VISTA SEMIÓTICA CULTURAL	57
2.1.1 Conexões intertextuais dentro da memória lituana.....	59
2.1.2 Conexões intertextuais dentro da memória das culturas mundiais.....	61
2.1.3. Intertextualidade literária.....	64
2.1.4 Códigos gerais das imagens ilustrativas.....	66
2.2 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS RECOLHIDOS.....	68
2.2.1 Os dados das entrevistas na Lituânia.....	68
2.2.2 Os dados das entrevistas em Portugal.....	70
2.3 SÍNTESE INTERPRETATIVA DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
CONCLUSÃO	74
BIBLIOGRAFIA	76

ANEXOS	83
A) Tabelas das entrevistas às crianças e aos mediadores de leitura (Lituânia e Portugal).....	83
B) Entrevistas efetuadas às crianças lituanas	84
C) Entrevistas efetuadas aos adultos lituanos	98
D) Entrevistas efetuadas às crianças portuguesas.....	107
E) Entrevistas efetuadas aos adultos portugueses.....	118

Índice de Tabelas

Tabela 1 Géneros dos textos da literatura infantojuvenil. Fonte: Bastos, 1999:264-265.....	17
Tabela 2. Classificação dos livros da literatura infantojuvenil. (Fonte nossa).....	18
Tabela 3 A leitura de um livro-álbum. (Ramos, 2018: 6; Ramos, 2017:18)	21
Tabela 4 Elementos semióticos de Pierce (a base de Fernandes, 2011:178).....	25
Tabela 5 Sistema diádico de Saussure. (Fernandes, 2011:170).....	25
Tabela 6 Classificação de respostas do leitor. (Beach e Purves, 1972:37)	36
Tabela 7 Dados das entrevistas às crianças lituanas	69
Tabela 8 Dados das entrevistas aos adultos lituanos.	69
Tabela 9 Dados das entrevistas às crianças portuguesas.....	70
Tabela 10 Dados das entrevistas aos adultos portugueses.....	71
Tabela 11 Questionário para os leitores iniciantes.....	83
Tabela 12 Questionário para os mediadores de leitura.....	83

Índice de Figuras

Figura 1 Livro original	44
Figura 2 Versão adaptada do livro original	44
Figura 3 Capa do livro <i>A Felicidade é uma raposa</i> (versão original)	49
Figura 4 Capa do livro <i>A Felicidade é uma raposa</i> (versão inglesa)	50
Figura 5 Contracapas do livro <i>A Felicidade é uma raposa</i> (versão original e versão inglesa)	50
Figura 6 As guardas do livro original e as guardas da versão inglesa	51
Figura 7 Lombadas do livro (versão lituana (original) e versão inglesa)	51
Figura 8 Exemplos da tipografia e grafismo (pormenor do livro em lituano e pormenor do livro em inglês)	52
Figura 9 Folha de rosto do livro na versão original e em versão inglesa	52
Figura 10 Recorte digital de várias partes das páginas do livro, de forma a mostrar a variedade de cores e de padrões utilizados na ilustração do livro (composição aleatória nossa)	53
Figura 11 Cartazes dos espetáculos “Lapė yra laimė” e “Labas, Lape!”	55
Figura 12 Modelo da semiosfera e da sua aplicação aos conceitos da cultura lituana, literatura infantil e, em específico à localização do formato livro-álbum.	57
Figura 13 Povilas (Paulo).....	59

Figura 14 Vilnius (Vilnuje) numa árvore.....	59
Figura 15 A raposa.....	60
Figura 16 Programa de televisão.....	60
Figura 17 Bola de basquete.....	60
Figura 18 Estátua do rei.....	60
Figura 19 "Žemė draugų planeta" numa árvore.....	61
Figura 20 Os casados de fresco.....	61
Figura 21 O autocarro de dois andares.....	61
Figura 22 A ponte romana.....	62
Figura 23 O carro e o senhor grego.....	62
Figura 24 Bolas de sabão (ar).....	62
Figura 25 Os peixes (água).....	62
Figura 26 Toupeira (terra).....	62
Figura 27 Pãezinhos de leite (fogo).....	62
Figura 28 Nomes da pastelaria e pão.....	63
Figura 29 O autocolante da laranja.....	63
Figura 30 A greve dos pássaros.....	63
Figura 31 Planta que come pão.....	63
Figura 32 O detetive.....	64
Figura 33 Imagem d'A felicidade é uma raposa.....	64
Figura 34 Imagem d'O Príncipezinho.....	64
Figura 35 Capa do livro <i>Žemė žmonių planeta</i>	64
Figura 36 A raposa com botas.....	65
Figura 37 O elefante.....	65
Figura 38 Paulo feliz no baloiço.....	66
Figura 39 Paulo angustiado.....	66
Figura 40 A perspetiva - a raposa triste.....	66
Figura 41 Rabisco usado para mostrar a confusão e emoções negativas.....	66
Figura 42 Ilustração com tons vivos que transmite alegria.....	67
Figura 43 Ilustração com tons frios que transmite, neste caso, o mistério.....	67

Índice de Fotografias

Fotografia 1 Evelina Daciute.....	46
Fotografia 2 Aušra Kiudulaitė.....	46
Fotografia 3 Dois exemplos de produtos da marca Lapė yra laimė (a mascote da marca - a raposa em brinquedo, e um saco alusivo à marca).....	54
Fotografia 4 As caixinhas ilustradas.....	61

Introdução

1. Fundamentação e motivação do tema

Somos, desde crianças, introduzidos no universo da leitura pelos nossos familiares, pelos amigos e pelos nossos professores. No entanto, há algo, além das narrativas encantadoras, que nos cativa, mesmo antes de aprendermos a ler. São as cores, as folhas, as ilustrações e os formatos dos livros que fazem com que queiramos pegar num e explorá-lo.

Sempre tive um gosto especial pela leitura e, mais ainda, após ter sido mãe, cruzei-me novamente com a literatura infantil e redescobri os contos da minha infância, novos livros e histórias, que, às vezes, foram traduzidos de outras línguas. Quando descobri o formato de livro-álbum dei comigo a questionar-me sobre os desafios que existem na tradução, não só meramente verbal, mas também visual dos vários elementos culturais presentes na literatura infantil.

Na atualidade, com tanta troca de informação em tantas línguas diferentes, como é feito o processo de tradução e de adaptação linguística e gráfica de um livro estrangeiro, para que este não perca os conceitos da sua narrativa e mantenha a mesma simbologia e as suas características culturais e étnicas?

Esta foi a premissa, reforçada pelas aulas da literatura para a infância, lecionadas pela Professora Ana Margarida Ramos, que me levou a desenvolver este trabalho. Elaborei uma versão mais específica da análise de um livro-álbum lituano, em comparação com a sua tradução e adaptação publicada em língua inglesa e, propus-me, em contexto prático, a realizar uma versão “minha” em língua portuguesa para, posteriormente, analisar a sua receção e perceção junto dos pequenos leitores portugueses e dos seus mediadores de leitura, realizando a mesma análise com pequenos leitores lituanos e os seus mediadores de leitura.

Serão os pequenos leitores portugueses capazes de compreender a história e de descobrir pormenores culturais que os confundem, ou para eles será simplesmente um livro infantil como os outros? E os mediadores de leitura portugueses terão capacidade de descobrir algo de diferente por ser um livro infantil lituano e terão as mesmas perceções que os mediadores de leitura lituanos?

Com este trabalho tenciono, com base na análise do livro-álbum lituano *Lapė yra laimė (A felicidade é uma raposa¹)*, refletir sobre a perceção do público-alvo da sua língua e cultura nativa (lituana) em comparação com as interpretações e a compreensão do livro por parte do público-alvo de uma língua e cultura diferente (portuguesa). Além disso, pretendo perceber qual é a viabilidade da tradução e adaptação dos elementos étnicos de produção de sentido de um espaço cultural para o outro. Proponho-me igualmente cruzar a análise do livro-álbum com o conceito de semiótica da cultura, que incidirá especificamente na teoria da semiosfera de Iuri Lotman.

¹ (tradução nossa)

2. Organização do trabalho

A dissertação apresentada inicia-se com a introdução onde se revela o interesse e a motivação pelo tema, seguindo-se o seu desenvolvimento em duas partes principais: o enquadramento teórico e o estudo prático.

A primeira parte, constituída por dois capítulos, aborda o conceito da literatura infantil de várias perspetivas. No capítulo I apresenta-se, de uma forma comparativa, a evolução da literatura infantil lituana e portuguesa e resumem-se os conceitos dos géneros e dos formatos nos livros infantis. O capítulo II destina-se à discussão das ideias de semiótica cultural e de interculturalidade presentes na literatura infantil.

Posteriormente, na parte do estudo prático, revelam-se a metodologia da investigação e as análises, quer ao nível da constituição do elemento-base do livro-álbum escolhido, quer a aplicação prática sob a forma de inquéritos a crianças e adultos (lituanos e portugueses). Dividido em dois capítulos, o capítulo descreve as várias fases do trabalho efetuado:

- elaboração da análise do livro *Lapė yra laimė (A felicidade é uma raposa)*: formato físico, verbal e visual – e comparação com a sua respetiva versão editada em língua inglesa;
- tradução e adaptação do livro para língua portuguesa (de modo a poder ser lido e interpretado pelos entrevistados portugueses);
- aplicação da teoria da semiosfera de Lotman ao livro *Lapė yra laimė*, com vista à compreensão do ponto de vista da semiótica cultural;
- aplicação de entrevistas sobre o livro (aplicação do método qualitativo): a crianças lituanas e a adultos lituanos e a crianças portuguesas e a adultos portugueses;
- análise das respetivas respostas às questões colocadas e conclusões sobre os dados obtidos.

A finalizar, seguem-se a elaboração do estudo das informações obtidas e seu cruzamento com a teoria lotmaniana, de modo a evidenciar a questão primária deste trabalho sobre as diferenças na leitura dos mesmos códigos visuais e verbais na cultura lituana e portuguesa.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I – A literatura infantil

1.1 O conceito de literatura infantil

Literature is a textually transmitted disease, normally contracted in childhood.

Jane Yolen (1983:42)

O termo “literatura infantil” apareceu nos estudos literários no século XIX e, apesar de ser bastante discutido entre os estudiosos, geralmente, refere-se a textos destinados a leitores de uma faixa etária específica, que abrange as crianças e adolescentes. Considera-se que a literatura infantil engloba duas fontes principais: o que é escrito especificamente para uma determinada faixa etária do leitor e o que passou dos adultos, da literatura geral, e que é lida por adultos a crianças.

Os especialistas concordam que, durante anos, a literatura infantil foi subestimada na sociedade científica. (Pires, 2000:313) Até à década de 70 do século passado, esta literatura foi vista como um subproduto literário menor, pela ideia de uma literatura mais básica, devido a ser dirigida a um público somente infantil. Mais recentemente, o interesse pela literatura infantil aumentou, tendo vindo a aprofundar-se a investigação sobre este campo da literatura. Ao longo dos anos, a literatura infantil evoluiu e desenvolveu-se gradual e historicamente. A literatura para crianças e jovens tem sido associada ao processo do ensino e da aprendizagem.

Até ao final do século XVII, eram criados, e passados de geração em geração, contos populares, mitos, fábulas, lendas, parábolas, aventuras e poesia – que usualmente comunicavam uma lição moral e valores associados, com vista a educar e formar os mais jovens. Os contadores de histórias transmitiam as narrativas tradicionais às crianças, em voz alta, num espaço de convívio destinado a familiares e amigos. Nas sociedades praticamente ágrafas, estes momentos de educação eram partilhados sem distinção de públicos, entre adultos e crianças. A moral da história era mais valorizada do que a forma de contar – daí existirem diversas variações da mesma história.

A inexistência de livros literários destinados a crianças, antes do século XVII, estava relacionada com a conceção que se tinha das crianças naquele tempo, pois, durante muito tempo, a criança não era percebida como um ser isolado, com uma psicologia própria, mas como um adulto em miniatura.

Na maioria dos países europeus, as primeiras fontes de leitura para crianças foram os catecismos, seguidos dos livros educativos, dos contos e fábulas populares e das suas traduções, funcionando, algumas delas, até hoje, como obras clássicas da literatura infantil. Através da simbologia e de elementos fantasiosos existentes nestes contos, cativava-se a atenção e despertava-se a criatividade nos primeiros anos da criança.

Como afirma Olga Fontes, só a partir do século XVII, depois da profunda reforma pedagógica, é que surgiram as primeiras obras de literatura infantil. Foi nesta época que o escritor francês Charles Perrault reuniu alguns contos e lendas da Idade Média (*Cinderela, Capuchinho Vermelho*), e os adaptou, dando origem a versões literárias, ainda não infantis dos chamados contos de fadas. (Cademartori, 1987:33) Assim como as fábulas de Jean de La Fontaine (*A cigarra e a formiga, A lebre e a tartaruga, A raposa e o corvo*), reescritas a partir das versões de Esopo, os contos de Perrault, durante muito tempo, formaram o paradigma do universo literário infantil.

Posteriormente, a partir do século XVIII, com a prevalência do livro impresso, iniciou-se a criação da literatura infantil, já tendo em vista o desenvolvimento do pensamento crítico e da percepção da criança. Nas obras destinadas a crianças havia uma componente pedagógica que transmitia os valores da época e permitia aproveitá-las como ferramentas de apoio ao ensino. (Fontes, 2009²)

Muitos investigadores concordam que a literatura infantil atingiu seu apogeu no século XIX, sobretudo com as adaptações dos irmãos Grimm (*João e Maria, Rapunzel*) e com o aparecimento de autores como Hans Christian Andersen (*O patinho feio, Os trajes do imperador*), Collodi (*Pinóquio*), Júlio Verne (*Vinte Mil Léguas Submarinas*), Lewis Carrol (*Alice no País das Maravilhas*), Frank Baum (*O Feiticeiro de Oz*), James Barrie (*Peter Pan*) e muitos outros, que formaram os padrões das narrativas para crianças e a base para o desenvolvimento da literatura infantojuvenil.

Desde sempre, educadores e professores notaram a grande influência que a literatura possui na educação e no desenvolvimento da criança:

Pode afirmar-se, com efeito, que a literatura infantil, tal como toda a arte e a literatura, contribui para a formação do Homem. São os artistas – e neste caso, os escritores – através das suas experiências de vida, de um modo ou de outro por eles intensificadas, quem multiplica a própria participação cultural dos seus leitores. Ao pensar na filosofia da arte, verifica-se que esta consiste em restabelecer a continuidade entre as formas mais refinadas e intensas da experiência, que são as obras de arte, e os acontecimentos da vida quotidiana. (Pires, 2000:314)

A partir deste momento, começa a surgir a ideia de que a literatura infantil não se limita estritamente a um público infantil, pois esta também é apreciada e também influencia a vida adulta. Ao evidenciar esse facto, Weinreich realça que a literatura infantil não é um pequeno barco perdido no oceano da sociedade. Pelo contrário, a literatura infantil tem um enorme impacto sobre os indivíduos e na sociedade em geral, afetando a nossa mentalidade e os nossos comportamentos. (Weinreich, 2009:5).

As características físicas de um livro trouxeram novos sentidos e novas possibilidades de leitura, complementando as narrativas verbais com ilustrações, que são atualmente parte integrante da literatura infantil. Como destaca Nodelman, a aparência física dos livros influencia a nossa resposta às histórias dos livros, mesmo antes de os começarmos a ler. (Nodelman, 1988:278) Com a evolução

² Fontes, O. Literatura infantil: Raízes e Definições. Revista Saber & Educar, n.º 14 ano 2009, disponível em <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/134>, consultado em 10/01/2019

histórica, as ilustrações, amiúde, foram começando a ocupar uma função dominante num livro para crianças. Assim surgem novos tipos de livros infantis, como o livro-álbum, o livro *pop-up* e o livro-objeto.

Deste modo, o desenvolvimento do conceito da literatura infantil pode ser determinado pelo efeito combinado de vários fatores. Em primeiro lugar, a literatura infantil não pode ser dissociada da literatura geral, ou das suas correntes e teorias estéticas. Igualmente, a literatura infantil está fortemente ligada à psicologia infantil, às diversas ações pedagógicas e às teorias da educação. Além disso, os livros infantis estão também associados às relações sociais e culturais. Atualmente, a evolução da literatura infantil ainda continua; agora à luz das novas tecnologias e fatores da globalização, permitindo chegar aos seus públicos das mais variadas formas.

1.2 A literatura infantil em Portugal e na Lituânia. Contributos para a compreensão da sua evolução diacrónica.

Os livros são os portadores da civilização. Sem os livros, a história se cala, a literatura emburrece, o pensamento e a pesquisa se interrompem. Eles são as máquinas da mudança, as janelas do mundo, os faróis em meio ao mar do tempo.

Barbara Tuchman

Em Portugal, assim como em outros países da Europa, a evolução da literatura para crianças sempre estava fortemente ligada à função educativa. O aparecimento do livro impresso, a que as crianças começaram a ter acesso, deu início à formação de um público capaz de ler e prestar mais atenção ao texto. Este acesso individualizado a uma narrativa impressa reduziu a transmissão oral das histórias, podendo as mesmas serem lidas e consultadas de uma forma mais autónoma e padronizada.

Natércia Rocha indica como o primeiro livro português para crianças os *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso, editado em finais do século XVI, com várias reedições durante o século XVII. (Rocha, 1992:31) Este livro, juntamente com as fábulas de Esopo, traduzidas para a língua portuguesa, fizeram um contrabalanço com os catecismos e outra literatura religiosa da altura, como irá ser explicado a seguir.

Quando, em 1761, depois da reforma educativa e da expulsão dos jesuítas, o Marquês de Pombal fundou o Colégio dos Nobres, sentiu-se uma escassez de obras literárias para crianças em língua portuguesa, visto que o latim era a língua usada nas publicações escritas, nomeadamente nas parábolas e noutras histórias presentes nos catecismos. Com a intenção de preencher essa lacuna, foram traduzidas, nem sempre com muita qualidade, da língua francesa: *Tesouro de Meninas*, *Telémaco*, de Fénelon, *Livro dos Meninos*, assim como mais algumas obras publicadas, destinadas à leitura infantil. Durante vários anos a publicação literária para as crianças mantinha-se à volta destes livros. (Rocha, 1992:36)

No século XVIII, os pensamentos iluministas trouxeram alterações na educação, na estrutura familiar e social, e ao conceito da infância em geral. À vista disso, as obras dos chamados *estrangeirados*³ tornaram-se na primeira contribuição consciente, mas igualmente bastante modesta, para o desenvolvimento da literatura infantil, que, atualmente, só tem um valor histórico.

Devido à situação política vivida no país, Portugal, por diversas vezes durante a sua história, atravessou fases de severo isolamento, tanto de pessoas, tanto de ideias provenientes do estrangeiro. A Revolução Francesa, em finais do século XVIII, fez surgir ideias revolucionárias que, em Portugal, tiveram uma vigilância apertada para que não chegassem explicitamente aos cidadãos. A literatura infantil, entre

³ Estrangeirados - este conceito, apesar de discutido pelos estudiosos, é geralmente usado para definir os intelectuais portugueses que nos finais do século XVII, e particularmente no século XVIII, após terem tido contacto com as ideias iluministas no estrangeiro, retornaram a Portugal e contribuíram para o desenvolvimento e a modernização do país com as suas obras em várias áreas.

outras áreas, ficou sujeita à censura, o que condicionou o desenvolvimento das obras literárias e avanços no ensino. (Gomes, 1998:330)

Só no século XIX, após as Invasões Francesas, o isolamento sentido em Portugal começou a diminuir, o que contribuiu para “um notável crescimento” da eficiência editorial no país. (Rocha, 1992:39) Os contos de Perrault, dos irmãos Grimm, de Andersen e da Condessa de Ségur foram traduzidos e adaptados para a língua portuguesa, assim como os autores portugueses voltaram igualmente a sua atenção para o público jovem. Destacaram-se, nesta fase, os *Contos para a Infância* (1877), de João de Deus; os *Contos para os Nossos Filhos* (1882), de Guerra Junqueiro, os *Contos Nacionais para Crianças* (1882), de Maria Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo, e os *Jogos e Rimas Infantis* (1883), de Francisco Adolfo Coelho, bem como a poesia publicada por Antero de Quental com o título de *Tesouro Poético da Infância* (1883) e a *História de Jesus para as Criancinhas Lerem* (1883), de Gomes Leal. (Gomes, 1998:332) Vários foram os escritores e eruditos, tais como Antero de Quental, João de Deus, Eça de Queirós e Guerra Junqueiro, que discutiram sobre a necessidade de textos adequados para os leitores infantis e que mencionaram a importância das características distintas destes nas suas reflexões. No entanto, esta atenção à criança e às ideias inovadoras sobre o tema atingiram só uma pequena parte da sociedade, devido à elevada taxa de analfabetismo no país. Além disso, as obras destinadas aos leitores de tenra idade eram moralistas e didáticas, com textos infantilizantes e, usualmente, muito pobres em conteúdo.

Segundo o investigador Américo Lindeza Diogo, as obras da literatura infantil do século XIX não eram suficientes para que fossem levadas com seriedade como literatura infantil. (Diogo, 1994:73) Esta situação só se veio a alterar aquando do fim do regime monárquico, com a implantação da República, em 1910, quando chegaram as reformas ao ensino primário que permitiram que novos meios de conhecimento e de cultura ficassem ao alcance de mais pessoas, como a fundação de bibliotecas escolares e com a implementação do ensino gratuito e obrigatório. Apesar de o nível de analfabetismo continuar ainda bastante alto, as publicações infantis cresceram significativamente nesta altura. (Gomes, 1998:333)

Natércia Rocha afirma, assim, que o “reconhecimento de que a criança passou a ser um consumidor forte de leitura - mesmo que indiretamente – constitui fenómeno da primeira metade do século XX.” (Rocha, 1992:53) Simultaneamente, com a edição dos livros infantis de autores nacionais, surgiram várias publicações para crianças que, só nos anos 80, perderam a luta de concorrência para os livros de banda desenhada americanos (*comics*), chegados através do Brasil.

Todavia, da segunda década do século XX até ao 25 de Abril de 1974 (durante os anos do regime de Salazar e de Marcelo Caetano) as possibilidades do desenvolvimento da literatura infantojuvenil, com a melhoria da qualidade nos textos e nas ilustrações, foram fortemente agravadas pelo atraso económico e cultural do país, bem como pelo nacionalismo e doutrinação do Estado Novo. (Gomes, 1998:337) Durante esta ditadura, o conceito educativo era o de uma educação extremamente ligada ao patriotismo e à conduta moral e cívica. Portugal, na altura com uma altíssima taxa de analfabetismo, possuía um programa educativo no qual o estado controlava totalmente o que se deveria ler e aprender

nas escolas primárias, onde os rapazes e as raparigas não partilhavam a mesma sala de aula e tinham percursos educativos diferentes.

Os livros oficiais para o ensino eram estritamente supervisionados pelo estado, como *O livro da Primeira Classe*, *O Livro de Leitura*, e possuíam vários conteúdos patrióticos e ligados à religião católica, com frases ligadas à doutrina política vigente. O acesso aos conhecimentos e ideias vindos do estrangeiro era ocultado à maioria da população, pois, convenientemente, a ignorância da maioria da população permitia que esta não se insurgisse contra o regime repressivo em vigor. É de salientar o facto de, durante este regime, o ensino infantil oficial ter sido abolido, pois este ia contra o ideal desta época, no qual o papel da mulher era resumido à esfera do lar, no sendo a sua a função cuidar da sua casa e da sua família. As “Instruções Oficiais” sobre literatura infantil publicadas em 1950 pela Direção dos Serviços de Censura indicam claramente os valores a transmitir, os temas a escolher e as ideias a expressar nas obras destinadas ao público jovem. (Bastos, 2002:85)

Nestas condições, de entre os muitos livros sem qualidade, manifestaram-se autores que, até hoje, se consideram “verdadeiramente significativos”. (Gomes, 1998:340). Assim sendo, no início do século XX, a literatura para crianças era ainda, estilisticamente, bastante pobre, com textos curtos e narrativas simples e didáticas. Nesta altura, só alguns autores se destacaram entre as numerosas edições para crianças. Consideram-se significantes as contribuições literárias de Virgínia de Castro e Almeida (*Aventuras de Dona Redonda e sua Gente*), do poeta José Gomes Ferreira (*As Aventuras de João Sem Medo*), de Aquilino Ribeiro (*Romance da Raposa*), de Maria Sofia de Santo Tirso (*A Boneca Cor de Rosa*), de António Sérgio (*Os Dez Anõezinhos da Tia Verde Água*), de Carlos Selvagem (*Papagaio Real*) e de Carlos Amaro (*São João Subiu ao Trono*).

Na sexta e sétima décadas do século XX, surgiram as primeiras obras de autores portugueses como: Sophia de Mello Breyner (*Fada Oriana, Menina do Mar*), Matilde Rosa Araújo (*Livro da Tila*), Esther de Lemos (*A menina de Porcelana e o General de Ferro*), Irene Lisboa (*Uma Mão cheia de nada e outra de coisa nenhuma*), Maria Cecília Correia (*Histórias da Minha Rua*), Ricardo Alberty (*A Galinha Verde*), Sidónio Muralha (*Bichos Bichinhos e Bicharocos*), Luísa Dacosta (*O Elefante Cor de Rosa*), Luísa Ducla Soares (*A História da Papoila*), Ilse Losa (*Beatriz e o Plátano*), Manuel António Pina (*Gigões e anantes*), assim como muitos outros que foram sucessivamente formando a literatura infantil clássica em Portugal.

A revolução de 25 de Abril de 1974 trouxe alterações na vida social e cultural portuguesa. Com o fim da censura e a livre circulação de ideias além das fronteiras, abriram-se novas possibilidades para a criação dos autores de livros infantis. Como afirma Francesca Blockeel, depois de 1980, a produção literária portuguesa guiou por um caminho novo e “conheceu um verdadeiro boom”. (Blockeel, 2002:127) Desde então, a quantidade de livros publicados para crianças aumentou consideravelmente, surgindo também novos autores de literatura infantil. Alice Vieira (*Rosa, irmã Rosa*), António Mota (*A aldeia das flores*), José Jorge Letria (*Mouschi, o gato de Anne Frank*), Álvaro Magalhães (*Histórias pequenas de bichos pequenos*), e Carlos Correia (*A Locomotiva TCHAF*) complementaram a fileira dos escritores portugueses para a infância.

Nos anos 80, o público-alvo dos livros para crianças transferiu-se para outra faixa etária: pré-adolescentes e adolescentes. Depois de uma maior permissividade na liberdade de expressão, a deficiência dos textos para este auditório foi preenchida com obras que abordavam problemas cruciais dos adolescentes: a família, a sexualidade e as desigualdades sociais. Logo, os géneros da literatura infantil começaram a diversificar-se e a expandir-se. Os contos, as fábulas e as lendas já não eram tão atraentes para este público-alvo. Como resultado desta situação, na literatura para jovens emergiram dois géneros distintos - a *“formula fiction”* e os romances realistas. (Blokeel, 2002:128)

Acompanhando os livros da escritora inglesa Enid Blyton (autora dos clássicos *“Os Cinco”* e *“Os Sete”*), em Portugal, foram lançados os livros de coleção como *“Uma Aventura”*, de Ana Maria Magalhães e Manuela Alçada, *“O Clube das Chaves”*, de Maria Teresa Maia Gonzalez e Maria do Rosário Pedreira e *“Triângulo Jota”* de Álvaro Magalhães, destinados a um público adolescente mas não tão jovem, contribuindo para um aumento da literatura infantojuvenil portuguesa.

Numa outra vertente, que acompanha a literatura infantojuvenil, começou igualmente a notar-se uma preocupação com a perspetiva visual e estética nos livros, dando margem para uma maior criatividade na ilustração e permitindo a emergência de artistas como João Machado, Manuela Bacelar, Teresa Dias Coelho, João Botelho, Zulmira Oliva, entre outros, que fizeram experiências atraentes nesta área, ao mostrarem uma união da narrativa com a ilustração. (Rocha, 1993:109)

Nos finais do século XX, como enuncia Ramos (2015:212), a implementação do Plano Nacional de Leitura, bem como o investimento nas redes nacionais de bibliotecas, incentivou a edição de novas obras para crianças e jovens. Aos autores consagrados, que começaram a publicar para leitores infantis ainda no século passado (José Jorge Letria, Luísa Ducla Soares, Alice Vieira, António Torrado, entre outros), juntaram-se novos escritores emergentes, como Afonso Cruz, Rita Taborda Duarte, Carla Maia de Almeida, David Machado e Ana Pessoa, juntamente com novos ilustradores, com destaque para André da Loba, Madalena Matoso, Bernardo Carvalho e Catarina Sobral. As suas obras, complementadas com edições traduzidas de livros estrangeiros, formam um quadro diversificado e completo das publicações contemporâneas para crianças em Portugal.

Entretanto, o desenvolvimento diacrónico da literatura infantil na Lituânia, foi, tal como em Portugal, bastante influenciado pela situação política e histórica da época. Os anos da ocupação da Rússia czarista e, mais tarde, pela União Soviética, de censura e constante luta pela independência e preservação da língua nacional, deixaram a sua marca na literatura infantil, bem como no carácter nacional e na cultura lituana em geral.

Vincas Auryla considera que o início da literatura infantil na Lituânia se deu com a publicação de um poema religioso *“Kalėdaitis dėl mažų vaikelių”*⁴, em 1763, traduzido do polaco. (Auryla, 1963:157) Na altura a língua lituana era considerada inferior, quando o idioma oficial era o latim ou polaco. Devido à complicada situação política, a literatura nacional lituana para crianças começou a formar-se no século XIX, ou seja, com um atraso, comparativamente ao resto da Europa, incluindo Portugal. A evolução da

⁴ Pastel de Natal para criancinhas (tradução nossa).

literatura infantil teve igualmente na sua origem os mitos antigos, as fábulas de Esopo, os contos tradicionais e épicos medievais, como se pode observar nas obras dos escritores daquele período: Liudvikas Reza, Simonas Daukantas, Antanas Tataris e Vincas Pietaris. As obras clássicas da Idade Média e do mundo oriental chegaram à literatura infantil lituana através das traduções dos contos de Charles Perrault, Wilhelm Hauff e dos irmãos Grimm no século XIX.

Nas duas últimas décadas do século XIX, tal como aconteceu em Portugal, deu-se uma particular atenção aos conteúdos ideológicos e didáticos na literatura infantil lituana. Os autores tentaram ter em conta a função do ensino da literatura infantil e separar as leituras para crianças dos textos religiosos.

O nascimento da literatura para crianças ocorreu sob as condições de uma luta política aguda. As autoridades da Rússia czarista, à qual a Lituânia pertencia na época, proibiram o uso da língua lituana em público. Foi por esta altura que começou a crescer o capitalismo na Rússia e na Lituânia (quando no resto do mundo já existia o imperialismo), e surgiram as ideias revolucionárias sobre o movimento da libertação nacional.

Os representantes de cada facção ideológica tentaram influenciar a consciência da geração mais jovem e educar através das obras literárias. O tema principal desta luta era a questão do ensino na língua materna. A pedagogia oficial tentou justificar a necessidade da proibição do ensino na língua materna para os lituanos. O povo lituano, ativamente apoiado pelas forças democráticas russas, lutou contra a opressão social e nacional pela liberdade do discurso nativo. Além da repressão czarista, a educação infantil era também prejudicada pelos elementos da burguesia-clerical, principalmente pela influência dos padres. Os clérigos, assim como aconteceu em Portugal, exigiam que a educação das crianças não fosse baseada na ciência da pedagogia, mas sim na teologia, acreditando que somente a didática religiosa poderia moldar a moralidade e o caráter da criança. Na literatura infantil religiosa propagava-se um desdém pelo ser humano, promovendo o ascetismo e a humildade e negando-se o materialismo e a luta revolucionária.

V. Kudirka, um conhecido representante da corrente liberal do movimento nacional lituano, lutou contra a ideologia religiosa da literatura infantil e contribuiu muito para que as obras se adequassem à idade do leitor, para o seu desenvolvimento intelectual. Kudirka afirmava que as crianças precisavam de leitura útil e de conteúdos seculares, apoiando-se nas leis da psicologia infantil.

Devido aos processos sociais contraditórios e à luta ideológica na Lituânia, a história mais consistente da literatura infantil começou apenas no século XX. Em 1904, numa situação revolucionária, o regime czarista foi forçado a levantar a proibição sobre a impressão de livros e jornais lituanos. (Auryla, 1962:160) Desta forma, surgiram mais obras de autores da literatura clássica (J. Biliūnas "*Joniukas*"⁵, Zemaitė "*Nelaimingi vaikai*"⁶, "*Kaip Jonelis raides pažino*"⁷, Lazdynų Pelėda "*Motulė paviliojo*"⁸, "*Pirmas sniegas*"⁹) que, principalmente, escreveram sobre as experiências de crianças no meio rural.

⁵ "*Joãozinho*" (tradução nossa)

⁶ "*As crianças infelizes*" (tradução nossa)

⁷ "*Como Joãozinho aprendeu as letras*" (tradução nossa)

⁸ "*A mãezinha encantou*" (tradução nossa)

Em meados do século XX, aquando da independência nacional da Lituânia, a literatura infantil, didática e de moralização, virou-se para a área da psicologia, explorando temas como a liberdade e a aventura. Foi por essa altura que surgiram as obras de humanismo ecológico, nas quais o valor do ser humano é determinado pela sua relação com a natureza. Este estilo é caracterizado por mudanças de humor, com picos de pensamento, ondas emocionais, narração enriquecida pela fantasia e pensamentos típicos das crianças. As primeiras histórias de aventura e peças de teatro infantil profissional foram lançadas por escritores da época, que dedicaram as obras ao público infantil, tais como Salomėja Nėris, Antanas Vaičiulaitis, Liudas Dovydėnas e Petras Cvirka. (Keleras, 2013)

A literatura infantil produzida na Lituânia durante o período soviético era diferente: os conceitos do bem e do mal estavam destacados e as pessoas divididas em exploradores e socialistas. As crianças estavam retratadas como construtoras do socialismo, envolvidas na construção da coletivização rural e luta pela paz. Nas obras literárias deste tempo, a vida infeliz das crianças no mundo ocidental contrasta com a infância feliz nos países onde reina o socialismo. Nas obras infantojuvenis deste período era artificialmente enfatizada a ideia da infância feliz como consequência do regime comunista.

Nos anos após a morte de Estaline (1958-1970), a literatura infantil começou a desenvolver o realismo metafórico. Os escritores regressaram à cultura étnica da sua nação e apareceram coleções estilizadas de contos populares lituanos. Nesta época floresceram novamente as fábulas, onde a fantasia era combinada com o ambiente de vida da criança, usando-se a personificação de plantas e animais e dando-lhes o carácter humano, tal como acontecia nos contos de fadas, nos poemas e na poesia lírica e épica que criaram raízes na literatura infantil lituana, como se pode ver nas obras de Kostas Kubilinskas, Anzelmas Matutis e Ramutė Skučaitė. Os motivos religiosos foram expulsos e trocados por versos de meditação (Janina Degutytė) e as crianças foram encorajadas a familiarizarem-se com regras poéticas mais complexas (Eduardas Mieželaitis, Justinas Marcinkevičius).

Nos livros para adolescentes prosperaram as histórias literárias próximas do estilo do conto de fadas, que retratavam o estilo de vida lituano num mundo estilizado e acolhedor, onde as personagens procuravam o sentido da vida. Os heróis fabulosos, devido às suas falhas ou pela sua rejeição pela sociedade, caíam em reinos de governantes opressivos, onde passavam por severas provações e aventuras que transformavam o seu carácter e os ajudava a serem novamente integrados na sociedade (Vytautė Žilinskaitė, *Melagių pilis*, Vytautas Petkevičius *Gilės Nuotykių Ydų Šalyje*).

A literatura infantil lituana das últimas décadas, depois da independência do país e da abertura das fronteiras, cresceu de tal maneira que, nos dias de hoje, qualquer leitor que visite uma livraria lituana ficará perplexo diante das centenas de livros conhecidos e inéditos, de muitas cores e estilos diferentes que existem no país. Num contexto de democracia, o livro infantil tornou-se não apenas num artefacto cultural, mas também num produto de vendas para a cultura de massas. Com estratégias de marketing ativas e o interesse das editoras no lucro, muitas das vezes o alto interesse é posto de lado, com consequências na qualidade da leitura.

⁹ “A primeira neve” (tradução nossa)

1.3 Livros e Textos infantis

Em pequeno, o poeta - que ainda não sabia o que era um poema - costumava brincar com outros meninos numa rua, larga e calma, sem saída. Às vezes desaparecia e todos pensavam que se tinha cansado de jogar à bola ou de correr. Mas não. Apenas se afastara para trepar a um alto muro, ao fundo da rua, e ver o que havia do outro lado.

(João Pedro Mésseder, 2014:8)

A curiosidade de uma criança é o estímulo principal para a aprendizagem e o desenvolvimento da imaginação. Todos nascemos com o desejo irresistível de descobrir o que afinal há “no outro lado do muro”, mas, ao longo dos anos, é fácil desperdiçar este desejo se não existirem estímulos adequados. Por consequência, no momento de transição, quando a criança passa da aprendizagem da decifração do texto verbal para uso da leitura com a finalidade de adquirir informação nova, é fundamental a introdução de livros atraentes e estimulantes, deixando que a literatura infantil desperte o interesse, a emoção, pois, sem essa “faísca”, a leitura torna-se, aos olhos de uma criança, somente um dever e não um momento em que há liberdade para viajar no conhecimento e obter, ao mesmo tempo, prazer com essa prática.

Assim, como foi acima mencionado, um livro entra na vida de uma criança mais cedo do que a leitura e, antes mesmo de se tornar numa experiência literária, é uma experiência estética. É por esse motivo que o formato do livro é tão ou mais importante do que o conteúdo na literatura infantil. Tendo em conta a recomendação de livros existente para o público infantojuvenil apresentado pelo PNL¹⁰ (para a faixa dos 6-12 meses, para a faixa dos 2-3 anos, para a educação pré-escolar, para cada ano dos 3 ciclos de estudos (do 1.º até ao 9.º ano) e para ensino secundário (10.º, 11.º, 12.º) da escolaridade obrigatória), podemos concluir que existem diversos géneros de literatura infantil continuamente pensados e selecionados para se adequarem a cada faixa etária e nível de ensino das crianças e jovens em Portugal.

Como referem os estudiosos Ramos e Silva, existe uma grande diversidade na oferta de livros para crianças de todas idades: os álbuns, as coletâneas de contos de autor, as adaptações de histórias populares e as coletâneas de poesia. (Ramos e Silva, 2014:158) Nesta área observa-se uma certa dificuldade em classificar textos da literatura infantil no quadro geral dos géneros literários. A seguir utilizamos a classificação proposta por Glória Bastos, que divide a literatura infantojuvenil em seis secções com subgéneros: literatura tradicional (rimas e canções, parábolas e fábulas, contos e mitos e

¹⁰ Livros recomendados pelo PNL disponível em http://www.planacionaldeleitura.gov.pt/data/listas_novas_dez/0_novos_titulos_2017.pdf consultado em 2019.03.07

lendas), narrativa (contos contemporâneos, séries-aventura e mistério e novelas), poesia, texto dramático, álbum e livro-documentário. (Bastos, 1999:65)

Literatura tradicional

Rimas e canções - ideias expressas de forma ritmada, lengalengas e canções folclóricas.

Parábolas e fábulas - narrativas breves com uma moral. As parábolas têm personagens humanas, as fábulas têm animais como personagens.

Contos - narrativas que incluem personagens humanas e animais, associadas à magia, à realeza, animais falantes, com um desfecho que aponta para uma noção do certo e do errado.

Mitos e lendas - narrativas sobre determinados fenómenos naturais e sobrenaturais, podendo referir-se a os outros mundos, heróis e deuses.

Narrativa

Conto contemporâneo - obra de um autor que reescreve contos tradicionais e entra no mundo de fantasia (ex. personagens animais), pode ser ficção relista quando representa a vida real.

Séries de aventura ou mistério - o(s) mesmo(s) herói(s) passa(m) por várias aventuras.

Novela - uma narrativa de extensão média que geralmente descreve o percurso de um único herói.

Poesia

Este tipo do texto destaca-se pela sonoridade da linguagem e pelo simbolismo utilizado na narrativa.

Texto dramático

O texto distingue-se pela ausência de narrador e existência de muitas personagens que entram em diálogo.

Álbum

Segundo Bastos, para crianças pequenas "o álbum puro e o livro profusamente ilustrado desempenham uma função primordial. Possibilitando uma primeira impressão com o objecto livro, constituem igualmente um primeiro contacto com as representações do mundo." (Bastos, 1999:249) Atualmente, o público alvo do livro álbum é mais vasto.

Livro documentário

O livro tem uma intenção meramente informativa,"cujo propósito essencial é veicular uma informação baseada em factos documentáveis, embora tal não invalide que eventualmente se possa recorrer igualmente a aspectos ficcionais". (Bastos, 1999: 262)

Tabela 1 Géneros dos textos da literatura infantojuvenil. Fonte: Bastos, 1999:264-265.

Neste ponto, podemos falar sobre uma peculiar distinção entre os géneros dos textos literários destinados a crianças pequenas e a jovens. Como destaca Maria Fátima Albuquerque¹¹, a literatura juvenil "é um tipo específico de expressão literária, constituído por obras de ficção, escritas geralmente por adultos e destinadas a um público juvenil, por isso, baseadas em contextos determinados, com

¹¹ E-dicionário de termos literários. Maria Fátima Albuquerque disponível em <http://edtl.fch.unl.pt/encyclopedia/literatura-juvenil/> consultado em 15/03/2019

conteúdos temáticos sistematizáveis e normas formais bem definidas,” e que se destina “ a um público de idade superior aos doze anos.”

Tendo por base as informações referidas por estes teóricos, assim como os critérios de conteúdo e formato de livro para crianças, apresentamos, seguidamente, uma proposta de classificação dos livros para infância.

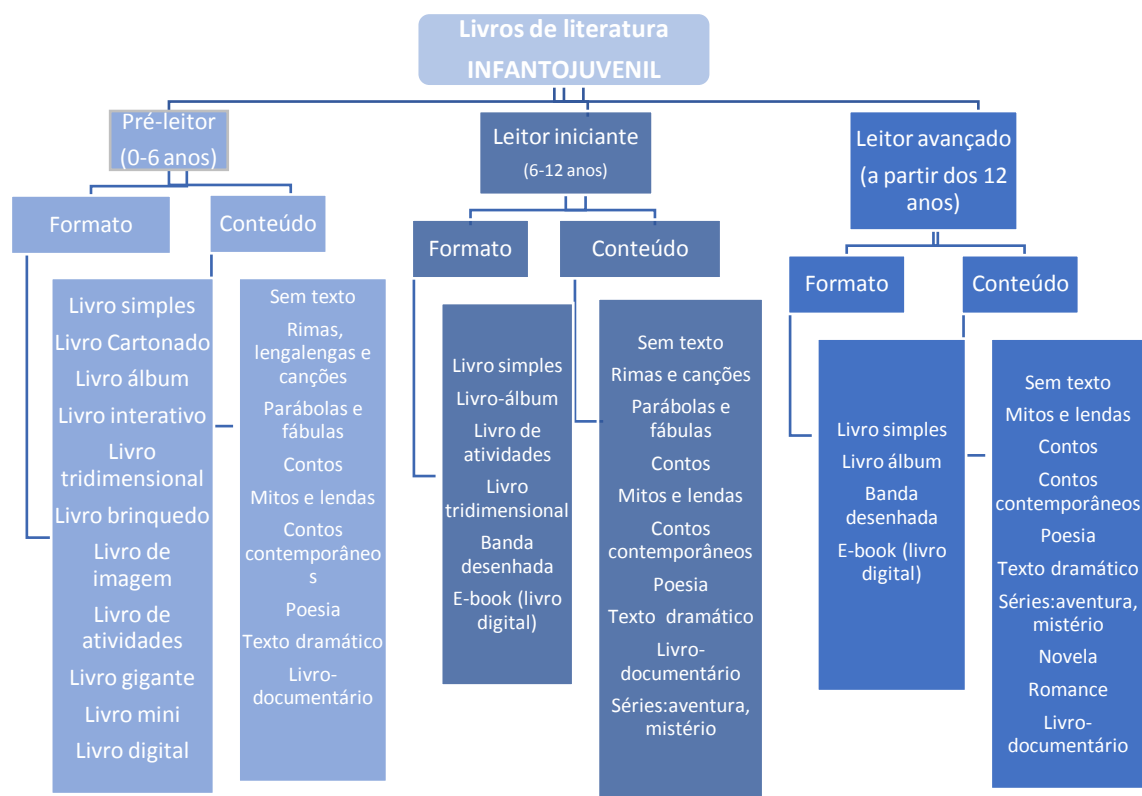


Tabela 2. Classificação dos livros da literatura infantojuvenil. (Fonte nossa).

Observa-se uma dinâmica entre o formato e o conteúdo de livro infantojuvenil em conformidade com a respetiva idade. No caso dos mais pequenos – os pré-leitores – que ainda não conseguem realizar a leitura verbal, reagindo aos sinais gráficos, observa-se a existência de uma maior ênfase dada ao formato e aos modelos dos livros. Por outro lado, para os leitores de uma faixa etária superior, e mais avançados a nível da leitura, nota-se uma maior relevância dada ao conteúdo do livro, do que à componente gráfica do livro.

No que se refere ao conteúdo dos textos, historicamente, as margens entre a literatura infantojuvenil e a literatura para os leitores adultos nunca eram rigidamente fixas. É notório que alguns contos e as narrativas, atualmente destinados ao público jovem, foram adaptados de obras destinadas a adultos (Contos dos Irmãos Grimm, *Dom Quixote de la Mancha*, de M. Cervantes, e outras).

Atualmente, as obras para a faixa etária adolescente, amiúde, entram igualmente na área de interesse dos adultos, como por exemplo *Harry Potter*, de J.K.Rowling, *O Príncipezinho*, de Antoine de

Saint-Exupéry, *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien, entre muitos mais, dando, ou trazendo, com o avanço da idade, novas e diversas interpretações dos mesmos conteúdos. Como indica Sandra Beckett, o termo contemporâneo usado para a definição deste tipo da literatura é *crossover fiction* (ficção de cruzamento), usado para definir a literatura infantojuvenil que também capta a atenção dos adultos. (Beckett, 2009)

Ao falarmos sobre os livros para a infância, além do texto escrito, inevitavelmente, visionamos imagens (coloridas ou não) com a missão de, como nos diz a palavra, “ilustrar¹²”, tornar ilustre, esclarecer, adornar com desenhos a narrativa. O estudioso na área da literatura infantil, Victor Montoya, relata a importância da ilustração deste modo:

En los últimos decenios, si en algo se pusieron de acuerdo los psicólogos, pedagogos, ilustradores y escritores, es en la presentación que debe ostentar la literatura infantil, no sólo en cuanto al formato, al tipo de letra y la encuadernación, sino, sobre todo, en cuanto a las ilustraciones que, además de enseñar a diferenciar los tamaños y colores, contribuyen a la comprensión del texto.¹³
(Montoya¹⁴)

Ao longo dos anos, as características das ilustrações contemporâneas sofreram um progresso significativo. A sua função como uma simples clarificação de um texto escrito transformou-se analogamente numa produção e numa delegação do seu próprio sentido. A existência do texto verbal num livro para crianças tornou-se não essencial ou até, de certa forma, complementar.

Foi deste modo que surgiu o conceito do livro-álbum ou *picturebook* (na versão anglo-saxónica), que significa muito mais do que um livro ilustrado. Este fenómeno contemporâneo, que entra na área de interesse de todas as faixas etárias da literatura infantojuvenil (tabela 2), combina em si os critérios de conteúdo e de formato, e desperta o interesse de muitos investigadores.

Segundo Ana Margarida Ramos, o livro ilustrado moderno desenvolve-se a partir da sexta década do século XX, com o surgimento de uma sociedade de consumo e da cultura de massas, tornando-se o espaço de experimentação com inúmeras possibilidades criativas no âmbito de imagem e do suporte material do livro. (Ramos, 2018:5)

Neste género literário para crianças - que conjuga o texto com a ilustração, o design e a edição num produto esteticamente valioso - o papel do ilustrador torna-se tão relevante como o do escritor, ademais, muitas vezes a função do “criador” é até elaborada por uma só pessoa.

Inicialmente destinado a um público mais novo, dos 2 até aos 8 anos (Rodrigues, 2009: s/p), devido à ausência ou à escassez da linguagem verbal, o livro-álbum continua a crescer em termos de qualidade e complexidade, até que, finalmente, rompe os limites do seu género, entrando no domínio do conceito da literatura *crossover fiction*. (Presas e Sandoval, 2017:454)

¹² Ilustrar - disponível em <https://dicionario.priberam.org/ilustrar> consultado em 20/03/2019

¹³ Nas últimas décadas, se em algo chegaram a um consenso os psicólogos, os pedagogos, os ilustradores e os escritores, foi na apresentação que deve ser dada a literatura infantil, não só em relação ao formato, ao tipo de letra, e à encadernação, mas, sobretudo, quanto às ilustrações que, além de ensinarem a diferenciar os tamanhos e as cores, contribuem para a compreensão do texto. (tradução nossa)

¹⁴ *Las ilustraciones en la Literatura Infantil*. Disponível em: <<http://www.lee.meuncuento.com.ar/ilustraciones.html>> consultado em 08/04/2019

As principais características do livro-álbum, de acordo com Carina Rodrigues, são:

- i. O público alvo: crianças de 2- 8 anos;
 - ii. O formato: de grandes ou diferentes dimensões e capa dura;
 - iii. O papel: de qualidade superior e de elevada gramagem;
 - iv. O reduzido número de páginas: 24 ou 32;
 - v. O texto condensado ou inexistente: com 200 a 1000 palavras, com uma tipografia de tamanho superior ou variável;
 - vi. As ilustrações abundantes: impressas em policromia, de página inteira ou dupla página;
 - vii. A ponderação do *design* gráfico e da qualidade das ilustrações;
 - viii. A fusão entre a narrativa e as ilustrações, com a predominância da imagem.
- (Rodrigues, 2009:131)

Por sua vez, Sandra Beckett alerta para o facto de os limites do género estarem a expandir-se, com o aumento da quantidade de páginas (numa edição espanhola, de 2006, um livro-álbum chegou até às 130 páginas), a publicação de um livro-álbum destinado para auditório adulto, bem como a influência do cinema, da televisão e da publicidade na linguagem e no próprio formato do livro-álbum contemporâneo. (Beckett¹⁵)

Todavia, a maior parte dos livro-álbuns publicados, tanto em Portugal como na Lituânia, destinam-se a pré-leitores e a leitores iniciantes. A simplicidade aparente das edições deste tipo encobre uma complexidade na sua interpretação:

Picture books can be deceptive. There may be more to them than first meets the eye. Good picture books deal with important human issues and can convey quite complex ideas despite their economic use of words. (...) The best picture books are open to interpretation because they leave so much unsaid.¹⁶ (Baddeley e Eddershaw, 2003:1)

O processo da leitura de um livro-álbum, como nos refere Ramos, não se limita à leitura do texto verbal, incluindo obrigatoriamente elementos peritextuais, assim como o suporte editorial. De acordo com esta investigadora, a leitura de um livro-álbum deve ocorrer da seguinte forma: (Ramos, 2018:6)

¹⁵ Sandra Beckett. Álbumes crossover que traspasan fronteras. Banco del libro. Disponível em <http://www.crede.info/lbumes-crossover-que-traspasan-fronteras.html> consultado em 2019/03/18

¹⁶ “Os livros-álbum podem ser enganadores. Podem ter mais que aparentam à primeira vista. Os bons livro-álbuns lidam com questões humanas importantes podendo até transmitir ideias bastante complexas, apesar de seu uso económico em palavras. (...) Os melhores livro-álbuns são abertos à interpretação por deixarem tanto por dizer”. (tradução nossa)

Pré-leitura	<p>Observar e interpretar:</p> <ul style="list-style-type: none"> A composição geral da publicação; O formato do livro; O tipo de papel; A capa e a contracapa; <ul style="list-style-type: none"> - identificar o título e as ilustrações; - estabelecer a relação de sentido entre as guardas iniciais e finais; - analisar as páginas prévias ao texto (página de rosto, ficha técnica e o código de barras) As cores dominantes; As ilustrações da dupla página
Durante a leitura	<p>Analisar cada página individualmente;</p> <p>Entender a ligação com as páginas anteriores e posteriores;</p> <p>Explorar o momento de “virar de página” e definir:</p> <ul style="list-style-type: none"> - as noções de tempo e espaço; - ação: dinamismo, simultaneidade, estaticidade. <p>Analisar as ilustrações com articulação com o texto:</p> <ul style="list-style-type: none"> - os elementos da gramática/retórica visual (linha, forma, luz, padrão, cor) - as relações com o texto (conotativas, metafóricas, simbólicas, poéticas) <p>Interrogar o significado de ilustrações de página dupla.</p>

Tabela 3 A leitura de um livro-álbum. (Ramos, 2018: 6; Ramos, 2017:18)

Curiosamente, o funcionamento das ilustrações e da parte verbal no livro-álbum nem sempre acontece em união. Segundo William Moebius, as mensagens enviadas pelo texto e pela ilustração, ou pelas duas ilustrações, podem ser contraditórias, o que habilita o leitor a criar redes de associações, ativando o desenvolvimento da sua imaginação. (Moebius, 1986:136)

É evidente que nos livros-álbum a transmissão das ideias funciona de variadas formas. Geralmente, o leitor é estimulado a participar ativamente no processo da leitura ao colocar hipóteses, tirar conclusões, interligar pormenores e identificar situações. Através desta combinação semântica, o interesse do leitor é, assim, despertado para obter informações novas e entender significados desconhecidos. Deste modo, sozinha ou com a ajuda de um mediador de leitura, a criança vai desenvolvendo uma maior capacidade de interpretação, tornando-se num leitor mais atento e motivado.

Capítulo II. Literatura infantil na perspectiva da semiótica cultural

2.1 Os conceitos teóricos da semiótica cultural

“When semiotics posits such concepts as “sign”, it does not act like a science; it acts like philosophy when it posits such abstractions as subject, good and evil, truth or revolution. Now, a philosophy is not a science, because its assertions cannot be empirically tested¹⁷...”

(Umberto Eco, 1984:10)

Desde sempre, do ponto de vista do ser humano, existiu a percepção de que sociedades diferentes eram caracterizadas por culturas distintas. Os primeiros estudos culturais de origem britânica surgiram no final dos anos 50 do século XX. O objetivo de pesquisa dos estudiosos ingleses era a compreensão das “relações entre a cultura contemporânea e a sociedade” (Escosteguy, 2001:27).

No entanto, o conceito de cultura, intensamente usado de forma trivial em vários contextos, às vezes pouco adequados, não tem uma definição única na comunidade científica, abrangendo diversas áreas do conhecimento e podendo ser visto de várias perspectivas.

Como nos esclarecem Mário Lages e Artur Matos, o termo “cultura” deriva do verbo latino “colere”, que significa cultivar - relativo ao cultivo de terras, plantas e animais. A definição, com o tempo, evoluiu para “o cultivo superior de mente e do gosto” (Lages e Matos, 2008:10), o que levou a uma divisão da sociedade em pessoas cultas, que leem muito, sabem latim, grego, inglês e outras línguas, viajam, frequentam galerias de pintura, ópera e concertos de música clássica - a chamada “elite”, e o “povo”, a quem eram reservadas as formas não refinadas de cultura: a música tradicional regional (a chamada música popular), as feiras e festas regionais, etc.

Esta divisão social prolongou-se até finais do século XX e só o acesso mais geral ao ensino e aos meios de informação é que trouxe uma nova noção do conceito da cultura na área de ciências sociais. Segundo Kroeber e Kluckhohn, citados por Lages e Matos, a cultura consiste em “modelos de comportamento, adquiridos e transmitidos por símbolos, que constituem o conseguinte específico dos grupos humanos, e incluem a sua implementação em artefactos.” (Lages e Matos, 2008:12)

Por sua vez, Roberto Damatta designa cultura como:

um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmos. É justamente porque compartilham parcelas importantes deste código (o da cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas transforma-se num grupo onde podem viver juntos, sentindo-se parte da mesma totalidade. (Damatta, 1986:123)

¹⁷ “Quando a semiótica posiciona os conceitos como “signo”, ela não age como ciência; age como filosofia que postula as abstrações como o sujeito, bem e mal, verdade ou revolução. Agora, filosofia não é uma ciência, porque as suas afirmações não podem ser testadas empiricamente”. (tradução nossa)

Entretanto, Antonio Perroti refere que cultura “corresponde a uma estrutura complexa e interdependente de conhecimentos, de códigos, de representações, de regras formais ou informais, de modelos de comportamento, de valores, de interesses, de aspirações, de crença, de mitos”, que é “o resultado do encontro entre três protagonistas da vida: o homem, a natureza e a sociedade”. (Perroti, 1997:48).

Constatamos, assim, pelas perspectivas destes investigadores, que todos eles mencionam a existência de símbolos e códigos como uma parte estrutural da cultura. Assim sendo, podemos concluir que o conceito de cultura situa um indivíduo como um membro de um grupo da sociedade com os seus artefactos (monumentos, obras literárias ou simples objetos de uso quotidiano), as regras de conduta e a representação simbólica do mundo, confirmando a ideia de Aristóteles de “que o homem é por natureza um animal social” (Aristóteles, 1997:15) e, vitalmente, necessita de comunicação.

Na perspectiva de Luhmann, citado por Paulo Serra, “a sociedade é, basicamente, comunicação.” (Serra, 2007:2) Neste sentido, os artefactos e os símbolos inerentes ao conceito de cultura podem ser entendidos como signos de comunicação, tendo em consideração que, como esclarece João Moreira, “cada comunidade desenvolve os seus sistemas de signos e respetivos códigos, de forma a viabilizar a comunicação entre os seus membros”. (Moreira, 2005:s/p) A maneira como estes são usados, decifrados e interpretados, pelos membros da sociedade atua como um dos fatores de diferenciação das culturas entre si.

José Fernandes explica que a noção de signo abrange as cognições, as ideias e, até o próprio homem. Os signos interligam-se uns com os outros e com o mundo, e da sua natureza são materiais e perceptíveis com um ou vários sentidos: visão (um objeto, uma cor, um gesto), audição (linguagem articulada, um grito, música, um som), olfato (um cheiro, um perfume), tato (material, estrutura) e paladar (um sabor). (Fernandes, 2011:162)

Com base no que foi dito, concluímos que as culturas de humanidade vivem no mundo dos signos, usando-os no processo de comunicação. Neste ponto, os estudos sobre cultura cruzam-se com a ciência geral dos signos e sistemas de signos, que, apesar ter várias manifestações, atualmente, é designada por semiótica.

Os estudos sobre o signo têm as suas raízes vindas dos tempos platónicos e aristotélicos, mas as suas ideias gerais, como enuncia Lúcia Santanella¹⁸, foram estruturadas só nos finais do século XIX, inícios do século XX, quando surgiram as três correntes de investigação quase simultâneas: a semiótica, baseada nas obras do americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) e, posteriormente, Charles William Morris (1901-1979); a semiologia, investigada pelo suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), e a semiótica de cultura, fundamentada com os estudos dos investigadores da antiga União Soviética. Os trabalhos destes investigadores na área deram o início das abordagens teóricas do signo com pontos de vista diferentes.

¹⁸O que é semiótica. Disponível em <https://pt.scribd.com/doc/7153850/O-Que-e-Semiotica-Lucia-Santaella> consultado em 18/04/2019

Com a finalidade de percebermos melhor as ideias consideradas pelos semioticistas, antes de tudo, devemos esclarecer a diferença entre os conceitos de língua e da linguagem. A língua, específica Santanella¹⁹, é uma linguagem verbal, expressa por sons do aparelho fonador, que transmite conceitos e possui uma tradução visual alfabética. A língua é o objetivo de estudo da ciência chamada linguística, enquanto a semiótica tem como alvo todas as linguagens existentes (incluindo a verbal), que produzem significado e sentido e representam o mundo, integrando-se nos sistemas sociais e históricos.

O campo de abrangência da linguagem é definido nos trabalhos de Charles Peirce que é considerado, por muitos cientistas contemporâneos, como um dos pais da semiótica. Segundo Fidalgo e Gradim, o cientista, na sua teoria, associa-a a duas áreas de investigação:

Uma taxonomia, que se ocupa da sistematização e classificação exaustiva dos diferentes tipos de signo possíveis; e uma lógica, que se ocupa do seu modo de funcionamento (como significam os signos) e do papel que estes desempenham na cognição humana e no acesso do homem ao mundo da experiência e do vivido. (Fidalgo e Gradim, 2004/2005:142)

O estudioso americano criou uma teoria filosófica bastante complexa, onde tentou esclarecer a natureza de signo e as maneiras como este representa o objeto na realidade. De acordo com a obra filosófica de Peirce, o signo “é aquilo que sob certo aspeto ou modo representa algo para alguém”, (Peirce, 2005:46) e que se relaciona entre três núcleos: o representamen (ou próprio signo), o interpretante e o objeto.

A semiótica de Peirce apoia-se num esquema triádico, enquanto tende a sistematizar os processos de semiose²⁰ e a classificá-los em três categorias:

- *primeiridade* - a categoria da primeira impressão, do sentimento imediato e presente das coisas, não relacionado com outros fenómenos do mundo;

- *segundidade* - a categoria de relacionamento direto, começa quando um fenómeno de primeiridade é relacionado com outro qualquer;

- *terceiridade* - a categoria interconexão de dois fenómenos, da mediação, do hábito, da memória, da continuidade, da síntese, da comunicação, da representação. (Noth, 1996:64)

As classificações mais detalhadas (Peirce distingue 66 variedades) (Fernandes, 2011:181) de carácter de ciência formal não serão contextualizadas no âmbito deste trabalho, devido às limitações da sua aplicação pragmática. Apenas mencionaremos as três referências mais conhecidas: ícone, índice e símbolo.

¹⁹ O que é semiótica. Disponível em <https://pt.scribd.com/doc/7153850/O-Que-e-Semiotica-Lucia-Santaella> consultado em 18/04/2019

²⁰ Semiose - ação do signo determinado por um interpretante, o pensamento. O processo de semiose é o objetivo de estudo de semiótica. (Fernandes, 2011:174)

SIGNO	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS PRÁTICOS
Ícone	relação de semelhança ou analogia com o objeto	Uma fotografia, onomatopeia (verbal)
Índice	relação de causalidade sensorial, relação direta com o objeto	Fumo é um indício de fogo, pronomes demonstrativos, advérbios (verbal)
Símbolo	relação de referência ao objeto por convenção, lei, ou associação geral, possibilidade de interpretações múltiplas	Cruz pode ser símbolo de igreja cristã, sepultura, hospital Palavra (verbal)

Tabela 4 Elementos semióticos de Peirce (a base de Fernandes, 2011:178)

Esta classificação, como refere Noth, permite constatar que, consoante a filosofia de Peirce, “toda ideia é signo” (Noth, 1996:61), o que proporciona a aplicação das ideias de semiótica de uma forma mais abrangente, em comparação aos princípios de semiologia, elaborados por Saussure, na sua obra póstuma *Curso de Linguística Geral*. Além de considerações sobre linguística, o investigador dedicase à exploração da natureza dos signos linguísticos, qual modelo, segundo Novak e Brandt, posteriormente, foi transferido para signos em geral. (Novak e Brandt, 2017:8) Portanto, segundo Noth, na teoria estruturalista de Saussure, o signo abrange a linguística como um dos seus ramos onde é visto de forma diádica, de forma diferente de de Peirce. (Noth, 1996:19) O cientista suíço afirma que um signo “une um conceito e uma imagem acústica. Esta última não é o som material, puramente físico, mas a marca psíquica deste som.” (Saussure, 2006:80)

Daqui surge a estrutura diádica, onde a imagem acústica é o significante e o conceito é o significado. Como esclarece Fernandes, representando esquematicamente a ideia de que o signo, que junta as duas faces numa estrutura, é sempre mental. (Fernandes, 2011:170)

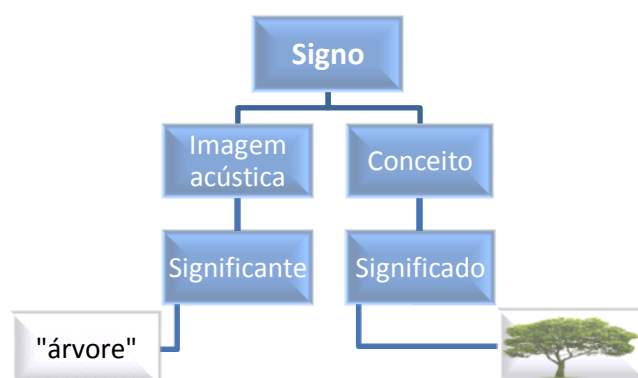


Tabela 5 Sistema diádico de Saussure. (Fernandes, 2011:170)

Na teoria de Saussure, ao contrário da de Peirce, exclui-se a referência ao objeto, refere Noth, dessa forma, discordando com as “teorias semióticas que descrevem a semiose como um processo cognitivo de interação entre o indivíduo e o mundo, um processo no qual o signo tem o papel de

mediador entre o pensamento e a realidade". (Noth, 1996:30) Apesar disso, a semiologia ocupa um lugar importante no mundo científico e os seus conceitos são explorados e discutidos.

Enquanto os conceitos de semiótica e de semiologia são bem conhecidos e trabalhados por cientistas ocidentais, o conceito de semiótica da cultura, elaborado na antiga União Soviética, não é tão divulgado. O semiótico Peirce e o linguista Saussure centraram-se no signo e estudaram-no como um ato de comunicação solitário, enquanto a semiótica cultural une as noções de signo, código, comunicação e cultura num sistema e estuda os fenómenos culturais como se fossem sistemas sógnicos. As bases teóricas desta corrente semiótica foram elaboradas em 1960 na escola de Tartu-Moscovo, onde se reuniram pensadores liderados por Iuri Lotman que tentavam entender as várias manifestações culturais. Como fruto das discussões nasceu a ideia de sistematizar o entendimento sobre a cultura a partir do ponto de vista semiótico, ou seja, compreender a cultura humana como um grande sistema de signos, onde o texto cultural é a unidade semiótica.

O semioticista russo acreditou que a linguagem, ao transmitir as informações, também cria as chaves de decifração para elas. Assim, para Lotman, cada código específico cumpre duas funções simultâneas: transmite mensagens e fornece um modelo determinado do mundo. Desta forma surgem os conceitos de sistema primário, a linguagem natural e sistemas de modelagem secundária, tais como arte, religião, mito, folclore, etc.

A perceção de cultura como uma estrutura organizadora de sistemas de códigos leva a uma compreensão de que cada codificação em cada sistema não acontece de forma independente, sem relação com outros sistemas. O significado é criado no intercâmbio de mensagens, no processo do diálogo.

Segundo Irene Machado, um texto da cultura é codificado duas vezes, pelo seu sistema semiótico e "pelo contexto sistêmico da cultura historicamente constituído." (Machado, 2013:66) Estas deduções posicionam a cultura como dinâmica, que pode exigir a tradução dos códigos para outros sistemas semióticos. Em consequência, Lotman chega à ideia da semiosfera, que é uma espécie de contínuo semiótico preenchido de "formaciones semióticas de diversos tipos y que se hallan en diversos niveles de organización"²¹. (Lotman, 1996:11) O cientista russo caracteriza a semiosfera por uma série de aspetos. O pensador confere-lhe uma certa homogeneidade e individualidade semiótica. Ambos os conceitos implicam a delimitação da semiosfera do espaço não semiótico. (Lotman, 1990:123) O espaço "nosso", "cultural", é oposto ao "espaço alheio" e "caótico", o que explica a existência de uma certa fronteira.

No entanto, como o espaço da semiosfera tem um carácter abstrato, a sua fronteira deve ser imaginada como a soma de alguns filtros de transição, através dos quais o sentido é traduzido para uma das linguagens do seu espaço interno. A fronteira pertence tanto ao espaço exterior, quanto ao interior sendo, conseqüentemente, um mecanismo bilingue. Somente com a ajuda da fronteira, a semiosfera pode entrar em contacto com o espaço não semiótico, caótico. O grau de "fechamento" da semiosfera

²¹ "formações semióticas de diversos tipos e que se encontram em diversos níveis de organização". (tradução nossa).

manifesta-se na aceitação ou na rejeição de qualquer texto extra-semiótico, ou não-texto. Apesar desta “zona de bilinguismo cultural”, temos também neste mesmo espaço, a “defesa da fronteira”. (Lotman, 1990:131)

Segundo o pensador, dentro da dinâmica inerente à semiosfera, há uma distinção entre o centro do sistema e suas regiões periféricas. As características principais dos subsistemas centrais são a rigidez cultural, a sua auto-descrição e a estabilidade. No entanto, nas estruturas periféricas, acontecem mais ações de troca e transformação de sentido, onde o contacto com outras semiosferas possibilita uma maior atividade semiótica e menor estabilidade.

O centro também se relaciona com a fronteira controlando a zona “buffer”. (Lotman, 1996:13-16) Nessas interações ocorrem renovações e o surgimento de novas formas culturais. Assim, podemos constatar que a semiosfera, sendo heterogénea por sua natureza, se desenvolve a diferentes velocidades nos seus diversos locais. Essa irregularidade é, possivelmente, a mais importante característica da semiosfera, segundo a ideia de Lotman:

El espacio semiótico se caracteriza por la presencia de estructuras nucleares (con más frecuencia varias) con una organización manifiesta y de un mundo semiótico más amorfo que tiende hacia la periferia, en el cual están sumergidas las estructuras nucleares. (...) La interacción activa entre esos niveles deviene una de las fuentes de los procesos dinámicos dentro de la semiosfera. La irregularidad en un nivel estructural es complementada por la mezcla de los niveles.²² (Lotman, 1996:16)

Kirchof observa que a delimitação da semiosfera, bem como as noções de periferia e núcleo, não possui um carácter absoluto e depende sempre do ponto de vista do observador, o que cria uma grande relatividade. (Kirchof, 2011:64) No entanto, todas as estruturas da semiosfera, por todas as suas diferenças, são isomorfas, interconectadas e não podem operar sem suporte entre si, bem como também são organizadas num sistema de coordenadas comum: no eixo do tempo - o passado, o presente, o futuro, e no espaço - o espaço interno, o espaço exterior e a fronteira entre eles.

O semioticista eslavo acredita que a relação de isomorfismo entre as partes e o todo permite um intercâmbio de informações entre os vários sistemas, mesmo que, em ritmos e níveis diferentes.

A essa capacidade, Lotman dá-lhe o nome de diálogo:

Dialogue presupposes asymmetry, and asymmetry is to be seen first, in the difference between the semiotic structures (languages) which the participants in the dialogue use; and second, in the alternating directions of the message-flow.²³ (Lotman, 1990:143)

Segundo Machado, o semioticista russo tende a perceber a dinâmica dos encontros culturais dentro de espaço da semiosfera que são dialógicos. (Machado, 2007:16) Quando as irregularidades

²² “O espaço semiótico é caracterizado pela presença de estruturas nucleares (na maioria das vezes são várias) com uma organização e o mundo semiótico mais amorfo que se concentra na a periferia, na qual as estruturas nucleares estão submersas. (...) A interação ativa entre esses níveis torna-se uma das fontes de processos dinâmicos dentro da semiosfera. A irregularidade a nível estrutural é complementada pela mistura dos níveis”. (tradução nossa).

²³ “O diálogo pressupõe a assimetria, e a assimetria é vista primeiro, na diferença entre as estruturas semióticas (linguagens) que os participantes do diálogo usam; e segundo, nas direções alternadas do fluxo de mensagens”. (tradução nossa).

entre os comunicantes são maiores do que as semelhanças, surge a necessidade de existência de um tradutor cultural.

2.2 Multiculturalidade e comunicação intercultural na literatura infantil

“Se és diferente de mim, meu irmão, em vez de me prejudicares, enriqueces-me.”

(Antoine de Saint-Exupéry, citado por Dias, 2009:45)

Até ao século XX, segundo Raul Iturra, existia uma estrutura mundial com uma divisão definida por “nós” e “eles”, sendo fácil de entender “cada membro individual do grupo, o seu lugar social, a sua hierarquia, a sua capacidade, os seus signos, as suas metáforas; enfim, as suas brincadeiras e dramas, a sua roupa, cores e penteado”. (Iturra, 1997:11)

Posteriormente, o mundo começou a mudar. A divisão óbvia e clara dissolveu-se gradualmente, deixando emergir o conceito de sociedade multicultural. Os fluxos migratórios e turísticos, bem como as diversas fontes de informação com um acesso mais facilitado, devido à revolução tecnológica, permitiram que se infiltrasse na vida contemporânea a “pluralidade de culturas, etnias, religiões, visões de mundo e outras dimensões das identidades.” (Moreira, 2001:41) Assim, o diálogo de várias culturas num único espaço tornou-se algo inerente às sociedades modernas.

Por outro lado, Luís Souta destaca também duas tendências atuais contraditórias: uma crescente internacionalização, com interdependência entre povos, e uma fragmentação em torno da sua identidade nacional. (Souta, 1997:20) Neste contexto, o diálogo intercultural pode facilmente transformar-se em conflito, provocado por diferenças específicas de identidade do grupo social. Por esse motivo, Stuart Hall faz uma advertência nesse sentido da seguinte forma:

Assim, ao ser realizado um movimento em direção à maior diversidade cultural no âmago da modernidade deve-se ter cuidado para não se reverter simplesmente a novas formas de fechamento étnico. (...) Todos nós nos localizamos em vocabulários culturais e sem eles não conseguimos produzir enunciações enquanto sujeitos culturais. (Hall, 2003:83)

À vista disso, a infância, inevitavelmente, acaba de estar envolvida num mundo cada vez mais complexo, com uma pluralidade de ideias, crenças e línguas. Cada criança fica afetada por uma ou ambas as tendências destacadas pelo estudioso Souta. Como nos diz Iturra: “que o mundo tem mudado é inquestionável. E o homem, tem ele mudado? Pouco, muito pouco!”. (Iturra, 1997:11)

Além do mais, a divisão entre “nós” e “eles” ainda continua a existir, embora sem a clareza anterior. Neste sentido, podemos distinguir dois campos: as crianças que “pertencem” à cultura nacional e as crianças oriundas de diferentes países com origens, hábitos, costumes e religiões diferentes. Haverá o diálogo ou o conflito entre elas, sendo esse comportamento muito dependente dos adultos. Portugal, como refere Santos e Santos, é um país cada vez menos monocultural e monolíngue. (Santos e Santos, 2017:24) Nos últimos anos, aos fluxos migratórios vindos dos países lusófonos, acrescentaram-se os imigrantes da Europa da Leste (Ucrânia, Roménia), da Europa Ocidental (Inglaterra,

França), China e outros países²⁴, o que provocou o ingresso nos estabelecimentos de ensino português de muitas crianças de origem estrangeira – originando um interesse pelo tema da inclusão da diversidade cultural nas escolas.

Os professores do ensino pré-escolar, da escola básica e do ensino secundário enfrentaram o problema da melhor forma: integrando as crianças de nacionalidades, culturas, etnias e religiões diferentes na sala de aula. Segundo Anabela Pereira, “a escola e o currículo continuam centrados nos padrões culturais dominantes e as culturas maternas dos grupos minoritários continuam a ser ignoradas.” (Pereira, 2004:21) Consideramos, que muitos professores, ainda, interpretam o conceito de “integração” como “transformação” e tentam alterar a identidade cultural da criança estrangeira, proibindo-a de expressar as suas diferenças culturais e linguísticas dentro do contexto escolar.

Felizmente, também já existem vários profissionais que assumem as diferenças culturais como uma mais-valia, em vez de “defeito”, na formação da identidade da criança influenciada por dois distintos vocabulários culturais. Assim, José Dias destaca que:

A criança descendente de emigrantes encontra-se numa situação em que tem de tecer permanentemente um equilíbrio entre a sua auto-imagem e as imagens de si próprio que lhe são transmitidas pelo meio e subjazem às relações sociais que entretece com os outros e os outros com ele. (Dias, 2009:240)

Deste modo, é importante salientar que o processo de integração não se restringe à sala de aula, com a comunicação entre as crianças estrangeiras e os seus professores. A nova realidade social exige alertar, também, as crianças portuguesas para as diferenças de identidade. Natália Ramos evidencia a ideia de que é fundamental que os quadros legais promovam a integração dos imigrantes em Portugal, sendo também, por sua vez, indispensável desenvolver nos portugueses a capacidade de reconhecer e valorizar as diferenças, assim como de promover o diálogo. (Ramos, 2003:263)

Por outro lado, julgamos que a comunicação intercultural não se limita ao diálogo direto com as pessoas de culturas diferentes. As várias fontes de informação, que chegam aos vários sentidos das crianças nos dias de hoje, transmitem signos e textos pertencentes a outras culturas ou, se nos expressarmos “na linguagem de Lotman”, a semiosferas diferentes. Conseguirão as crianças decifrá-los e interpretá-los? Fará falta o tradutor cultural, que conhece bem os códigos das duas semiosferas?

Segundo a opinião de Salman Rushdie, citado por Morgado, a literatura tem o poder de falar a muitas vozes, de tudo e de todos os modos, mesmo em conflito. (Morgado, 2010:17) À vista disso, podemos afirmar que a literatura infantojuvenil possui o potencial necessário para a resolução das duas situações – ajudar na integração das crianças estrangeiras na aprendizagem da linguagem desconhecida (língua verbal e os seus códigos), assim como decifrar os textos (do ponto de vista da semiótica cultural) que pertencem a uma semiosfera alheia, com ênfase nas diferenças de várias linguagens culturais e nas explicações necessárias quando necessárias.

²⁴ In Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2017 disponível em <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2017.pdf> consultado em 18/04/2019

Margarida Morgado concorda com existência de potencial na literatura para promover o diálogo intercultural e o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o mundo, mas aponta para “a necessidade da sua concretização através de práticas de seleção de materiais e de leitura que acompanham a definição de educação intercultural”. (Morgado, 2010:18)

Aqui, novamente, destaca-se a importância do mediador de leitura, que pode incentivar a leitura, sem criar um obstáculo de compreensão, com a escolha certa da literatura infantil. Segundo nos explica Shavit, citada por Morgado, a literatura para crianças “tem de agradar tanto a adultos como a crianças e tem de responder a um sistema que aceita o que é conhecido e mostra relutância para aceitar novos modelos”. (Morgado, 2010:24)

Com base no exposto, concluímos que comunicação intercultural realmente ocorre na literatura para infância, mas nem sempre acontece sob a forma de diálogo (no sentido mais restrito²⁵). Às vezes pode ser um monólogo, quando a voz do autor não consegue chegar ao leitor consciente; às vezes pode ser uma discussão onde, para além do autor, o tradutor do livro, o mediador da leitura e o próprio leitor acrescentam igualmente as suas mensagens.

²⁵ 1. Conversação entre duas pessoas. "diálogo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/diálogo> [consultado em 21-05-2019].

2.3 O diálogo no livro-álbum para crianças

“A necessary condition for dialogue is love, the mutual attraction of the participants.”²⁶

(Lotman, 1990:143)

Acreditamos que todas as culturas, com a sua capacidade de literacia, escrevem livros destinados para crianças. Assim sendo, podemos considerar a literatura infantil como um artefacto pertencente a uma certa cultura, com a sua codificação distinta. Aplicando a teoria lotmaniana, entendemos que os livros para crianças, criados num certo espaço cultural, atuam não somente como uma subestrutura dentro da sua semiosfera, mas também como uma semiosfera individual.

Chegamos a esta conclusão com base no exemplo de Lotman, segundo o qual o pensador considera que todos os níveis da semiosfera, desde o homem até a um texto, são unidades semióticas e, deste modo, representam semiosferas situadas umas dentro das outras no espaço do diálogo. (Lotman, 1996:25) Como já tínhamos referido anteriormente, analisando as ideias de Lotman acerca de semiosfera, os sistemas culturais destacam-se pelo dinamismo (o movimento alternado entre a periferia da semiosfera e o centro) e o seu carácter semioticamente delimitado pela fronteira, que é considerada ser bilingue e capaz de traduzir as mensagens externas para linguagem interna, e vice-versa. Surge, assim, a noção de que todos os mecanismos de tradução entram na estrutura de fronteira da semiosfera. (Lotman, 1996:14)

Paulo Nogueira, interpretando os conceitos desenvolvidos por Lotman, sustenta igualmente esta ideia: “nas fronteiras que as traduções acontecem, que o que é alossemiótico (...) é inserido na semiosfera por ser traduzido em termos da linguagem interna do sistema”. (Nogueira, 2015:106)

Tendo em conta o exposto, podemos afirmar que, no momento em que pegamos num livro infantil estrangeiro, publicado no nosso país, encontramos-nos no espaço semiótico da fronteira, onde a semiosfera cultural alheia nos transmite a sua linguagem. É possível contrariar essa afirmação dizendo que o livro já é traduzido para a linguagem da nossa semiosfera. Sim, o tradutor já fez o seu trabalho e traduziu (ou tentou traduzir) o significado do código verbal - a língua; mas sobram outros tipos de signos, os quais tornam a tradução difícil ou impossível. E que signos são esses?

A maior parte da literatura para adultos está associada aos signos verbais que carecem de decodificação e interpretação linguística. Mesmo assim, o processo de tradução comporta muitos desafios. Refletindo sobre isso, Rui Mateus, com base na citação de Roman Jakobson destaca “a impossibilidade de uma total coincidência entre as unidades sígnicas que servem de ponto de partida para a tradução e a solução proposta à chegada”, assim como a “natureza hermenêutica do ato de traduzir.” (Mateus, 2013:31)

²⁶ “A condição necessária para o diálogo é o amor, a atração mútua dos participantes”. (tradução nossa)

No entanto, quase todos os livros para crianças combinam códigos verbais, visuais e, às vezes, táteis, especialmente, no formato de livro-álbum. Acreditamos que qualquer livro-álbum é uma estrutura de signos, por combinar em si várias mensagens de vários níveis, que exigem decifração. Dentro destas mensagens existem, inevitavelmente, traços culturais, como em todos os objetos criados pela certa cultura, tal como confirmam as palavras de Cristina Belcher:

Picture books are not neutral. They display the life of humans and how they live in the world. It is not surprising that researchers have been interested in the field of children's picture books as narrative vehicles that represent change in culture, and form a particular kind of literary history.²⁷ (Belcher, 2018:30)

Daqui surge o pressuposto de que os livros-álbum produzidos por autores estrangeiros possuem signos culturais codificados nas suas ilustrações, difíceis ou impossíveis de traduzir, o que pode interferir com o aparecimento do diálogo. Segundo teoria de Lotman, para existência do diálogo são essenciais dois componentes: diferença semiótica entre as estruturas, que não pode ser tão crucial que impeça o diálogo; e transmissão-receção mútua de mensagens. (Lotman, 1990:143) Ou seja, quando o recetor não reconhece o código da mensagem (língua, imagem, gesto, etc.) o diálogo não acontece. O único critério que pode ajudar nessa situação, especifica Lotman, é o interesse e o afeto entre os comunicantes:

The need for dialogue, *the dialogic situation*, precedes both real dialogue and even the existence of a language in which to conduct it: the semiotic situation precedes the instruments of semiosis.²⁸ (Lotman, 1990:144)

Tendo em conta o que foi dito, percebemos que o diálogo entre o livro infantil e o seu leitor acontece mesmo quando o código do livro não é decifrado completamente, existindo, no entanto, interesse e gosto pelo processo de comunicação. Assim, descobrimos que todo o diálogo é entendido como comunicação. Natália Ramos assinalou oito componentes inerentes ao processo comunicativo (a origem, a codificação, a mensagem, o canal de transmissão, o recetor, a descodificação, a resposta do recetor e a retroação) e salienta que:

Toda a comunicação é dinâmica, interativa, irreversível e produz-se num determinado contexto físico e sociocultural. Assim, a comunicação não se limita apenas às mensagens e às interações, mas inclui também o sistema, o contexto que as torna possíveis. (Ramos, 2001:159)

Portanto, reconhecemos que no processo da leitura todos estes componentes estão envolvidos no contexto sociocultural. Em seguida vamos abordar alguns destes conceitos na perspetiva do diálogo entre o livro-álbum e o seu leitor.

²⁷ “Os livro-álbums não são neutros. Eles representam a vida dos humanos e como estes vivem no mundo. Não é de espantar que os estudiosos se tenham interessado no campo dos livros-álbum para crianças como veículos para a narrativa que representam mudanças na cultura, formando uma forma particular de história literária”. (tradução nossa)

²⁸ “A necessidade de diálogo, a situação dialógica, precede tanto o diálogo real, como a existência de uma linguagem através da qual se pode conduzi-lo: a situação semiótica precede os instrumentos de semiose”. (tradução nossa)

Apesar de um livro-álbum ser destinado a crianças, a sua mensagem pode ser muito complexa e “*multilayer*”, devido à combinação dos códigos ilustrativos, textuais e extratextuais. Pela prevalência da componente ilustrativa nos livros-álbum, as múltiplas mensagens que eles transmitem podem ser decifradas através dos seus códigos visuais.

William Moebius apresenta uma possível classificação dos códigos situados na presença e formatação das imagens do livro-álbum infantil:

- **Os códigos de tamanho de posição e retornos decrescentes:** a posição e o tamanho do sujeito retratado na página são importantes e englobam o código. A altura pode indicar o feito estático, o sonho, o status social alto, a força, a imagem positiva de si próprio, enquanto o retrato baixo pode indicar o oposto: a tristeza, o status social baixo, etc. A posição da personagem pode indicar força ou fraqueza, de acordo como esta está representada na página - se está ao centro, perto das margens, ou está numa ou em várias cenas na mesma página (retornos decrescentes).
- **Os códigos de perspectiva:** a ausência de horizontes onde antes eles estavam presentes, ou a clara definição entre as partes em cima e de baixo podem significar perigo ou problemas, assim como os espaços “brancos” podem exprimir ansiedade.
- **Códigos do enquadramento retangular e circular:** permitem ao leitor identificar o mundo, dentro e fora da história. Quando a personagem está dentro do enquadramento retangular a vista para mundo é limitada. Por outro lado, quando o enquadramento desaparece, a ilustração constitui uma experiência total. Este tipo de enquadramento também expressa limitação, sensação de violação, ou proibição. E, ao contrário, quando o enquadramento tem uma forma circular, é muito provável que a personagem se sinta segura.
- **Os códigos de linhas e rabiscos:** A intensidade da experiência da personagem pode ser expressa pela grossura, suavidade ou irregularidade das linhas, o número delas, a existência de ângulos agudos ou a sua disposição paralela. As linhas finas podem significar mobilidade e velocidade; grossas - estagnação confortável; os ângulos agudos falam sobre emoções conturbadas e vida em perigo; os rabiscos representam vitalidade ou excesso de energia.
- **Código de cor:** ao identificar o significado da cor não nos podemos agarrar ao estereótipo de que as cores claras significam felicidade e bom humor e as cores escuras tristeza e desapontamento. O código das cores tem de ser relacionado com os outros objetos do livro.

(Adaptado de Moebius, 1986:139-143)

Outro fator relevante na codificação da mensagem é a sua intertextualidade, que acontece quando o texto está construído em conexão com outros textos já existentes. A intertextualidade é o resultado de uma sobreposição de textos através de imitações, paródias,

citações, plágios, alusões, críticas, paráfrases, entre outros. A intertextualidade na forma de citação mostra abertamente a ligação entre os textos ao leitor, enquanto a alusão invoca preparação prévia para ser decifrada. (Freitas, et al, 2016:612) O diálogo entre uma obra literária e outra pode, igualmente, estar presente numa narrativa verbal e no texto visual. Segundo Moebius “the phenomenon of intertextuality is more common in the picturebook than might appear”²⁹. (Moebius, 1986:138)

Esta perspectiva também é suportada por Graça Ramos:

Na linguagem contemporânea dos livros-álbuns, o recurso à intertextualidade, esse diálogo entre textos, essa autorreferência que faz à literatura, é frequente, ocorrendo o mesmo com a ilustração. (Ramos, 2011:86)

Quando as alusões da ilustração no livro-álbum têm uma mensagem oculta, com o código conhecido só para os membros de cultura própria, é muito provável que o leitor não consiga decifrá-la sem a ajuda do tradutor. Por isso, as traduções dos livros infantis e, particularmente, dos livros-álbum são consideradas tão desafiantes.

Entre os estudos relativos à tradução de literatura infantil, as pesquisas sobre tradução da componente extratextual são bastante escassas. Enquanto a tradução da parte verbal pode ser abordada do ponto de vista dos estudos teóricos de tradução, a tradução da componente extratextual (ilustrações, estilo das letras, etc.) encontra-se ausente ou não é salientada.

Riitta Oittinen enfatiza a presença do diálogo multifacetado no processo de tradução para crianças, quando há múltiplos emissores (autor, tradutor, ilustrador) e recetores (mediador da leitura adulto, leitor-criança). A investigadora considera a parte visual do livro igualmente importante na construção de um “todo”, daí a ideia de que as ilustrações não devem ser excluídas da tradução (Oittinen, 2000:101):

When translating picture books, where illustration is an essential element of the story, translators need to have the ability to read pictures, too, in the same way as they need the ability to read and write foreign written and spoken languages.³⁰ (Idem)

Apesar de não ser muito estudada, e de ser pouco e raramente aplicada, a tradução da parte visual pode contribuir para a resposta de leitor ou para a resposta do recetor, falando em termos de comunicação. A teoria da resposta do leitor surge no início de século XX, com os primeiros estudos nesta área. Nos anos 70 do século passado, os estudiosos Beach e Purves focaram as suas investigações teóricas e empíricas feitas nos Estados Unidos da América sobre as respostas do leitor para literatura entre os estudantes de diferentes faixas etárias.

Com base nos resultados obtidos nesse estudo, foi elaborado um possível esquema de classificação de respostas do leitor:

²⁹ “O fenómeno da intertextualidade é mais comum nos livros álbum do que pode parecer. (tradução nossa)

³⁰ “Quando se traduzem livros-álbum, onde a ilustração é um elemento essencial da história, os tradutores necessitam de ter a habilidade de saber ler os desenhos, igualmente, da mesma forma, que precisam de saber ler e escrever línguas estrangeiras de forma escrita e oral”. (tradução nossa)

Compreensão	Julgamento	Resposta	Processo de resposta	Satisfação
Falta de informação	Gosto geral	Pessoal	Identificação	Instrumental
Falha cognitiva	Gosto formal	Descritivo	Projeção	Prazer (Intelectual)
Bloco psicológico	Gosto de conteúdo	Interpretativo	Catarse	Prazer (Emocional)
	Julgamento pessoal	Avaliativo	Visão	

Tabela 6 Classificação de respostas do leitor. (Beach e Purves, 1972:37)

A teoria da resposta do leitor envolve três componentes do processo: o leitor, o texto e o contexto³¹. Os autores da classificação sublinham a importância das características pessoais do leitor e identificam dois tipos de reações para o texto literário: reação objetiva e reação subjetiva. Por sua vez, em complemento a esta teoria, Purves e Reppere acrescentam:

Response to literature is mental, emotional, intellectual, sensory, physical. It encompasses the cognitive, affective, perceptual, and psychomotor activities that the reader of a poem, a story, or a novel performs as he reads or after he has read.³² (Purves e Reppere, 1968:XIII)

Por seu turno, Marshall nomeia dois pressupostos predominantes em relação à resposta do leitor: primeiro – as regras e regulamentos escolares têm influência sobre os tipos de resposta literária que os alunos acham apropriados e até naturais; segundo – as normas, os valores e as preocupações de leitor, ou seja, o seu contexto cultural, afetam diretamente as respostas que são obtidas. (Marshall, 2000:393)

Squire refere algumas sugestões que os investigadores da resposta do leitor devem ter em conta sobre esta temática:

- A resposta é afetada por conhecimentos e experiências anteriores;
- A resposta difere consoante o tempo e o lugar;
- A resposta à literatura varia segundo o modelo retórico presente - narrativo ou não narrativo, eferente ou estético;
- Os leitores geralmente têm uma resposta comum a um texto literário, mas não há duas respostas idênticas;
- Importantes diferenças de desenvolvimento podem ser observadas na forma como as crianças respondem à literatura. (Squire, 1994:640-645)

³¹ A situação em que uma pessoa lê e responde ao texto.

³² “A resposta à literatura é mental, emocional, intelectual, sensorial e física; abrange a parte cognitiva, afetiva, perceptual, assim como as atividades psicomotoras que o leitor de um poema, de uma história ou de um romance desenvolve à medida que lê ou após a leitura.”. (tradução nossa)

A respeito do livro-álbum, Serafini demonstra que deduzir as conclusões da combinação das imagens com o texto (ou seja, interpretar os textos multimodais tendo em conta as experiências e contextos socioculturais) é um desafio para muitos leitores. (Serafini, 2010:101)

Muitos livros-álbum usam símbolos ou metáforas visuais que exigem uma leitura muito atenta para os decodificar. Do ponto de vista semiótico, as imagens nos livros-álbum são representações icónicas, combinações de significantes (formas) e significados (significados), sendo, por sua vez, as palavras tidas como figuras simbólicas. (Kress e Van Leeuwen, 2006:8)

Mediante o exposto, os estudiosos da resposta do leitor sublinham a indispensabilidade da empatia por parte do leitor com o texto; essa empatia ajudá-lo-á a interpretar e a responder ao duplo código do livro-álbum. A identificação do leitor com as personagens, ao ler a literatura de ficção, é essencial para o seu envolvimento emocional com a história (Oatley, 1999:446). Esta identificação é especialmente importante na leitura de um livro-álbum, onde a descrição verbal dos estados emocionais pode ser substituída por desenhos, que transmitem os sentimentos através de posturas corporais e expressões faciais. (Keen, 2011:146)

Ademais, é igualmente indispensável a compreensão da situação narrativa, que combina as informações sobre a pessoa da narração, a localização implícita do narrador, a relação do narrador com as personagens e a perspetiva interna ou externa das personagens.

Concluimos assim, concordando com a ideia de Holland, que qualquer texto é construído individualmente por cada indivíduo que o lê, trazendo algo pessoal para a compreensão, tal como afirma: “actual readings vary so much from one person to another. Reading is permeated with the uniqueness of your personality or mine”³³. (Holland, 1985:7).

³³ “As leituras atuais variam imenso de uma pessoa para a outra. A leitura é atravessada pela singularidade da sua ou da minha personalidade.”. (tradução nossa)

Parte II. Estudo prático

Capítulo I – Quadro metodológico

*You see things; you say, 'Why?' But I dream things that never were; and I say 'Why not?'*³⁴

(Shaw, 1930:7)

1.1 Contextualização e definição dos objetivos do estudo

A revisão teórica apresentada na primeira parte deste trabalho revela a sua principal intenção - unir as duas áreas do estudo: a da literatura infantojuvenil, focada no fenómeno recente do livro-álbum, e da semiótica, com atenção especial à semiótica cultural. Tendo em conta a simbiose dos conceitos teóricos das áreas mencionadas foi realizado um estudo de caso que se enquadrou nesta tese de dissertação, procurando dar resposta às questões emergentes na revisão da matéria já existente sobre o assunto.

Conforme as indicações de Strauss, citado por Flick, é essencial, inicialmente, definir “as questões degenerativas”, que “estimulam a linha de investigação”. (Strauss, 1987: 22 em Flick, 2013: 94)

Deste modo, após a pesquisa teórica, surgiram as seguintes perguntas: poderiam ser aplicados a este estudo os conceitos de semiótica cultural da teoria de Lotman? Existem mensagens de conotação cultural na literatura infantil? Como é que estas mensagens são transmitidas através do texto visual? Serão fácil e corretamente interpretadas no âmbito de outra semiosfera? Existirão no formato do livro-álbum muitas mensagens deste tipo? As mensagens do texto visual num livro-álbum exigem uma tradução cultural? Qual o impacto dos símbolos culturais na resposta do leitor? A resposta do leitor a um determinado texto muda consoante o seu *background* cultural? As campanhas publicitárias influenciam a resposta do leitor à mensagem de um livro?

Atendendo ao conjunto de questões levantadas, foi definido o objetivo principal, assim como os objetivos específicos da investigação:

O objetivo principal é identificar as distinções na resposta do leitor a um “mesmo”³⁵ texto de literatura infantil (especificamente num livro-álbum), dependendo do diferente meio de semiótica cultural do leitor.

³⁴ “Tu vês coisas e dizes “Porquê?”; Mas eu sonho com as coisas que nunca existiram e digo: “Por que não?””. (tradução nossa)

³⁵ Devido às transformações da mensagem, subsequentes da tradução, que podem ser ínfimas, mas que, no entanto, existem, dificilmente podemos constatar que o texto é o mesmo.

Os objetivos específicos centram-se em perceber e relatar:

- Quais os signos presentes no *corpus* do estudo que têm conotação cultural;
- De que maneira os signos culturais existentes nas ilustrações do livro-álbum são reconhecidos pelos leitores da cultura nativa e da cultura alheia;
- Como o contexto cultural da origem do livro é refletido nas respostas dos leitores da cultura nativa e da cultura alheia;
- De que forma a política de *branding* e de *merchandising* feita na Lituânia à volta do livro-álbum *A felicidade é uma raposa*³⁶ influencia as respostas dos leitores/ dos mediadores de leitura e as reações emotivas evocadas pelo livro.

³⁶ O livro-álbum *A felicidade é uma raposa* é bastante conhecido na Lituânia graças ao êxito da sua estratégia de vendas, que criou uma marca à volta do livro com produtos e atividades relacionadas com os protagonistas da história.

1.2 Apresentação do paradigma metodológico e metodologia aplicada

Todo o trabalho científico deve ter estabelecido um paradigma (Coutinho, 2011) ou uma concepção (Creswell, 2010) aceite por uma comunidade científica. Clara Coutinho define um paradigma de investigação como “um conjunto articulado de postulados, de valores conhecidos, de teorias comuns e de regras que são aceites por todos os elementos de uma comunidade científica num dado momento histórico “ (Coutinho, 2011:9) e distingue três modelos paradigmáticos: o quantitativo ou positivista, o qualitativo ou o interpretativo e sócio-crítico.

John Creswell, por seu turno, apresenta quatro concepções de investigação: pós-positivista, construtivista, reivindicatória/participatória e pragmática. (Creswell, 2010: 28) Comparando as teorias dos dois autores percebemos que a concepção pós-positivista coincide com o paradigma quantitativo, centrado na objetividade e na verificação das teorias orientadoras do estudo. Na concepção construtivista, que, em alguns aspetos, é semelhante ao paradigma qualitativo e, em outros, coincide com o paradigma sócio-crítico, analisam-se as experiências pessoais e os significados atribuídos às mesmas. O paradigma sócio-crítico também possui alguma similitude com as ideias das concepções reivindicatória/participatória e pragmática, que tendem a ajustar-se aos indivíduos da nossa sociedade e às questões da justiça social.

Tendo em conta que os paradigmas de investigação servem só como uma orientação no processo de estruturação da pesquisa e na clarificação da metodologia, estipulamos que o presente estudo se enquadra no paradigma interpretativo, assim como a sua orientação interpretativa está mais centrada na descrição do que na generalização.

Devido ao carácter do presente estudo, bem como aos recursos e ao *timing* disponível, foi adotada a metodologia qualitativa por ter sido identificada como a mais apropriada. Para Denzin e Lincoln, a palavra qualitativa implica uma ênfase nos processos e significados que não são examinados nem medidos (se chegarem a ser medidos) rigorosamente. (Denzin e Lincoln, 1994:4)

Segundo Bogdan e Biklen, a investigação qualitativa é “um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico.” (Bogdan e Biklen, 1994:16) Tendo em conta as orientações de Bogdan e Biklen, foi adaptada a estratégia de investigação dos estudos de caso comparativos, quando “dois ou mais estudos de caso são efetuados e depois comparados e contrastados.” (Bogdan e Biklen, 1994:97)

O fundamento comparativo da nossa investigação foi o contexto do estudo e a origem cultural dos sujeitos. Com este intuito, foram escolhidos dois locais geograficamente distintos e com traços culturais diferentes:

- i. Distrito de Siauliai, Lituânia;

ii. Distrito de Aveiro, Portugal.

Assim, no desenvolvimento da investigação, adaptou-se o seguinte procedimento metodológico:

- formulação dos objetivos do estudo;
- escolha do *corpus*;
- tradução do *corpus* selecionado da língua lituana para português e adaptação visual do *corpus* do estudo;
- análise detalhada do *corpus*, tendo em vista a análise dos conceitos semióticos;
- preparação e registo de entrevistas semiestruturadas nos dois contextos culturais distintos, realizadas individualmente com os sujeitos do estudo;
- organização e apresentação do material recolhido, seguindo-se a interpretação dos resultados.

No estudo dos dados recolhidos foi aplicado o método da análise comparativa de conteúdo e das amostras, sem empregar as técnicas de estatística, generalização dos resultados e evocação das hipóteses.

1.3 Métodos e ferramentas da recolha dos dados

Nas investigações de carácter qualitativo favorecem-se as amostras de menor dimensão. À vista disso, a nossa investigação foi realizada com 24 participantes no seu total. A recolha da amostra foi implementada durante as entrevistas individuais semiestruturadas com os sujeitos de estudo.

Os dados foram recolhidos entre 2018 e 2019. Para atender aos objetivos desta investigação, foram criados dois grupos comparativos de entrevistados, tendo sido efetuadas 12 entrevistas em cada local do estudo. Os entrevistados foram escolhidos de forma aleatória, respeitando os seguintes critérios:

- origem e ligação cultural com o local de entrevista (na Lituânia entrevistados só os sujeitos de naturalidade lituana, em Portugal entrevistados só os sujeitos de naturalidade portuguesa);
- idade dos leitores iniciantes: 5-12 anos e existência da permissão dos respetivos pais. (efetuadas 6 entrevistas em cada contexto);
- escolaridade dos mediadores de leitura: igual ou superior ao 12.º ano (efetuadas 6 entrevistas em cada contexto).

A entrevista é definida por Haguette (1997: 86) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. O método da investigação qualitativa não favorece a presença do questionário rígido nas entrevistas. O papel do entrevistador é adaptar-se à situação e registar não só as respostas verbais, como também as observações e a expressividade que surge durante a entrevista.

Porém, para orientar o processo das entrevistas dentro da linha da investigação, foram, antecipadamente, preparadas as questões básicas da entrevista que, posteriormente, conforme a necessidade, foram alargadas ou ligeiramente alteradas, sendo por vezes apresentados esclarecimentos adicionais e/ou questões norteadoras em relação ao nível de desenvolvimento e qualidades pessoais da criança (falador, recatado, agitado, expansivo, fechado) ou do adulto.

Os objetivos, ao entrevistar os leitores iniciantes e os mediadores de leitura, foram diferentes; por esse motivo, foram elaborados dois questionários para cada grupo de investigação em duas línguas - lituano e português.

Os objetivos específicos das entrevistas com as crianças:

- Descobrir se os leitores entenderam o conteúdo do livro;
- Descobrir quais as emoções que foram causadas/despertadas pela leitura do livro;
- Avaliar as perceções do leitor acerca do livro;
- Descobrir se o assunto e os termos do livro são compreendidos por este grupo etário;
- Descobrir quais os aspetos culturais que os leitores encontraram;

- Avaliar a qualidade das ilustrações e as emoções despoletadas por elas.

Os objetivos específicos das entrevistas com os adultos:

- Descobrir a opinião e avaliação sobre o livro, sobre as suas ilustrações e a sua narrativa;
- Descobrir aquilo de que mais gostaram no livro, quer em termos da narrativa verbal, quer das ilustrações que o acompanham;
- Descobrir se o assunto e os termos utilizados no livro são percecionados como sendo de fácil compreensão pela faixa etária à qual este é destinado;
- Descobrir se é possível serem identificadas características culturais (lituanas) no livro.

As questões apresentadas foram ligeiramente adaptadas, tendo em conta as diferenças do contexto da investigação, por isso não foram sempre completamente idênticas. As questões que diferem em língua lituana estão marcadas com um asterisco e são apresentadas, traduzidas para português. (ver anexos: Questionário para os leitores iniciantes e Questionário para os mediadores de leitura)

O procedimento das entrevistas aos mediadores de leitura (adultos), assim como aos pequenos leitores, pode ser dividido em três etapas: a pré-leitura, a leitura e a pós-leitura.

Na Lituânia, a orientação da primeira etapa com os grupos entrevistados foi ligeiramente diferente, pois muitos já conheciam bem o livro. Deste modo, inicialmente desvendámos se o livro-álbum já seria familiar ao entrevistado, e, no caso de o livro não ser do seu conhecimento, deixámo-lo familiarizar-se com a sua narrativa e ilustrações.

Na segunda etapa, com as crianças, lemos o livro, deixando-as observar as ilustrações durante o processo de leitura. Os adultos, obviamente, procederam à leitura autónoma do livro.

Durante a pós-leitura, o entrevistado foi interrogado de acordo com o guião de perguntas elaborado, com o fim de avaliar e registar as suas respostas e opiniões, apontando, inclusivamente, as suas expressões emocionais não-verbais: o interesse, as suas dúvidas e a dissociação sentida.

Como a língua desta dissertação é a língua portuguesa, de forma a tornar a análise dos resultados mais perceptível, todas as amostras recolhidas na Lituânia foram posteriormente traduzidas - estando apresentadas nos anexos em lituano e em português.

1.4 Apresentação e fundamentação da escolha do *corpus*

Para o *corpus* da investigação necessitámos de um livro de literatura infantil que pertencesse à cultura lituana e que não tivesse sido publicado em Portugal.

Uma vez que o nosso estudo é focado na interpretação cultural de signos visuais, a opção mais adequada na escolha do *corpus* recaiu no formato de livro-álbum, nomeadamente pela visualidade dos livros deste género literário ou formato editorial.

Todos os anos, os especialistas da Biblioteca Internacional da Juventude na Alemanha, seleccionam livros infantojuvenis recentes, publicados em todo o mundo, que eles consideram de alta qualidade. Esta lista de livros, que merece atenção mundial devido ao seu estilo artístico e literário, é compilada no Catálogo anual *White Ravens*, anualmente apresentado na Feira do Livro Infantil de Bolonha e na Feira do Livro de Frankfurt. Este foi o principal critério para a escolha do livro-álbum *Lapé yra laimė (A felicidade é uma raposa)* de Evelina Daciute e Ausra Kudulaite, que figurou no Catálogo *White Ravens*³⁷ em 2017, tendo sido um dos dois livros de publicação lituana nomeados nesse ano. Baseando-se no facto de que o livro mencionado foi o único livro-álbum lituano eleito nesse ano, escolhemo-lo para o *corpus* do presente estudo.

Os dois locais da investigação exigiram uma adaptação ajustada do *corpus*. Sendo assim, nas entrevistas da Lituânia foi usado o livro-álbum na sua versão original; já no caso das entrevistas com os sujeitos portugueses foi obviamente necessária a adaptação do texto, ou seja, a tradução da língua da narrativa e o seu ajustamento à parte visual do livro-álbum, tentando sempre manter os possíveis códigos culturais, de modo a evitar a distorção da informação presente no mesmo.

Aqui apresentamos um exemplo das páginas do livro original em língua lituana e do material já adaptado para o contexto português, que foi posteriormente usado nas entrevistas efetuadas em Portugal.



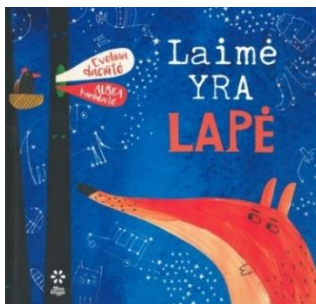
Figura 1 Livro original



Figura 2 Versão adaptada do livro original

³⁷ Disponível em <http://whiteravens.ijb.de/book/636> consultado em 07/06/2019

Livro – A Felicidade é uma Raposa



Lapė yra laimė (A felicidade é uma raposa)

Editora: Tikra knyga

Data de publicação: 2016

Páginas: 48

ISBN: 9786098142310

Formato: 26 x 25 x 0,8 cm, capa dura

Língua: lituano

Curiosamente, durante a preparação e a implementação da presente investigação foi publicada a tradução do livro *A felicidade é uma raposa* em língua inglesa. O *corpus* usado nas entrevistas em Portugal é baseado na versão original deste livro *Lapė yra laimė* e difere, evidentemente, em alguns aspetos da versão inglesa oficialmente publicada.

Segue-se a apresentação analítica, mais detalhada, da versão original do livro-álbum publicado na Lituânia e a sua comparação com a sua versão inglesa.



The fox on the swing (A raposa no balanço)

Editora: Thames & Hudson

Data de publicação: 2018

Páginas: 48

ISBN: 9780500651568

Formato: 26 x 25 x 0,8 cm, capa dura

Língua: inglês

Tradutor: não indicado

Autora ³⁸



Evelina Daciute formou-se em jornalismo, trabalhou na área dos media, empresas de entretenimento, de telecomunicações e agências de relações públicas. Escreveu também poemas e contos para adultos. Devido ao serviço diplomático do marido, passou 4 anos na China, onde começou a escrever histórias para crianças e publicou quatro livros infantis.

O seu primeiro livro: *Meškių istorijos. Lubinų labirintas*³⁹ foi publicado em 2014, em coautoria com o ilustrador Rasa Kaper, proveniente da Holanda. Em 2015 foram editados mais dois livros desta série: *Medaus mainai*⁴⁰ e *Meškiai eina į mokyklą*⁴¹ e mais uma história *Drambliai ėjo į svečius*⁴².

Posteriormente voltou para Lituânia. O livro *Lapė yra laimė*⁴³ foi publicado em 2016 e recebeu diversos prémios na Lituânia e no estrangeiro. É um dos raros livros infantis lituanos que foi traduzido para outras línguas. Agora, crianças da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos da América, da Austrália, da Nova Zelândia, assim como da Coreia do Sul, da Eslováquia, ou da Roménia, podem ler esta história.

Atualmente, Evelina Daciute é autora de 7 livros infantis e vive nos EUA.

Ilustradora ⁴⁴



Fotografia 2 Aušra Kiudulaitė

Aušra Kiudulaitė é pintora, designer gráfica e ilustradora de livros. Nasceu em 1978 em Vilnius. Fez os seus estudos na Academia de Artes de Vilnius no curso de pintura. Em 2007 recebeu o seu diploma de mestrado. Durante muito tempo trabalhou como designer gráfica em várias agências de publicidade. Depois do nascimento do seu filho iniciou-se na ilustração de livros infantis. Em 2015 venceu o concurso organizado pelo Instituto de Cultura da Lituânia para a Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha, e nesse mesmo ano, ganhou o segundo prémio no Concurso Internacional de Ilustração *WomanInnovation* em Itália.

³⁸ Fonte: <http://tikraknyga.lt/3403-2/>

³⁹ Histórias dos ursos. O labirinto de Lubinos. (tradução nossa)

⁴⁰ Troca de mel. (tradução nossa)

⁴¹ Os ursos vão à escola. (tradução nossa)

⁴² Os elefantes vão a uma visita. (tradução nossa)

⁴³ A felicidade é uma raposa. (tradução nossa)

⁴⁴ Fonte: <https://www.alfa.lt/straipsnis/50130437>

Conteúdo narrativo

O tamanho da narrativa, bem como a quantidade das páginas do livro-álbum *A felicidade é uma raposa* ultrapassam as características *standard* predefinidas por Carina Rodrigues. (Rodrigues, 2009: 131) Este livro é mais uma prova de que o formato do livro-álbum está em mudança.

A história começa com a frase clássica dos contos de fadas: “era uma vez”, que logo aparece corrigida pelo narrador: “Não, não é bem assim. A nossa história começa de uma maneira diferente...”. Desde as primeiras palavras, o narrador expressa a sua vontade de tirar as crianças contemporâneas do mundo mágico dos contos de fadas e criar um outro, mais ligado à sua realidade, mas igualmente cheio de imaginação e magia. Numa entrevista, a autora do livro-álbum, Evelina Daciute, expressa a necessidade de que as crianças modernas precisam de ter não apenas da floresta e das criaturas mágicas, mas também da realidade da cidade, do ambiente em que vivem, que as reflete.⁴⁵

O herói principal da história é um menino chamado Paulo (Povilas), que vive numa cidade grande. Ele vive com o pai e a mãe numa casa numa árvore, o que torna logo este menino diferente e especial. O pai pilota um helicóptero e trabalha na área da logística, a mãe é artesã e confeciona potes de barro em casa. Com a exceção de alguns pormenores distintos, trata-se de uma família comum, como tantas outras; até que um dia na vida de Paulo aparece uma raposa que se torna amiga dele. Entretanto, o pai da família sobe a escada da sua carreira profissional de maneira bastante tradicional.

As suas conquistas são contadas com ironia e vistas através dos olhos de uma criança. “Uma vez, o Papá voltou do trabalho muito contente, deu muitos beijinhos à Mamã, levantou o Paulo no ar e anunciou que se iam mudar para uma cidade muito maior, viver numa árvore mais alta, que cresce num parque mais amplo, e que ele iria pilotar um helicóptero mais potente.” O menino não partilha do entusiasmo do pai, pois esta mudança significa a perda da sua amizade com a sua amiga raposa. Apesar disso, as opiniões das crianças raramente alteram as decisões dos adultos - a família muda-se para uma cidade maior. Ainda assim, a história tem um final feliz - Paulo reencontra novamente a sua raposa e a sua amizade continua.

Bastante simples e linear à primeira vista, a narrativa fala sobre temas sérios e importantes para o leitor: a amizade e a generosidade, a tristeza da perda, a alegria da descoberta, o medo da mudança e a reconciliação e aceitação das mesmas, e o sentido da felicidade, que é diferente para cada um. As ideias filosóficas estão incorporadas numa narrativa bastante lúdica e repleta de ironia e bom humor.

A narrativa é construída empregando repetições de situações e até mesmo frases inteiras que, por um lado, dão ênfase às ideias expressas textualmente e, por outro, agradam às crianças de menor idade.

Na tradução elaborada oficialmente para língua inglesa a narrativa mantém a sua linha e não traça alterações da história.

⁴⁵ Fonte: <https://www.15min.lt/kultura/naujiena/literatura/nesulaukusi-paramos-is-lietuvos-leideju-evelina-daciute-kreipiasi-i-knygu-skaiytojus-286-821652>

Numa entrevista, a autora confessa que nos seus livros, escreve “em duas camadas” - uma para crianças e outra para adultos, para a sua leitura proporcionar prazer a todos. Isto não é suficiente para tornar o presente livro-álbum no género de *crossover fiction*, mas o facto de despertar o interesse de um adulto, que é o mediador da leitura, funciona como um fator positivo na escolha do livro-álbum e no processo da leitura.

Expressão visual e elementos paratextuais:

Genette define os elementos paratextuais como:

liminal devices and conventions, both within the book (peritext) and outside it (epitext), that mediate the book to the reader: titles and subtitles, pseudonyms, forewords, dedications, epigraphs, prefaces, intertitles, notes, epilogues, (...) also the elements in the public and private history of the book⁴⁶. (Genette, 1997: xviii)

Estes elementos verbais e não-verbais acrescentam um significado complementar à obra. Isto permite uma melhor compreensão e interpretação pelo leitor. Os elementos paratextuais estão identicamente ligados às estratégias de marketing das editoras e servem para captar a atenção dos potenciais compradores. A visibilidade do livro é particularmente importante para esse fim, pois na sociedade atual existe manifestamente uma predominância de informações visuais que afetam a consciência dos consumidores e o seu comportamento perante o interesse e decisão da compra.

Nos livros infantis, a visualidade do produto final abrange o interior do livro (guardas, ilustrações, cores, características tipográficas), assim como a sua parte externa (capa, contracapa, lombada, formato, volume). A seleção destes elementos é tão importante como a sua usabilidade efetiva e coerência.

O livro-álbum *A Felicidade é uma raposa* foi criado primeiramente por duas pessoas - a autora e a ilustradora. Nas suas entrevistas à imprensa, ambas comprovaram o seu trabalho conjunto enquanto desenvolviam o livro. Na criação dos livros-álbum, a colaboração do escritor e do ilustrador é essencial, visto que, no produto final, as ilustrações e a narrativa devem complementar-se harmoniosamente.

Na versão traduzida, apesar de existir uma tentativa óbvia em manter a disposição original, muitos elementos paratextuais acabam por ser um pouco diferentes do livro original, o que cria impressão ligeiramente dissemelhante. Em seguida vamos analisar estas diferenças com mais atenção.

⁴⁶ “dispositivos e convenções liminares, tanto no livro (peritext) como fora dele (epitext), que mediam o livro para o leitor: títulos e legendas, pseudónimos, prefácios, dedicatórias, epígrafos, introduções do autor, intertítulos, notas, epílogos, (...) assim como os elementos da história pública e privada do livro”. (tradução nossa)

Elementos peritextuais:

- Formato

Usualmente, os livros-álbum podem assumir os mais diversos formatos, mas no caso de *A felicidade é uma raposa* foi escolhido um formato de livro bastante convencional.

O livro tem um formato praticamente quadrado (26x25cm), o que permite pegar e manusear o livro de uma maneira segura e confortável. *A raposa no baloiço* (na versão inglesa) mantém esse mesmo formato e contém o mesmo número de páginas, como já foi referido anteriormente, o que o faz ultrapassar o limite *standard* do género de livro-álbum (24-32 páginas), como referido por Carina Rodrigues (Rodrigues, 2009: 131) - que tem 48 páginas - não sendo muito comum que um livro-álbum seja composto por tantas páginas.

- Capa

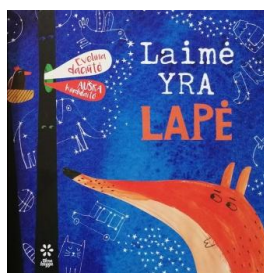


Figura 3 Capa do livro *A Felicidade é uma raposa* (versão original)

O objetivo da capa de um livro é a criação de expectativas junto do leitor sobre o que se encontra no seu interior, bem como, evidentemente, atrair a atenção do seu público-alvo que, no caso da literatura infantil, consiste nas crianças (os leitores) e nos adultos (mediadores de leitura), sendo eles os responsáveis pela sua compra. Observando as capas dos dois livros analisados, temos uma pista sobre quem será a personagem principal da história, quais serão possivelmente as cores predominantes usadas e qual o estilo de ilustrações que a acompanhará. No entanto, as capas das duas edições são bastante diferentes em relação ao título, à ilustração e à tipografia escolhida.

A ilustração da capa do livro *A felicidade é uma raposa*, com o retrato da raposa cor de laranja a contemplar uma constelação bastante estranha no céu, onde, entre outras, existem constelações com a forma de um elefante, de um carro, de um gato e um de par de botas, remete para uma ampliação de uma ilustração semelhante, que se encontra no interior do livro (pg. 33). O tamanho da raposa, que ocupa um espaço considerável em relação aos outros elementos da página, bem como o contraste das cores quentes e frias, sublinha a relevância deste elemento peritextual.

A expressão emocional presente no focinho da raposa transmite um ar sério e, ao mesmo tempo, pensativo. A árvore e o pássaro, que se encontram ao seu lado, também têm origem na mesma página,

só que, em vez das partituras de música, nos balões de diálogo, do mesmo tamanho,⁴⁷ encontram-se os nomes da autora e da ilustradora do livro. Como uma pequena brincadeira, ou até um desafio, os apelidos da autora e da ilustradora estão escritos em letra minúscula, contra as regras ortográficas a que obedecemos.

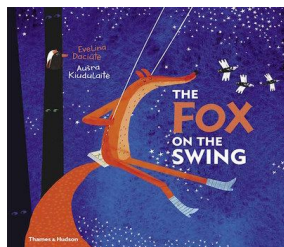


Figura 4 Capa do livro *A Felicidade é uma raposa* (versão inglesa)

Por sua vez, a capa da versão inglesa expressa emoções diferentes: a raposa está sentada no balanço com uma expressão de completa felicidade, as constelações não estão presentes e, ao invés destas, encontram-se três passarinhos a voar. A árvore e o pássaro mantiveram-se, no entanto, os balões de diálogo não foram incluídos e, da mesma forma, o desafio ortográfico da escrita dos apelidos também que não foi aplicado. A ilustração da raposa no balanço pode ser encontrada no interior do livro, mas com uma cor de preenchimento de fundo completamente diferente. (pg. 24)

Além dos nomes dos seus criadores, as capas divulgam outras informações importantes, como o título do livro e o nome da editora que o publica nesse país. Em ambos os casos, o título do livro ocupa uma posição de destaque na capa. Na versão lituana, como título foi escolhida uma frase proferida pelo protagonista do livro, o menino Paulo, enquanto na versão traduzida para a língua inglesa é utilizada uma frase generalizante.

- Contracapa



Figura 5 Contracapas do livro *A Felicidade é uma raposa* (versão original e versão inglesa)

As contracapas evidenciam poucas diferenças entre si: as duas apresentam ilustrações das constelações e da árvore, juntamente com uma curta sinopse da obra. Na contracapa do livro traduzido deparamo-nos com uma parte da cauda da raposa, o que, deste modo, nos encaminha para a ideia de uma ligação com a ilustração utilizada na capa.

⁴⁷ Só recentemente as editoras começaram a apresentar o nome do ilustrador juntamente com o do autor do texto nas capas dos livros infantis, reconhecendo a importância das ilustrações no produto final.

Um elemento peritextual peculiar, presente em ambos os casos, é o código de barras articulado como parte integrante da ilustração de um elefante. Segundo Ramos, “a ilustração dos códigos de barras é incorporada na ilustração da contracapa, assumindo novas funcionalidades, podendo surgir como um objeto com relativa autonomia” sendo assim, bastante comum nas edições recentes e modernas dos livros-álbum. (Ramos, 2017: 20)

- Guardas

As guardas na versão original do livro-álbum estão completamente preenchidas com frases de crianças que explicam o que é felicidade para elas: “...A felicidade é ter um gatinho. A felicidade são as férias...”, e são quase idênticas do início ao fim, com a exceção dos pássaros, que aparecem só no início – dando a ideia de levantar voo para que se inicie a viagem da leitura.

A ideia de incluir “as vozes dos leitores” nas guardas é muito interessante e complementa o conceito do livro. Na versão inglesa, as guardas não contêm texto algum, só existe a ilustração dos pássaros a voar.



Figura 6 As guardas do livro original e as guardas da versão inglesa

- Lombada

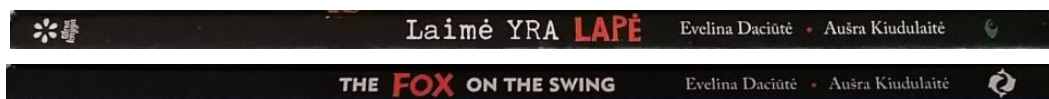


Figura 7 Lombadas do livro (versão lituana (original) e versão inglesa)

A lombada de *A raposa no balanço* contém apenas três elementos, posicionados verticalmente: a identificação da autora e da ilustradora, o título da obra e o logótipo da editora. Visualmente, a lombada não se distingue da ilustração global da capa ou da contracapa. Somente abrindo o livro é que se tem a impressão de que estes elementos foram inscritos ao longo de um tronco de uma árvore. A tipografia usada na lombada coincide completamente com aquela aplicada na capa, quer na fonte, quer na paleta de cores escolhida.

- Tipografia e layout

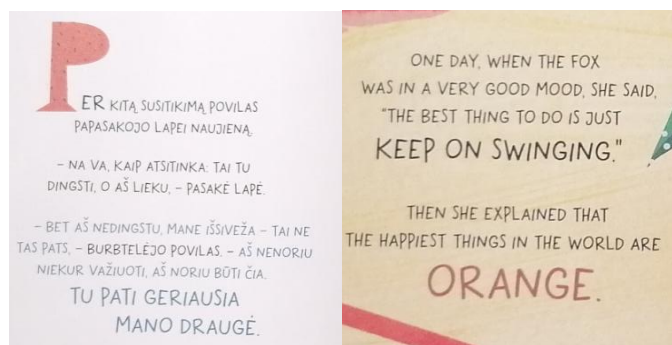


Figura 8 Exemplos da tipografia e grafismo (pormenor do livro em lituano e pormenor do livro em inglês)

A tipografia de ambos os livros é muito semelhante. As letras são finas, angulares e não serifadas. Podemos destacar que todo o texto da narrativa está escrito em maiúsculas e arriscamos a supor que, desta forma, se queira facilitar a leitura aos iniciantes.

Visto que os livros-álbum habitualmente apresentam um texto curto, a tendência é incorporá-lo nas ilustrações, tornando o texto na imagem. Os livros-álbum analisados também seguem esta prática, utilizando as letras em tamanho grande e pequeno, dentro e fora das ilustrações, o que permite destacar as informações essenciais e dar ênfase ao significado de algumas palavras ou frases.

- Folha de rosto



Figura 9 Folha de rosto do livro na versão original e em versão inglesa

As folhas de rosto das duas versões são quase idênticas: igualmente a capa apresenta os nomes da autora, ilustradora e da editora. A pequena ilustração de uma cidade não é retirada do contexto totalmente e possui as mesmas características, aparecendo da mesma forma nas duas versões do livro-álbum.

O único aspeto diferente na folha do rosto do livro em lituano é a presença das dedicatórias da autora e da ilustradora. Na versão traduzida, as dedicatórias passaram para a página final, assim como a ficha técnica.

- Paleta de cores e ilustrações



Figura 10 Recorte digital de várias partes das páginas do livro, de forma a mostrar a variedade de cores e de padrões utilizados na ilustração do livro (composição aleatória nossa)

A ilustração, no livro-álbum, é a “rainha” que dita as regras de espaçamento de texto na página. Normalmente, as ilustrações ocupam a página simples inteira ou estendem-se, ocupando a dupla página. É de relevar que o espaço deixado em branco cumpre o seu objetivo. Por sua vez, texto participa na página como uma parte da ilustração.

Nos dois livros analisados, as ilustrações são praticamente coincidentes. É compreensível que, na versão em inglês, as partes que envolvem o texto estejam adaptadas, e a composição é feita de maneira a alterar a impressão geral. Por essa mesma razão vamos analisar somente as ilustrações da versão lituana.

Como acontece em muitos livros-álbum, as ilustrações de *A felicidade é uma raposa* têm uma função narrativa e, sobretudo, repetem visualmente as ações da narrativa verbal, por vezes alargando as ideias ou adicionando novas de uma forma divertida. Ramos identifica este fenómeno como uma relação de complementaridade onde “as imagens que ora funcionam como complemento, ora como amplificação, aprofundando e desenvolvendo o próprio texto e apontando outras (diferentes, novas) possibilidades de leitura” (Ramos, 2007: 221), convidando o leitor para um jogo visual de interpretação.

As imagens das personagens estão trabalhadas com muita imaginação e sentido de humor. Logo, as ilustrações tornaram-se expressivas e cheias de pormenores cativantes que, desde a primeira página, evocam o interesse e simpatia ao leitor. O enquadramento de todas as ilustrações é feito em páginas duplas, mesmo que algumas pareçam desassociadas à primeira vista, sob um olhar mais atento revelam sempre algum elemento de ligação. O estilo das ilustrações é bastante contemporâneo, criado com recurso à colagem.

As ilustrações deste livro-álbum distinguem-se pelo seu incrível dinamismo, conseguindo até rivalizar com os gadgets modernos concorrentes. O mundo retratado está em constante movimento e ação: os carros andam, a estante com potes de barro está a cair, os animais caminham, os aviões e pássaros voam, o Paulo e a raposa baloiçam-se, e assim por diante.

No livro *A Felicidade é uma raposa* a função da cor é crucial. A paleta de cores usa-se como um instrumento de criação de impacto no leitor e de ligação com a narrativa. Desde o primeiro olhar à capa do livro é revelada uma forte tendência para cores vibrantes, onde as colorações quentes estão intercaladas com as frias. O tom dominante é a cor de laranja, em contraste com os tons de azul. A escolha das cores é justamente associada às emoções dos personagens expressas no texto.

- Tipo de papel e encadernação

O tipo de papel utilizado nos dois livros é de qualidade, com acabamento com algum brilho e gramagem elevada, o que permite uma boa reprodução de cores. Na versão inglesa usa-se tinta brilhante no desenho das estrelas, o que cria uma impressão de requinte. A encadernação em ambas as versões é de capa dura.

Elementos epitextuais:

Na Lituânia, *A felicidade é uma raposa* é um livro infantil muito conhecido também devido a estratégias de marketing criadas em torno dele. A partir do livro foi criada uma “marca”, com identidade própria, associada às personagens do livro (que se tornaram mascotes da marca) e todo este processo de *branding* permitiu o desenvolvimento de *merchandising* através do lançamento de vários produtos com as personagens da história (malas, copos, brinquedos, etc.) e até a adaptações a eventos lúdicos (encenações e atividades escolares com as autoras), que despertaram muito interesse e tiveram muita projeção nos media (artigos variados sobre o livro na internet, reportagens e entrevistas com a escritora e a ilustradora).



Fotografia 3 Dois exemplos de produtos da marca *Lapė yra laimė* (a mascote da marca - a raposa em brinquedo, e um saco alusivo à marca)

O sucesso do livro-álbum não se limitou ao território da Lituânia, tendo entrado também no mercado internacional - o que muito raramente acontece com livros infantis lituanos. O livro *A felicidade é uma raposa* foi traduzido e publicado em vários países, tais como Grã-Bretanha, Estados Unidos da América, Austrália, Nova Zelândia, Coreia do Sul, Eslováquia, Romênia, Ucrânia e, possivelmente, irá ser publicado em vários outros, dependendo da sua editora.

Na Lituânia foram feitos dois espetáculos para toda a família baseados no livro: o primeiro chama-se *A felicidade é uma raposa*, com o mesmo título do livro, pelo diretor Mantas Verbiejus, o

segundo denomina-se *Oi, Lape!*⁴⁸, apresentado no Teatro Nacional de Drama de Kaunas e dirigido por Eglė Kižaitė.



Figura 11 Cartazes dos espetáculos “Lapė yra laimė” e “Labas, Lape!”

O livro-álbum *A felicidade é uma raposa* ganhou vários prêmios na Lituânia e no estrangeiro: o diploma do livro mais bonito na Feira do Livro em Vilnius, o prêmio de Domicile Tarabildiene pelo livro mais bonito (IBBY - Departamento da Lituânia), o diploma da exposição dos ilustradores da Feira do Livro Infantil de Bolonha, o diploma da exposição dos ilustradores em Nami (Coreia do Sul), o diploma da exposição dos ilustradores em Sharjah (UAE), o prêmio The Batchelder Award pela American Library Association, pelo livro infantil estrangeiro mais destacado dos Estados Unidos da América nos últimos anos.

⁴⁸ “Olá, raposa!”. (tradução nossa)

1.5. Limitações da investigação

Os recursos do tempo e da extensão desta investigação não permitiram elaborar o estudo com uma metodologia mista, incorporando uma parte quantitativa. A metodologia qualitativa somente permite uma análise das visões e opiniões subjetivas, não dando oportunidade para a existência de uma generalização. Este facto condicionou o processo da formulação e prova das hipóteses que podiam responder de melhor forma aos objetivos deste estudo.

Na recolha da amostra foi inevitável fazer várias traduções do lituano para o português, começando com o corpus do estudo e terminando com as entrevistas. Este procedimento, involuntariamente, altera o sentido e significado das expressões presentes na língua original, no entanto, foi efetuado o maior esforço para uma maior proximidade possível ao nível dos conceitos gerais e específicos pretendidos.

Capítulo II - Apresentação e análise dos resultados da investigação

*Os dados são simultaneamente as provas e as pistas.
(Bogdan e Biklen, 1994:149)*

2.1. Análise do livro-álbum lituano *A Felicidade é uma raposa* do ponto de vista semiótica cultural

Para Lotman (1990), o conceito do texto da cultura é muito amplo; tudo o que é produzido e sintetizado pela mente humana e transmite uma mensagem, tal como a literatura, obras de arte, a cinematografia, discursos e documentos, entre outros, são textos da cultura. Estes textos são as semioses das estruturas pertencentes ao certo espaço semiótico - a semiosfera. Entretanto, a semiótica da cultura baseia-se na análise das linguagens destes textos, dos signos que eles contêm e das relações que mantêm entre si.

Tendo em conta o que foi dito, o livro-álbum *A Felicidade é uma raposa* é um texto cultural que pertence a várias semiosferas ao mesmo tempo: pertence ao formato do livro-álbum, à literatura infantojuvenil e à cultura lituana. Assim sendo, cada sistema é uma semiosfera em si, que igualmente faz parte do sistema maior. Visualmente, esta relação pode ser apresentada desta forma:

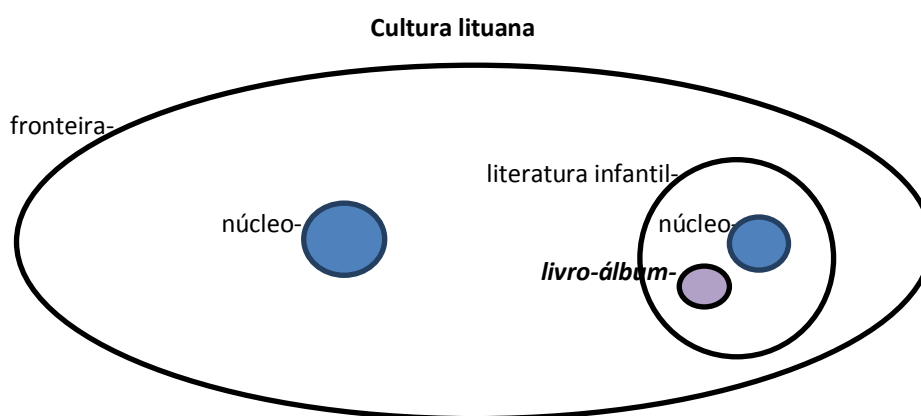


Figura 12 Modelo da semiosfera e da sua aplicação aos conceitos da cultura lituana, literatura infantil e, em específico à localização do formato livro-álbum.

Dentro de uma semiosfera, o texto é tratado como objeto de significação e como objeto de comunicação que pertence a uma determinada cultura. Seguindo a ideia lotmaniana, percebemos que os textos externos, que não pertencem à semiosfera, não produzem sentido dentro dela ou, por outras palavras, estão considerados como não-textos dentro deste campo semiótico delimitado. No entanto, devido ao dinamismo interno dos sistemas, existem não-textos a serem traduzidos para textos, quando

são transferidos através das fronteiras da semiosfera. Durante este processo as novidades podem sofrer certas alterações, ou transformações.

Assim, o que é externo torna-se interno e provoca a criação de novas relações e sentidos dentro da semiosfera – sendo desta forma que a semiosfera é constantemente renovada. O que se encontra na periferia da semiosfera tende constantemente a tentar chegar ao seu núcleo, um campo mais estável e rígido.

Na prática, podemos constatar que, pensada como semiosfera, a literatura infantil possui o seu cânone (núcleo mais estável), mas cada escritor trabalha na sua fronteira, procurando linguagens novas. Deste modo, acreditamos que o formato livro-álbum seja uma destas novas linguagens; que cresceu de tal maneira que criou uma semiosfera sua, ocupando ao mesmo tempo um espaço considerável dentro do campo semiótico da literatura infantil.

Na esfera semiótica, os sistemas dos signos não estão fechados. Nomeadamente, na fronteira, os textos adquirem formas inovadoras que traduzem informações de dentro e de fora. A fronteira funciona “como un complejo dispositivo que guarda variados códigos, capaz de transformar los mensajes recibidos y de generar nuevos mensajes, un generador informacional que posee rasgos de una persona con un intelecto altamente desarrollado⁴⁹” (Lotman, 1996: 82).

A interpretação e conformidade dos textos irá depender do contexto social, cultural e histórico do leitor, ou seja, é o leitor que adapta a informação recebida de acordo com a sua realidade e sua educação, empregando a sua cultura de origem. Este processo resultará na aceitação ou na rejeição de mensagem.

No decurso da nossa investigação, testámos a referida afirmação em contexto prático. O texto apresentado ao leitor foi transformado em termos de língua (traduzido e adaptado do lituano para o português), o que foi suficiente para que a mensagem fosse recebida e interpretada de acordo com a realidade de cada um.

Segundo Paulo Nogueira, Lotman dedicou especial atenção ao carácter bilingue presente na área do cinema, devido à integração dos elementos visuais e verbais num único texto. (Nogueira, 2015: 103) Este paralelismo é curioso, já que o livro-álbum possui atributos semelhantes: as suas ilustrações são incorporadas com a narrativa verbal. Daqui surge a ideia base de que os signos verbais e os signos visuais estão fundidos num texto cultural, que pode ser decifrado semiótica e culturalmente.

O livro-álbum *A felicidade é uma raposa*, pela sua origem, pertence à semiosfera da cultura lituana. O texto (visual e verbal) tem vários grupos de signos que podem facilmente ser reconhecidos e decifrados, muito provavelmente de forma inconsciente, por aqueles que conhecem bem a linguagem desta cultura.

⁴⁹ “como um dispositivo complexo que armazena vários códigos, capaz de transformar as mensagens recebidas e de gerar novas mensagens, um gerador de informações que possui características de uma pessoa com um intelecto altamente desenvolvido”. Tradução nossa.

Igualmente, conseguimos encontrar signos gerais, sem conotação cultural, interculturais, que facilmente podem ser decifrados por pessoas da cultura ocidental. Posteriormente, iremos exemplificar esta afirmação identificando e decifrando alguns dos signos do livro-álbum *A felicidade é uma raposa*.

Sob o prisma de Lotman, cultura é memória; por ser uma acumulação dinâmica de dados sempre disponíveis para serem recontextualizados, por não serem informações estáticas, mas em constante atividade semiótica, que formam novas relações em diferentes contextos culturais. (Lotman, 1998: 153). Por outras palavras, falamos sobre as conexões intertextuais que representam, em alguma medida, memórias culturais distintas, das mesmas ou de diferentes semiosferas.

Na literatura, designadamente na literatura infantil, este fenómeno é frequente. Segundo Azevedo, “qualquer texto literário exhibe, com maior ou menor grau de sofisticação, marcas do diálogo intertextual com outros textos ou outras vozes”. (Azevedo, 2008: 76)

Tendo isto em mente, tentámos evidenciar algumas amostras das ligações intertextuais da perspectiva lotmaniana presentes no texto analisado, dividindo-as naquelas que pertencem à memória da cultura lituana e nas que provêm de culturas mundiais. Ultimamente, iremos especificar a intertextualidade do ponto vista dos textos literários.

2.1.1 Conexões intertextuais dentro da memória lituana

Significante

Verbal: **Povilas**



Figura 13 Povilas (Paulo)

Significado

Nome próprio lituano de origem latina, muito comum no início do século XX, que se tornou outra vez popular no início do século XXI, com o reaparecimento na moda dos nomes arcaicos.

Verbal: **Vilnius**

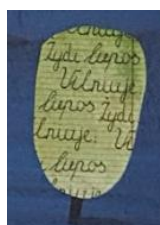


Figura 14 Vilnius (Vilnuje) numa árvore

Vilnius é a capital da Lituânia e a cidade mais populosa deste país. Esta indicação é uma referência cultural direta.

Verbal e visual: **Raposa**

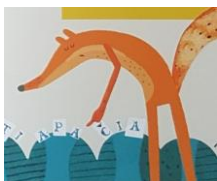


Figura 15 A raposa

No folclore lituano, a imagem de uma raposa tem uma conotação bastante negativa.

A raposa é um símbolo de astúcia, hipocrisia e esperteza. Nos provérbios e contos tradicionais lituanos, um homem malandro é frequentemente comparado a uma raposa.

Visual: **Programa de televisão**



Figura 16 Programa de televisão

Alusão a um programa de televisão que passa no canal nacional LRT, "*Duokim garo*⁵⁰"

Este programa já é transmitido desde 2005 e tem uma classificação alta entre telespectadores, especialmente os da província.

Visual: **Bola de basquete**



Figura 17 Bola de basquete

O basquete é o desporto mais apreciado da Lituânia.

Os lituanos começaram a jogar o basquete por volta de 1920. Desde então, as seleções lituanas ocupam posições elevadas nos campeonatos de basquete.

Visual: **Estátua de um rei**



Figura 18 Estátua do rei

Na Lituânia existiu somente um rei, que é geralmente reconhecido como tal, o rei Mindaugas.

⁵⁰ "Vamos dar vapor". Tradução nossa.

Verbal e visual:
Žemė draugų planeta



Figura 19 "Žemė draugų planeta" numa
árvore

Alusão ao livro de Antoine de Saint-Exupéry *Žemė žmonių planeta* (Terra dos homens).

Apesar de ser um livro de literatura de conhecimento mundial, consideramos que este signo pertence à cultura lituana por estar escrito verbalmente em lituano, perdendo o seu significado no processo de tradução.

Visual: **Caixinhas**



Fotografia 4 As caixinhas ilustradas

Estas caixinhas para guardar os alimentos secos vêm da memória coletiva dos tempos da União Soviética, quando a variedade dos produtos era muito limitada; estas caixinhas com este aspeto podiam ser encontradas em qualquer casa lituana. Os adultos, principalmente as pessoas com mais de 30 anos, conseguem identificar este signo com facilidade.

2.1.2 Conexões intertextuais dentro da memória das culturas mundiais

Significante

Significado

Visual: **Casados de fresco**



Figura 20 Os casados de fresco

O símbolo de casamento/casados de fresco retratado pelos noivos numa limousine com latas presas atrás, vem da cultura americana e surge muitas vezes nos filmes de Hollywood. Na Lituânia, até há alguns anos, não existia esta tradição, mas agora já existe, como muitas outras novidades que ingressaram pela fronteira da semiosfera lituana.

Visual:

Autocarro de dois andares



Figura 21 O autocarro de dois andares

Os autocarros de dois andares de cor vermelha possuem uma associação imediata aos típicos autocarros londrinos.

Na Lituânia este tipo de autocarros não é comum.

Visual: **Ponte romana**



Figura 22 A ponte romana

As pontes construídas pelos antigos romanos têm uma arquitetura típica e distinguem-se pelas suas formas.

Visual: **Carro e senhor grego**



Figura 23 O carro e o senhor grego

Neste carro podemos identificar signos da antiga cultura grega: a coroa triunfal, o prémio dos atletas, que representavam a suprema glória para a alma grega e que, posteriormente, foi amplamente usado na Roma antiga como um símbolo de triunfo; o homem de fisionomia grega e com riscas azuis como o padrão da bandeira da Grécia; o carro está ornamentado com um grafismo semelhante aos da Grécia antiga.

Visual, verbal: **Os quatro elementos:
ar, água, terra e fogo**



Figura 24 Bolas de sabão (ar)

Os quatro elementos tipicamente se referem aos conceitos presentes na Grécia antiga: água, terra, fogo e ar.

O elemento “ar” é predominante e aparece muito nas ilustrações e na narrativa. Representa-se de várias maneiras em forma direta (ícone) e indireta (índice): ar, vento (ícone, pg. 5, índice as nuvens pg. 2, 24), helicóptero (índice), baloiço (índice), casa numa árvore (índice), pássaros (índice), insetos (índice), bolas de sabão (índice).



Figura 25 Os peixes (água)

O elemento “água” está igualmente presente em duas formas - verbal e visual (ícone- img água no frasco, chuva; índice, ver img. de peixes), (símbolo na frase generosidade é o oceano; símbolo de lágrimas ver img. de chuva).

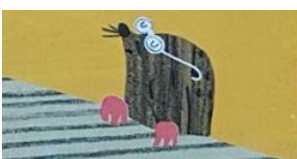


Figura 26 Toupeira (terra)

Os elementos “terra” e “fogo” aparecem só de forma indireta (índice de terra: cenouras, toupeira; índice de fogo: potes de barro, pão, pãezinhos de leite.)



Figura 27 Pãezinhos de leite (fogo)

Visual e verbal:
nomes da pastelaria e pão

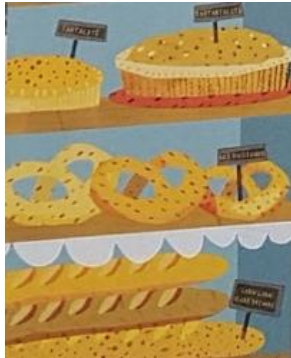


Figura 28 Nomes da pastelaria e pão

Visual e verbal:
Autocolante na laranja



Figura 29 O autocolante da laranja

Visual verbal: **Greve dos pássaros**



Figura 30 A greve dos pássaros

Visual: **Planta que come pão**



Figura 31 Planta que come pão

As prateleiras da pastelaria visitada pelo herói principal do livro demonstram não só o bom senso de humor da ilustradora (“pastéis sem nada” e “pastéis com nada”), mas também os produtos tradicionais de várias culturas da Europa.

Uma baguete (do francês *baguette*) é uma variedade de pão francês característico pela sua forma alongada. Um *bretzel* é uma especialidade de origem alemã. Os *croissants* e as tartes agora já podem ser encontrados em todo lado, mas o seu país de origem é a França. Entretanto os pastéis com sementes de papoila são associados à Rússia e a outros países de leste.

Inscrição engraçada no autocolante da laranja “Ekologinis laimės ūkis⁵¹” evidencia a tendência da agricultura orgânica/biológica, adotada em vários países do mundo e muito discutida recentemente.

As placas levadas por pássaros são um indício de greve, a cessação coletiva e voluntária do trabalho realizado por trabalhadores com a intenção de luta pelos seus direitos. O fenômeno é bastante comum no mundo ocidental. Todos os dias ouvimos notícias sobre uma nova greve de algum coletivo e até ficamos bocadinho saturados e já não surpreendidos com isso. A ilustradora retrata com ironia a situação e colocou os pássaros em greve.

A ilustração mostra a planta carnívora mais conhecida no mundo *dionaea muscipula*, que se alimenta de insetos e aracnídeos e cresce no sudeste dos Estados Unidos; no entanto a ilustradora pô-la a alimentar-se de pão.

⁵¹ “Quinta biológica da felicidade”. (Tradução nossa)

Visual: **Detetive**



Figura 32 O detetive

A figura do detetive destaca-se na multidão, de seu *trench coat* preto e chapéu, a sua lanterna em busca de pistas e o hábito de ficar na penumbra, estrategicamente. Esta imagem foi criada pelos livros policiais e depois amplamente divulgada pelos filmes policiais de Hollywood.

2.1.3. Intertextualidade literária

Significante

Significado

Visual e verbal:

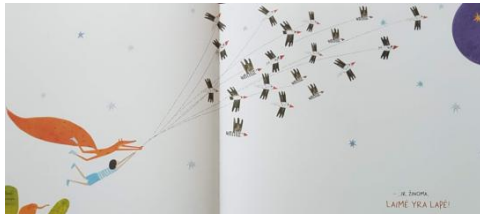


Figura 33 Imagem d'A felicidade é uma raposa

A narrativa com os seus personagens principais, bem como o tema da amizade resultante da sua conexão lembra-nos d'O *Príncipezinho* de Antoine de Saint-Exupéry.



Figura 34 Imagem d'O Príncipezinho

Existem preocupações existenciais e ideias filosóficas semelhantes. Ademais, a ilustração da última página indica diretamente a existência de intertextualidade entre os dois livros.

Visual e Verbal: **Žemė draugų planeta**

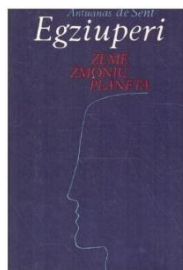


Figura 35 Capa do livro *Žemė žmonių planeta*

Alusão ao título de outro livro de Antoine de Saint-Exupéry *Žemė žmonių planeta*⁵² aparece aqui como *Žemė draugų planeta*⁵³, um livro sobre a amizade, a morte, a abnegação, o heroísmo e a solidão.

O tema principal desse livro é o serviço na aviação postal, que coincide com o trabalho de um dos personagens, o pai do menino Paulo, que transporta no seu helicóptero encomendas e pessoas.

⁵² *Terra dos homens*

⁵³ *Um planeta de amigos.* (tradução nossa)

Verbal: **Era uma vez...**

A fórmula canônica “Era uma vez” faz lembrar os contos de fadas que normalmente começam desta maneira. A frase é usada pela autora de maneira intencional, sendo prontamente “corrigida”, indicando logo que tal não irá acontecer, tirando a narrativa da delimitação dos contos tradicionais.

Visual: **Raposa com botas**



Figura 36 A raposa com botas

A ilustração da raposa com as botas sugere a intertextualidade com o conto de fadas *O gato das botas* da autoria do escritor francês Charles Perrault, pela semelhança dos temas de esperteza, de animal-herói e da amizade entre animais e pessoas.

Visual: **Elefante**



Figura 37 O elefante

O elefante está presente em muitas ilustrações do livro-álbum e “fugiu” de outro livro da mesma autora Evelina Daciute e da ilustradora Inga Dagilė *Drambliai éjo į svečius*⁵⁴.

⁵⁴ *Os elefantes vão a uma visita.* (tradução nossa)

2.1.4 Códigos gerais das imagens ilustrativas

Além das conexões intertextuais, os livros-álbum incluem o significado codificado na presença e na formatação dos elementos das ilustrações. Todo este conjunto exige, por vezes, esforço e imaginação para ser interpretado pelo leitor.

Garrett-Petts salienta o uso de ilustrações como referências oblíquas (2000: 41), que despertam a curiosidade do leitor, abrindo-lhe múltiplas possibilidades de interpretação. Logo, a exemplificação dos códigos presentes no livro-álbum *A felicidade é uma raposa*, baseada na classificação dos códigos das imagens de acordo com William Moebius (Moebius, 1986: 139-143) existe meramente na perspetiva pessoal de quem lê.

Significante

O código do tamanho da imagem



Figura 38 Paulo feliz no balanço



Figura 39 Paulo angustiado

O código de perspetiva



Figura 40 A perspetiva - a raposa triste

O código de rabiscos



Figura 41 Rabisco usado para mostrar a confusão e emoções negativas

Significado

Há páginas onde a imagem da raposa é enorme, onde na sua cauda cabe a família do Paulo; há outras onde ela está pequena, o que expressa a solidão e a tristeza sentida (exemplo: quando a raposa perdeu o seu bom humor).

O mesmo acontece com a imagem do Paulo: quando ele fica angustiado pelo facto de a sua amiga poder desaparecer um dia, a sua imagem aparece com dimensão muito pequena.

Na ilustração onde a raposa está triste, a linha do horizonte está mais baixa, o que expressa emoções tristes.

É muito comum utilizar as pistas da presença de alguém quando uma parte representa tudo: as mãos dos pais, a cauda da raposa, o assento de balanço vazio; estendem-se as margens das páginas, apagam-se os limites do mundo imaginário e cria-se a ideia de que os protagonistas existem em qualquer lugar para além daquele.

As linhas pontilhadas indicam a trajetória dos voos e têm um significado bastante direto.

Os rabiscos demonstram a intensidade das emoções negativas do Paulo. A impressão é ainda mais reforçada pelo uso da cor preta.

Código da cor



Figura 42 Ilustração com tons vivos que transmite alegria



Figura 43 Ilustração com tons frios que transmite, neste caso, o mistério.

O uso das cores transmite sensações diferentes; as cores quentes ou luminosas sugerem alegria ou ação e tendem a expandir-se, criando uma sensação de aumento de tamanho. Por sua vez, as cores escuras sugerem tristeza, mistério e medo (associadas ao medo e ao desconhecido) e tendem a contrair-se, provocando uma sensação de diminuição do tamanho.

As cores quentes remetem-nos para ambientes quentes (como o laranja, o amarelo e o vermelho), assim como o azul e o verde têm o efeito oposto, sugerindo-nos ambientes frios.⁵⁵

Neste livro as sensações cromáticas e térmicas são bem visíveis, começando na ênfase que se dá à cor de laranja, como diz a própria narrativa “a felicidade é cor de laranja”, sugerindo a alegria e o calor que esta cor transmite. A tristeza é expressa em tons azuis, o mistério a tons esverdeados e a monotonia da cidade é cinzenta.

⁵⁵ Fonte: Manual de Educação Visual – 7º e 8º anos, 2004

2.2 Análise descritiva dos dados recolhidos

As entrevistas decorreram em locais diversos: em locais privados (domicílio), locais públicos (cafés) e em estabelecimentos de educação (escolas, centros de explicações). Durante as entrevistas com as crianças estiveram sempre presentes o seu encarregado de educação (mãe, avó, tia), ou o seu educador (professora ou assistente social). Assinale-se que nenhum dos adultos entrevistados (quer lituanos, quer portugueses) são os mediadores da leitura de nenhuma das crianças entrevistadas.

Tendo em conta o formato limitado desta investigação e não sendo possível apresentar as análises mais detalhadas, de seguida, apresentam-se os aspetos principais sumarizados, estando as entrevistas completas na secção “anexos” deste trabalhos.

2.2.1 Os dados das entrevistas na Lituânia

Parte I – As entrevistas às crianças

Entrevistados	A.	B.	C.	D.	E.	F.
SEXO	feminino	masculino	masculino	masculino	feminino	feminino
IDADE	8 anos	5 anos	8 anos	6 anos	7 anos	5 anos
LIGAÇÃO EMPÁTICA COM O MEDIADOR	Não estabelecida	Estabelecida com dificuldade	Estabelecida	Estabelecida	Estabelecida parcialmente	Estabelecida
DISCURSO	Formal, reservado	Lacónico, emocional	Interpretativo, lacónico	Emocional, interpretativo	Reservado, lacónico	Emocional, incoerente
CONHECIMENTO ANTERIOR DO LIVRO	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não
EMOÇÕES COM O LIVRO	Gosto geral	Gosto por ilustrações	Gosto geral	Gosto por ilustrações	Gosto geral	Gosto por ilustrações
COMPREENSÃO CORRETA DA NARRATIVA	Não correta	Não correta	Parcialmente correta	Não correta	Correta	Não correta
HABILIDADE DE REPRODUZIR A NARRATIVA	Não reproduziu	Não reproduziu	Não reproduziu	Não reproduziu	Não reproduziu	Não reproduziu
IDENTIFICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DOS EVENTOS	Parcial, reduzida, incorreta	Reduzida, parcial incorreta	Correta, parcial	Reduzida, parcial incorreta	Reduzida, correta	Reduzida, incorreta
IDENTIFICAÇÃO DAS PERSONAGENS	Parcial, correta	Parcial, correta	Correta	Parcial, correta	Parcial, correta	Correta
AVALIAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva
ILUSTRAÇÕES PREFERIDAS	Raposa (pp.14).	Raposa menino, (última página)	Raposa (pp. 17), gato (pp.12)	Raposa (pp 21), casa de árvore (pp. 6) planta (pg.15)	Raposa (pp.19) e (pp.14)	Gato (pp.16)

PREFERÊNCIA À EXPRESSÃO	Visual	Visual	Visual	Visual	Visual e igualmente verbal	Visual
DENTIFICAÇÃO COM AS PERSONAGENS	Sim, formal	Sim, pessoal	Não	Sim, formal	Não	Não
RECONHECIMENTO DOS SIGNOS CULTURAIS	Não revelado	Inconsciente	Associados à língua	Não revelado	Associados a língua	Inconsciente

Tabela 7 Dados das entrevistas às crianças lituanas

Parte II- As entrevistas aos adultos.

ENTREVISTADOS	A.	B.	C.	D.	E.	F.
SEXO	feminino	feminino	feminino	feminino	feminino	feminino
IDADE	39 anos	43 anos	57 anos	59 anos	43 anos	28 anos
LIGAÇÃO EMPÁTICA COM O MEDIADOR	Estabelecida	Estabelecida	Não estabelecida	Estabelecida	Estabelecida	Estabelecida
DISCURSO	Informativo, interpretativo	Expressivo, emocional	Lacónico, formal	Avaliativo, interpretativo	Emocional, avaliativo	Emocional, avaliativo
CONHECIMENTO ANTERIOR DO LIVRO	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
EMOÇÕES COM O LIVRO	Gosto geral	Desagrado	Gosto formal	Gosto geral	Desagrado	Gosto geral
EFEITOS DE PUBLICIDADE	Não revelados	Negativos	Não revelados	Em parte positivos	Negativos	Não revelados
AVALIAÇÃO DA NARRATIVA	Positiva	Negativa	Positiva, pouco expressa	Neutra	Parcialmente negativa	Positiva, emocional
AVALIAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva
O LIVRO É ADEQUADO PARA A FAIXA ETÁRIA	Sim	Não	Sim	Não	Não	Sim
RECONHECIMENTO DOS SIGNOS CULTURAIS	Não reconhecidos	Associados à língua	Não reconhecidos	Associados à língua	Não reconhecidos	Sim, visual-verbal

Tabela 8 Dados das entrevistas aos adultos lituanos.

2.2.2 Os dados das entrevistas em Portugal

Parte I – As entrevistas às crianças.

ENTREVISTADOS	G.	H.	I.	J.	K.	L.
SEXO	masculino	feminino	feminino	feminino	feminino	feminino
IDADE	8 anos	8 anos	9 anos	6 anos	9 anos	9 anos
LIGAÇÃO EMPÁTICA COM O MEDIADOR	Estabelecida	Estabelecida	Estabelecida	Estabelecida	Estabelecida	Estabelecida
DISCURSO	Incoerente, expressivo	Expressivo, detalhado	Interpretativo expressivo	Emocional, incoerente	Interpretativo	Interpretativo detalhado
EMOÇÕES COM O LIVRO	Gosto geral	Gosto geral	Gosto geral	Gosto geral	Gosto geral	Gosto geral
COMPREENSÃO CORRETA DA NARRATIVA	Parcialmente correta	Geralmente correta	Correta	Não correta	Em parte correta	Geralmente correta
HABILIDADE DE REPRODUZIR A NARRATIVA	Reproduziu parcialmente	Reproduziu de forma extensa	Reproduziu	Reproduziu parcialmente	Reproduziu	Reproduziu
IDENTIFICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DOS EVENTOS	Parcial	Geralmente correta	Correta	Reduzida, parcial incorreta	Geralmente correta	Geralmente correta
IDENTIFICAÇÃO DAS PERSONAGENS	Correta	Correta	Correta	Parcial, correta	Correta	Correta
AValiação DAS ILUSTRAÇÕES	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva
ILUSTRAÇÕES PREFERIDAS	Raposa em geral	O baloiço vazio	Laranjas (pp. 24)	Raposa em geral	Casa de árvore (pp. 5)	Laranjas (pp.24)
PREFERÊNCIA À EXPRESSÃO	Visual	Visual e verbal	Visual e verbal	Visual	Visual e verbal	Visual e verbal
IDENTIFICAÇÃO COM AS PERSONAGENS	Não	Sim, pessoal	Sim, pessoal	Não	Sim	Não
RECONHECIMENTO DOS SIGNOS CULTURAIS	Inconsciente	Inconsciente	Não revelado	Não revelado	Inconsciente	Não revelado

Tabela 9 Dados das entrevistas às crianças portuguesas.

Parte II- As entrevistas aos adultos

Entrevistados	G.	H.	I.	J.	K.	L.
SEXO	feminino	feminino	feminino	feminino	masculino	feminino
IDADE	25 anos	35 anos	34 anos	59 anos	44 anos	63 anos
LIGAÇÃO EMPÁTICA COM O MEDIADOR	Estabelecida	Estabelecida	Estabelecida	Estabelecida	Estabelecida	Estabelecida
DISCURSO	Lacónico, avaliativo	Expressivo, emocional, detalhado	Avaliativo, assertivo	Avaliativo, assertivo	Lacónico, avaliativo	Emocional, avaliativo
EMOÇÕES COM O LIVRO	Gosto geral	Aspetos positivos e negativos	Gosto geral	Gosto geral	Gosto geral	Gosto geral
INTERESSE EM AQUISIÇÃO	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
AVALIAÇÃO DA NARRATIVA	Positiva	Positiva	Considerou ser complicada	Considerou extensa	Considerou extensa	Positiva, considerou extensa
AVALIAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva
O LIVRO É ADEQUADO PARA A FAIXA ETÁRIA	Sim	Sim, com mediação	Sim	Sim, com mediação	Depende da personalidade do leitor	Sim, com mediação
RECONHECIMENTO DOS SIGNOS CULTURAIS	Não reconhecidos	Não reconhecidos	Não reconhecidos	Não reconhecidos	Não reconhecidos	Não reconhecidos

2.3 Síntese interpretativa dos resultados e considerações finais

Desenvolvendo um panorama generalizante das entrevistas efetuadas, podemos destacar a influência do caráter pessoal, dos gostos e das capacidades cognitivas de cada entrevistado para o resultado obtido. Apesar da quantidade reduzida da amostra, existe um padrão dominante em cada grupo entrevistado.

No caso dos grupos das crianças, nota-se um caráter mais reservado e de timidez das crianças lituanas. Neste grupo, a ligação empática com o mediador de leitura nem sempre era possível de estabelecer com sucesso; as respostas obtidas eram lacônicas e muitas vezes formais. Sentia-se o incômodo dos entrevistados com a situação e com a presença de uma pessoa estranha. Durante todas as entrevistas era preciso, literalmente, “puxar” pelas respostas com a ajuda de múltiplas perguntas norteadoras.

Nenhum dos entrevistados conseguiu contar a história por palavras suas e muitos demonstraram alguma dificuldade em perceber a narrativa. Todos declararam o seu gosto pelo livro, mas a maioria, especialmente os mais novos, só prestaram atenção às ilustrações, perdendo o interesse pela narrativa já a meio da história. Poucos se identificaram com as personagens do livro emocionalmente.

Por sua vez, as ilustrações tiveram sucesso: todos adoraram as cores vibrantes e as figuras expressivas. A maior parte das ilustrações favoritas estão relacionadas com os animais ilustrados (a raposa ou o gato). Quatro dos seis entrevistados já conheciam, ou até tinham o livro em casa, o que demonstra o êxito do livro e da campanha promocional à volta dele.

No que diz respeito aos signos culturais, ninguém conseguiu identificar nada (a não ser a língua), que pertence à cultura lituana. Ainda assim, muitos, de maneira inconsciente, sentiram uma certa ligação familiar e diziam que o menino era lituano ou que a história decorre na Lituânia, o que, porém, só demonstra inexistência de outros traços perceptíveis de culturas desconhecidas.

Por seu lado, o grupo das crianças portuguesas revelou-se muito mais emocional e expressivo. As crianças eram extrovertidas e faladoras, não desconfiaram da presença de uma pessoa que lhes era desconhecida. Assim, a ligação empática com o mediador de leitura foi estabelecido com facilidade. Nem todos conseguiram totalmente perceber a narrativa, apesar disso, todos tentaram contar a história por palavras suas, o que deu mais informações sobre a sua perceção do texto.

As ilustrações do livro também foram bem aceites, mas este grupo não demonstrou estar tão ligado à expressão visual como o das crianças lituanas. A narrativa foi bastante apreciada e metade do grupo identificou-se pessoalmente com as emoções das personagens. A escolha das ilustrações preferidas foi, igualmente, mais variada e foi mais associada a objetos. É curioso reparar que duas das crianças entrevistadas portuguesas indicaram a laranja como a sua imagem preferida. As crianças lituanas não se mostraram muito cativadas por esta imagem, talvez por as laranjas não crescerem na Lituânia e, mesmo nos tempos de globalização, todos conhecerem a fruta e saberem identificá-la.

Com base nisto, podemos considerar que os leitores procuram ler o texto baseando-se nas suas próprias experiências e na realidade que conhecem – confirmando assim, como referido anteriormente, a ideia lotmaniana de que os textos externos não produzem sentido dentro de semiosfera.

Nenhum dos pequenos entrevistados no grupo português indicou reconhecer traços de outra cultura, quer na narrativa, quer nas ilustrações; no entanto, muitos sentiram que a história não se passava em Portugal. Esta afirmação não é suficiente para considerar que o livro foi reconhecido como sendo de uma cultura estrangeira, por existirem também muitos pormenores imaginários presentes no livro, o que não o deixa posicionar-se como uma história completamente realista.

Comparando as afirmações dos grupos dos mediadores de leitura, notamos que os lituanos expressaram uma opinião muito mais negativa no que diz respeito à narrativa do livro e ao livro como produto em geral. Metade dos entrevistados lituanos consideraram a narrativa demasiado extensa e complicada para a faixa etária a que se destina. Esta opinião foi parcialmente partilhada com os mediadores de leitura portugueses, embora não tenha sido expressa de forma tão incisiva.

A campanha promocional efetuada na Lituânia, apesar de ser proveitosa, em termos de reconhecimento do livro, foi identificada como excessiva e com efeitos negativos em duas entrevistas a adultos lituanos. Independentemente do benefício aparente na escolha da aquisição do livro (que foi evidente das respostas das crianças), a publicidade prolongada afetou a perceção emocional dos mediadores de leitura provocando, em alguns casos, uma rejeição ao livro.

Por sua vez, no grupo dos entrevistados portugueses, livre desta exposição publicitária e de tanta comunicação sobre o livro - desconhecendo-a, todos expressaram a disposição e vontade de aquisição do livro.

Relativamente ao reconhecimento de signos culturais: os lituanos basicamente associaram a cultura com a língua e revelaram o carácter internacional do livro. Ninguém reparou em pormenores culturais escondidos nas ilustrações. Os mediadores de leitura portugueses partilharam da opinião sobre a universalidade do livro e não encontraram traços da cultura lituana no livro.

Em conclusão, após os resultados da análise, observamos algumas diferenças de carácter nacional nos padrões das respostas obtidas. Os lituanos, especialmente as crianças são mais introvertidas e reservadas na expressão das suas ideias com as pessoas desconhecidas, enquanto as portuguesas se expressam de uma forma mais extrovertida e emocional.

A questão de a maioria dos entrevistados não ter encontrado quaisquer associações do livro com a sua cultura de origem pode estar relacionado com os múltiplos códigos de cultura mundial como já foi referido anteriormente.

CONCLUSÃO

Esta parte final permite refletir, de forma resumida, sobre as atividades efetuadas durante a elaboração da presente dissertação e apresentar as principais conclusões obtidas, assim como expor os possíveis trajetos para investigações futuras e as competências adquiridas durante o processo de elaboração deste estudo. A dissertação partiu do propósito de que dois campos de estudo podem ser cruzados numa investigação para obter um resultado inovador e proficiente. Deste modo, foi explorado o formato do livro-álbum da literatura infantil sob o prisma da semiótica cultural, com o objetivo de identificar diferenças nas percepções dos leitores e mediadores de leitura, influenciadas pelos seus meios culturais diferentes.

Inicialmente, com intuito de abrangemos as reflexões de autores de duas temáticas foi executada a contextualização teórica, sistematizando e analisando as obras já existentes. Através da análise teórica abordada, conseguimos perceber que é possível aplicar a teoria lotmaniana da semiosfera ao texto de literatura infantil lituana, com o propósito de conhecer os mecanismos de produção de sentido e tradução intercultural na prática.

O estudo prático está assente em dois pilares: a elaboração da análise comparativa do livro-álbum *Lapė yra laimė (A felicidade é uma raposa)*, com aplicação da teoria da semiótica cultural de Lotman e a elaboração do trabalho de campo, com a aplicação do método qualitativo.

Em primeiro lugar examinámos o livro-álbum lituano como objeto e como um texto da cultura lituana. Numa análise comparativa, identificámos os métodos da sua tradução e adaptação visual para o leitor inglês. Interpretando a conceção lotmaniana de semiosfera, justificou-se a presença de conexões intertextuais dentro da memória cultural lituana, visualmente expressas no livro-álbum analisado. Identificámos, de forma explícita, as mensagens visuais e verbais de conotação cultural lituana e mundial.

De seguida, testámos na prática, sob o formato de entrevistas, até que ponto a memória cultural presente no livro-álbum *A felicidade é uma raposa* seria reconhecida por leitor do mesmo meio cultural e da cultura distinta. Sabendo que os adultos e as crianças experienciam o mundo de forma diferente, foram criados dois grupos de público-alvo com faixas etárias diferentes. A tradução e a adaptação do livro para língua portuguesa revelaram-se um instrumento inevitável para a possibilidade da realização das entrevistas aos leitores portugueses.

A análise das respetivas respostas às questões colocadas mostrou que, para ser decifrado, o simbolismo visual presente no livro-álbum exige uma leitura atenta e um leitor preparado. O grupo dos leitores lituanos, tanto as crianças, como também os adultos, tiveram dificuldades encontrar os signos culturais codificados dentro das ilustrações e no texto verbal do livro-álbum analisado. Ainda assim, os leitores iniciantes expressaram satisfação com a leitura e exploraram com prazer e muito interesse o texto visual. Os mediadores de leitura foram mais rigorosos com avaliação do livro-álbum salientando as dúvidas sobre a extensão do texto verbal.

Os leitores portugueses, igualmente, não reconheceram os traços de uma cultura desconhecida (lituana, ou outra), aceitando o texto como se pertencesse à sua semiosfera cultural; tal não os privou de aceitarem o livro-álbum de forma positiva, trazendo para a leitura a sua visão pessoal do mundo.

Os entrevistados concordaram que as ilustrações coloridas e de boa qualidade funcionam como um convite para pegar, folhear o livro-álbum e continuarem a descobrir a narrativa acompanhada por mensagens visuais, identificando-se emocionalmente com as personagens.

O impacto causado pelas campanhas de comunicação relacionadas com a marca elaboradas a partir do livro foi visível nas entrevistas com o grupo lituano, por um lado, favoreceram a sua promoção e o reconhecimento do livro-álbum junto do seu público-alvo. De tal forma que, a maior parte de leitores iniciantes já possuíam ou até já tinham lido o livro, por outro lado, a consecutiva (e exaustiva) promoção provocou igualmente uma rejeição psicológica ao livro, como produto entre os mediadores de leitura.

Consequentemente, consideramos que os objetivos desta investigação foram alcançados, visto termos respondido às questões colocadas, embora os resultados nem sempre tenham sido expectáveis ou satisfatórios. Devido a metodologia aplicada nesta investigação os resultados obtidos não podem ser generalizados nem evocadas algumas hipóteses. Sendo assim, consideramos que há viabilidade para futuras investigações com aplicação da metodologia mista ou quantitativa incorporando vários livros-álbum de diferentes campos culturais.

No processo de elaboração do presente estudo foram adquiridas diversas competências relacionadas com o trabalho técnico de tradução literária, capacidade de sistematizar e analisar as informações e realização do trabalho de campo.

Bibliografia

Bibliografia Ativa

Daciūtė, E., Kiudulaitė, A. (2017). *Laimė yra lapė*. (2 ed.). Vilnius: Tikta knyga.

Daciūtė, E., Kiudulaitė, A. (2018). *The fox on the swing*. London: Thames & Hudson.

Bibliografia Passiva

ANSTEY, M., BULL, G. (2009). *Developing New Literacies: Responding to Picturebooks in Multiliterate Way*. In Evans, Janet (ed.). *Talking Beyond the Page: Reading and Responding to Picture Books*, London: Routledge.

ARIÈS, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

ARISTÓTELES. (1997). *Política*. (3. ed.) Trad. De Mário da Gama Kuri. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.

AURYLA, V. (1962). *Visuomeninės-politinės lietuvių realistinės vaikų literatūros raidos sąlygos XX a. pradžioje*. In *Pedagogika ir psichologija I. Lietuva*.

AURYLA, V. (1963). *Lietuvių vaikų literatūros formavimosi XIX a. pabaigoje visuomeniniai ir pedagoginiai veiksniai*, In *Pedagogika ir psichologija IV. Lietuva*.

AZEVEDO, F. (2008). *A intertextualidade como mecanismo auxiliador da formação de leitores: alguns exemplos da literatura infantil contemporânea publicada em Portugal*. In *Lenguaje y Textos*, n.º 28, dezembro, Valencia: SEDLL, pp.75-82.

BADDELEY, P. e EDDERSHAW, C. (2003). *Not so simple picture books: Developing responses to literature with 4-12-year olds*. Trentham Books.

BARTHES, R. (1997). *Elementos de semiologia*. Lisboa: Edições 70.

BASTOS, G. (2002). *O novo fio de Ariadne: literatura para crianças e jovens em fim de século*. In *Discursos: língua, cultura e sociedade*. 3, nº especial (fevereiro), pp. 85-96.

BEACH, R. PURVES, A. C. (1972). *Literature and the reader response*. National Council of Teachers of English. Urbana: University of Illinois.

BECKETT, L. S. (2009). *Ficção de cruzamento: criando leitores com histórias que tematizam as grandes questões*. In *Congresso Internacional de Promoção da Leitura. Formar Leitores para Ler o Mundo*. Fundação Calouste Gulbenkian 22 e 23 de janeiro.

BECKETT, S. *Álbuns crossover que traspasan fronteiras*. Banco del libro. Disponível em <http://www.crede.info/lbuns-crossover-que-traspasan-fronteras.html> (acedido 2019/03/18).

BELCHER, C. (2018). *Culture through Children's Picture Books: A New Kind of Reading or a New Kind of Child?* In *IAFOR Journal of Cultural Studies* Volume 3. Issue 2. Autumn., pp. 29-41.

BIRD, E. (2011). *Discussion: Trends in Lithuanian Children's Literature 2000-2010*. Disponível em <http://blogs.slj.com/afuse8production/2011/04/02/discussion-trends-in-lithuanian-childrens-literature-2000-2010/> (acedido 03/05/2018).

BLOCKEEL, F. (2001-2002). *Sobre literatura juvenil portuguesa contemporânea: identidade e alteridade*. In Encontros sobre Literatura para Crianças e Jovens. pp. 125-149. Beja: Caminho.

BOGDAN, R., e BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora, Porto.

BRANDT, C.F. e NOVAK, F.I. L. (2017). *A semiótica de Peirce e Saussure, contributos e limites para a teoria das representações semióticas de Raymond Duval e a análise da forma e conteúdo em matemática*. In REVEMAT. Florianópolis (SC), v.12, n. 2, pp. 1-15. Disponível em [file:///C:/Users/lorik/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/52452-190225-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/lorik/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/52452-190225-1-PB%20(3).pdf) (acedido 03/05/2019).

CADEMARTORI, L. (1987). *O que é literatura infantil*. (3. ed.) São Paulo, S.P.: Editora Brasiliense S.A.

CARROLL, L. (1983). *Touch Magic: Fantasy, Faerie and Folklore in the Literature of Childhood* (review). In Children's Literature Association Quarterly 8(2), 42-43. Johns Hopkins University Press. Retrieved from Project MUSE database. March 6, 2019.

CERRILLO, P. C. (2009). *Sociedade e Leitura: a importância dos mediadores de leitura*. In Congresso Internacional de Promoção da Leitura. Formar Leitores para Ler o Mundo Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em: http://www.casadaleitura.org/congresso/Pedro_Torremocha.pdf. (acedido 24 /04/ 2019).

COELHO, N. N. (1987). *O Conto de Fadas*. São Paulo: Série Princípios, Editora Ática.

COLE M, HAKKARAINEN P, BREDIKYTE M. (2010). *Contexto cultural e aprendizagem na primeira infância*. In Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV, eds. Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância., fevereiro. Disponível em <http://www.encyclopedia-crianca.com/cultura/segundo-especialistas/contexto-cultural-e-aprendizagem-na-primeira-infancia>. (Acedido 04/05/2019).

COUTINHO, C. (2004). *Quantitativo versus qualitativo: questões paradigmáticas na pesquisa em avaliação*. In COLÓQUIO DA ADMEE-EUROPA, 17, Lisboa, Portugal, 2004 – “Avaliação de competências: reconhecimento e validação de aprendizagens aprendidas pela experiência: actas”. , pp. 436-448. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/6469> (acedido 17/6/2019).

COUTINHO, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.

CRESWELL, J. (2010). *Seleção de um projeto de pesquisa*. In Projeto de pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto. (3ª Edição). Artmed Editora., pp. 27-35.

DAMATTA, R. (1986). *Exploração: um ensaio de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco.

DENZIN, N.K., LINCOLN, Y.S. (1994). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks (CA): Sage Publications.

DIAS, J.F.S. (2009) *A construção da identidade na infância no contexto multicultural português*. In Tese de Doutoramento. Faculdade CC de Educacion. Universidade de Santiago de Compostela.

DIOGO, A. L. (1994). *Literatura Infantil. História, Teoria, Interpretações*. Porto: Porto Editora.

ECO, U. (1984). *Semiotics and the philosophy of language*. Indiana University Press. Blooming. Disponível em <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/134> (acedido 15/06/2018).

- ESCOSTEGUY A. C. (2010). *Cartografias dos estudos culturais*. Belo Horizonte: Autêntica.
- FERNANDES, J. D. C. (2011). *Introdução à semiótica*. In: ALDRIGUE. *Linguagens*. v. 8, pp. 159- 185. Disponível em http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/modulos/p8/p8_4.pdf. (acedido 20/03/2018).
- FIDALGO A. (1998). *Semiótica: A Lógica da Comunicação*. Universidade de Beira Interior.
- FIDALGO A., GRADIM A. (2004/2005). *Manual de Semiótica*. UBI Portugal.
- FLICK, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: guia para iniciantes*. Porto Alegre. Penso.
- FONTES, O. (2009). *Literatura infantil: Raízes e Definições*. In Revista Saber & Educar, n.º 14.
- FREITAS, A. A., MARTINS E.C., NEITZEL, A. A. (2016). *Mutações na leitura: a intertextualidade como marca na literatura infantil contemporânea*. In Atos de Pesquisa em Educação. Blumenau – vol. 11, nº 2, ago./nov. pp.611-633. Disponível em <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2016v11n2p611-63>. (acedido) 17/04/2019.
- GARRETT-PETTS, W. F. (2000). *Garry Disher, Michael Ondaatje, and the Haptic Eye: Taking a Second Look at Print Literacy*. In *Children Literature in Education*. Vol. 31, n.º 1, pp.39-52.
- GENETTE, G. (1997). *Paratexts: Thresholds of interpretation*. Cambridge University Press.
- GOMES, J. A. (1998). *A literatura portuguesa para crianças e jovens tópicos para a definição de uma especificidade própria*. Coimbra: Mathésis.
- HAGUETTE, T. M. F. (1997). *Metodologias qualitativas na Sociologia*. (5a edição). Petrópolis: Vozes.
- HALL, S. (2003). *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Brasil: Belo Horizonte.
- HOLLAND, N. (1985). *Reading readers reading*. In C. R. Cooper, *Researching response to literature and the teaching of literature: Points of departure*. Norwood, NJ: Ablex., pp. 3-21.
- HUNT, P. (2010). *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify.
- ISER, W. (1978). *The act of reading: A theory of aesthetic response*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.
- ITURRA. R. (1997). *Tu me entendes porque me percebes*. In Souta. L. *Multiculturalidade e educação*. Porto: Profedições.
- KEEN, S. (2011). *Fast tracks to narrative empathy: Anthropomorphism and dehumanization in graphic narratives*. In *SubStance*, 40(1), pp.135-155.
- KELERAS, J. (2013). *Vaikų literatūra Lietuvoje*. In Valstybė. 01/13. Disponível em <https://www.delfi.lt/kultura/naujienos/jkeleras-vaiku-literatura-lietuvoje.d?id=60412259> (acedido 12.03.2019)
- KIRCHOF, E. (2010). *Yuri Lotman e semiótica da cultura*. In *Prâksis*, 2, pp. 63-72. Disponível em <https://doi.org/10.25112/rp.v2i0.703> (acedido 03/05/2019).
- KRESS, G. R., e VAN LEEUWEN, T. (2006). *Reading images: The grammar of visual design*. New York: Routledge.
- LAGES, M. F. e MATOS, A. T. (2008). *Introdução Geral*. In *Percursos de Interculturalidade. Raízes e Estruturas*. Volume I. Lisboa: ACIDI. pp. 9-51.
- LOTMAN, I. (1978). *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Estampa.
- LOTMAN, I. (1990). *Universe of the mind. A semiotic theory of culture*. London: Tauris.

- LOTMAN, I. (1996). *Acerca de la semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto*. Trad. D. Navarro. Madrid: Ediciones Cátedra.
- LOTMAN, I. (1996). *La semiosfera: Semiótica de la cultura y del texto*. Navarcarnero, Madrid: Gráficas Rógar.
- MACHADO, A. et al (2004). *Manual de Educação Visual – 7º e 8º anos*, Porto: Porto Editora. pp. 49-50
- MACHADO, I. (2003) *Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial/ FAPESP.
- MACHADO, I. (2007). *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo.
- MACHADO, I. (2013). *Pensamento semiótico sobre cultura*. Sofia. Disponível em <http://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/5599/4077> (acedido 17/04/2019)
- MAIA, G. (2003). *Entrelinhas: Quando o texto também é ilustração*. In Viana F. L., Martins, M. Coquet, E., Actas do 4º Encontro Nacional (2º Internacional) de Investigadores em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração: Investigação e Prática Docente. Centro de Estudos da Criança. Braga: Universidade do Minho (outubro) pp. 145–155.
- MARSHALL, J. (2000). *Research on response to literature*. In P. D. Pearson, R. Barr, & M. L. Kamil (Eds.), Handbook of reading research Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates., pp. 381-402.
- MATEUS, M.A.M. (2013). *Fundamentos e práticas da adaptação de clássicos da literatura para leitores jovens*. In Tese de doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa. Universidade de Coimbra.
- MÉSEDER J. P. (2014). *Tudo é sempre outra coisa*. Alfragide: Editorial Caminho.
- MOEBIUS, W. (1986). *Introduction to picturebook codes*. In: Word & Image, vol.2 Nº2. (Abril -June) p.p. 132-147.
- MONTOYA, V. *Las ilustraciones en la Literatura Infantil*. Disponível em: [http:// www.lee meuncuento.com.ar/ilustraciones.html](http://www.lee.meuncuento.com.ar/ilustraciones.html) (acedido 08/04/2019).
- MOREIRA, A. F. B. (2001). *Currículo, cultura e formação de professores*. In Revista Educar, Curitiba, Brasil: Editora da UFPR, n. 17, pp. 39 – 52.
- MOREIRA, J. (2005). *Teoria de Comunicação- Semiótica. Apontamentos da Disciplina Teorias Comunicação*. Aveiro: UA. Disponível em <http://serestudanteonline.blogspot.com/2012/02/teoria-da-comunicacao-semiotica.html> (acedido 19/04/2019).
- MORGADO, M. (2010). *Literatura Infantil e Interculturalidade: “Preparar os Leitores para a Vida”*. em Transformações do Olhar: Perspectivas Ibéricas Sobre Literatura Infantil e Educação Intercultural. Julho. Educareducere, pp.17-36.
- NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. (2011). *Livro Ilustrado: Palavras e Imagens*. (1ª edição em inglês - 2001). São Paulo: Cosac Naify.
- NOGUEIRA, P., Souza, A. (2018). *Taduações do intraduzível: semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera*. In Revista Estudos de Religião, v.29, n.1. jan-jun, pp.102-123.
- NOTH, W. (1996). *A semiótica no século XX*. São Paulo: Anablume.
- OITTINEN, R. (2000). *Translating for children*. New York & London: Garland Publishing.

- OITTINEN, R., GARAVINI, M., KETOLA, A. (2017). *Translating picturebooks: revoicing the verbal, the visual and the aural for a child audience*. Taylor and Francis.
- Palestra: *Vaikų ir paauglių literatūra Lietuvoje 2017 metais*, Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=M5UdYTd2CaM> (acedido 03/05/2018)
- PEREIRA, A. (2004). *Educação Multicultural – Teorias e Práticas*. Porto: Asa Editores.
- PEROTTI, A. (1997). *Apologia do intercultural*. Lisboa: ME. Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural.
- PEIRCE, C.S. (2005). *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.
- PIRES, M. L. B. (1983). *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa: Vega.
- PIRES, M. L. B. (2000). *Importância e evolução da literatura infantil*. In *Ensaio: notas e reflexões*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 311-330.
- PRESAS, M.P., e SANDOVAL, A.C. (2017). *El álbum ilustrado, ¿un nuevo género en la literatura de adultos?* In: *Escritura y teoría en la actualidad (Actas del II Congreso Internacional de ASETEL)*, pp. 453-464. Madrid.
- PURVES, A. C., RIPPERE, V. (1968). *Elements of writing about a literary work: A study of response to literature*. Champaign, IL: National Council of Teachers of English.
- RAMOS, A. M. (2007). *A ilustração para além das ilustrações: a leitura do livro infantil como um todo*. In A. M. Ramos, *Livros de Palmo e Meio. Reflexões sobre Literatura para a Infância*. Lisboa: Caminho., pp. 220-240.
- RAMOS, A. M. (2007a). *Livros de Palmo e Meio – Reflexões sobre literatura para a infância*. Lisboa: Caminho.
- RAMOS, A. M. (2009). *As histórias que as imagens contam – Caminhos de leitura no álbum*. In Malasartes – *Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude*. Porto: Campo das Letras. Série II, N.º 17. (abril), pp. 39–46.
- RAMOS, A. M. (2010). *Interação imagem-leitor: A construção de sentidos*. In Malasartes – *Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude*. Porto: Campo das Letras. Série II, N.º 15. (dezembro) pp. 13–19.
- RAMOS, A. M. (2010a). *Literatura para a Infância e Ilustração: Leituras em Diálogo*. In *Coleção Percursos da Literatura Infantojuvenil 2*. Porto: Tropelias & Companhia.
- RAMOS, A. M. (2012). *Tendências Contemporâneas da Literatura Portuguesa para a Infância e Juventude*. In *Coleção Percursos da Literatura Infantojuvenil 7*. Porto: Tropelias & Companhia.
- RAMOS, A. M. (2015). *6x6: um balanço da literatura infantil portuguesa contemporânea*. In *Revista de lenguas y literaturas catalana, gallega y vasca, XX.*, pp. 211 - 222.
- RAMOS, A. M. (2017). *Segredos escondidos à vista de todos: implicações para a leitura dos códigos de barras nos livros infantis*. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, pp. 15-33.
- RAMOS, A. M. (2018). *Desafios da leitura do livro ilustrado pós-moderno: formar melhores leitores cada vez mais cedo*. In *SEDELER*, 5, pp.5-8.
- RAMOS, A. M., DEBUS, E. (2015). *Os estudos sobre literatura infantil e juvenil no Brasil e em Portugal: Uma análise comparada*. In *Caderno Seminal Digital 1*, 23: pp. 8 - 39.

- RAMOS, F. B., PANAZZO, NEIVA S. P. (2004). *Entre a ilustração e a palavra: buscando pontos de ancoragem*. Disponível em <http://www.ucm.es/info/especulo> (acedido 15/10/2018).
- RAMOS, F. B., NUNES, M. F. (2013). *Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura*. Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/view/24680/20639> (acedido 15/10/2018).
- RAMOS, G. (2011). *A imagem nos livros infantis. Caminhos para ler o texto visual*. In Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp.173.
- RAMOS, N. (2001). *Comunicação, cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural*. In Revista Portuguesa de Pedagogia. Ano 35, Nº2, pp. 155-178.
- RAMOS, N. (2003). *Etnoteorias do desenvolvimento e educação da criança, uma perspectiva intercultural e preventiva*. In Pires, C. et al. Psicologia, Sociedade & Bem-Estar. Ed. Diferença, Leiria. pp.161 – 177.
- ROCHA N. (1992). *Breve História da literatura para crianças em Portugal*. Maia: Biblioteca Breve.
- RODRIGUES, C. (2009). *O álbum narrativo para a infância: Os segredos de um encontro de linguagens*. In Congreso Internacional Lectura 2009 – Para leer el XXI. Havana: Comité Cubano del IBBY (sem paginação).
- RODRIGUES, R. S. V. (2008). *Saussure e a definição da língua como objeto de estudos*. In Revista Virtual dos Estudos da Linguagem – ReVEL. Edição especial n. 2. Disponível em http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf. (acedido 19/04/2019)
- SANCHES T. A. (2019). *Estudos culturais uma abordagem prática*. São Paulo: Editora Senac.
- SANTAELLA, L. (2002). *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- SANTOS, A.C., SANTOS, A. L. (2017). *O nome que não ousa dizer na intimidade-um estudo exploratório sobre nomeação*. In Padez, C. Antropologia Portuguesa vol.34.
- SANTOS, E. (2010). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Coleção Nova Era, Educação e Sociedade. Coimbra: Quarteto Editora.
- SAUSSURE, F. (2006). *Curso de linguística geral*. Trad. de Chelini, A., Paes J. P e Blikstein, I. (27. ed.) São Paulo: Cultrix.
- SEMENENKO: A. (2012). *The Texture of Culture: An Introduction to Yuri Lotman's Semiotic Theory*. Palgrave Macmillan US.
- SERAFINI, F. (2010). *Reading Multimodal Texts: Perceptual, Structural and Ideological Perspectives*. In Children's Literature in Education. Springer., pp.82-104.
- SERRA, J. P. (2007). *Teoria de comunicação*. Covilhã: Universidade de Beira Interior.
- SHAW, B. (1930). *The Works of Bernard Shaw*. In Constable, Volume 16., pp. 7.
- SILVA, T. T. (2007). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. (2 ed.) Autêntica, Brasil: Belo Horizonte.
- SIM-SIM, I. (1993). *Como leem as nossas crianças: caracterização do nível de literacia da população escolar portuguesa*. Lisboa: GEP-ME.

- SIM-SIM, I., NUNES, C. e SILVA, A. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim de-Infância*. Lisboa: Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular - Ministério da Educação.
- SQUIRE, J. R. (1994). *Research in reader response, naturally interdisciplinary*. In Ruddell, R. B., Ruddell M. R., Singer, H. (Eds.), *Theoretical models and processes of reading*. Newark, DE: International Reading Association. pp. 637-652.
- URNĖŽIŪTĒ, R. (2016). *Pabildėjimai apie vaikų literatūrą*. In Gimtoji Kalba. 11.
- VELOSO, E.M. (1994). *A obra de Aquilino Ribeiro para crianças. Imaginário e escrita*. Porto: Porto Editora.
- WEINREICH, T. (2009). *Istorija ir vaikų literatūra*. In Rubinaitis n^o. 2, pp. 5.

Anexos

A) Tabelas das entrevistas às crianças e aos mediadores de leitura (Lituânia e Portugal)

Questionário 1 em língua portuguesa	Questionário 1 em língua lituana
<ul style="list-style-type: none"> - Como é que te chamas? Quantos anos tens? - Gostaste da história? Porquê? - Podes/Consegues contar a história por palavras tuas? - Achaste esta história triste, feliz ou engraçada? Porquê? - Já sentiste alguma sensação como a da história? - O que significa para ti a felicidade? - Qual foi a personagem de que gostaste mais? Porquê? - Qual era o problema do menino da história? Se tu fosses o menino, o que é que tu fazias? - Houve alguma parte da história que não tenhas percebido muito bem? - Lembras-te do sítio onde o menino morava? Achas que podia ser aqui, em Portugal, ou noutro país? - Encontraste algum desenho mais engraçado no livro? Qual é o teu preferido e porquê? 	<ul style="list-style-type: none"> - Koks tavo vardas ir kiek tau metų? - Ar žinai šitą knygą?* - Ar tau patiko ši istorija? Kodėl? - Ar gali papasakoti istorija savais žodžiais? - Ši istorija tau pasirodė linksma, liūdna ar juokinga? Kodėl? - Ar tu kada nors panašiai jauteisi, kaip knygoje aprašyta? - Kas tau yra laimė? - Kuris veikėjas tau labiausiai patiko? -Kodėl? - Kokią problemą turėjo Povilas? Ir kaip jis jautėsi? Ką tu darytum jei būtum jo vietoje? - Ar buvo kas nors ko nesupratai? - Ar patiko tau paveikslėliai šioje knygoje? kokie labiausiai patiko? - Ar tau atrodo, kad Povilas gyvena Lietuvoje ar kokioje kitoje šalyje? - Ar patiko paveikslėliai knygoje? Kuris tavo mėgstamiausias? *Já conheces este livro?

Tabela 11 Questionário para os leitores iniciantes.

Questionário 2 em língua portuguesa	Questionário 2 em língua lituana
<ul style="list-style-type: none"> - Podia dizer-me o seu primeiro nome, idade e escolaridade? - Como avalia o livro para crianças de Evelina Daciūtė e Aušra Kiudulaitė “A felicidade é uma raposa”? - Gostou da narrativa do livro, se sim, porquê? - Gostou das ilustrações do livro? De quais gostou mais? - Houve alguma coisa que lhe pareceu menos adequada ou pouco compreensível na história, ou achou que será facilmente compreendida pelas crianças? - Gostava de ter este livro infantil na biblioteca de sua casa? - Acha que o livro pode ser facilmente compreendido noutros países? Acha que tem muitos pormenores culturais lituanos? 	<ul style="list-style-type: none"> - Koks jūsų vardas, amžius ir išsilavinimas? - Kaip vertinate Evelinos Daciūtės ir Aušros Kiudulaitės knygą vaikams „Lapė yra laimė“? Ar ji jums pažįstama?* - Ar patiko knygos turinys? Kodėl? - Ar patiko knygos iliustracijos? Kurios patiko labiausiai? - Ar kas nors paliko blogą įspūdį? Gal buvo nesuprantami, ar pasirodė, kad gali būti nesuprantami vaikams? - Ar norėtumėte turėti šią vaikišką knygą namų bibliotekoje? - Ar manote kad ši knyga gali būti suprasta kitose šalyse? Ar turi daug kultūrinių detalių skirtų Lietuvai? <p>*O livro é familiar para si?</p>

Tabela 12 Questionário para os mediadores de leitura.

B) Entrevistas efetuadas às crianças lituanas

/texto original na língua lituana/	/tradução de lituano para português/
<p>Interviu vieta: Šiauliai. Lietuva. Interviu data: 05.2018 Amžiaus grupė 5-8 metai. Vaikai pasirinkti atsitiktinai, atitinkantys amžiaus grupę ir nacionalinį principą.</p>	<p>Local das entrevistas: Siauliai. Lituânia. Data das entrevistas:05.2018 Faixa etária 5-8 anos. As crianças foram escolhidas da forma aleatória de acordo com idade e nacionalidade.</p>
<p><u>Interviu Nr. 1 (mergaitė, 8 metai)</u></p>	<p><u>Entrevista nº1 (menina, 8 anos)</u></p>
<p>-Koks tavo vardas? Kiek tau metų? -Giedrė. 8 metai. -Ar tu žinai šitą knygą? -Taip aš ją skaičiau mokykloje, bet neprisimenu. -Gal tada paskaitykim dar kartą. <i>(Knygos skaitymo metu mergaitė įdėmiai seka fabulą ir domisi iliustracijomis).</i> -Papasakok istoriją savais žodžiais, trumpai? Apie ką ši istorija? -Neatsimenu. Mnnnn..... -Koks pagrindinis istorijos veikėjas? -Povilas. -Kas jam atsitiko? -Mmm. Susidraugavo. <i>(Jaudinasi)</i> - Na tada lengvesnis klausimas. Ar patiko tau ši istorija? -Taip. <i>(tvirtas ir greitas atsakymas)</i> - O kodėl patiko? -Nežinau. -Kuri tau istorijos dalis pasirodė įdomiausia? -Kai jis užkliūdavo kai būdavo užsimerkęs. -Kaip tau atrodo ši istorija liūdna, linksma ar juokinga? - Ir liūdna ir linksma. -Kur ji liūdna o kur linksma? -Kad lapė išsiskyrė su Povilu, o linksma, kad jie susitiko.</p>	<p>-Qual é o teu nome? Quantos anos tens? -Giedre. 8 anos. -Já conheces este livro? - Eu li-o na escola, mas não me lembro. - Então podemos lê-lo de novo? <i>(Durante a leitura do livro a menina acompanha com atenção a narrativa e está interessada nas ilustrações).</i> -Podes me-contar a história pelas tuas palavras, brevemente? Sobre o que é essa história? -Não me lembro. Humm..... - Qual é o personagem principal da história? -Povilas. (Paulo) - O que lhe aconteceu? - Mmm. Fez amizade. <i>(Fica nervosa)</i> - Bem, então, uma pergunta mais fácil. Gostaste desta história? - Sim. <i>(resposta forte e rápida)</i> - E por que gostaste? - Eu não sei. - Que parte da história achaste mais interessante? - Quando ele (Paulo) tropeçava quando andava de olhos fechados. - Para ti esta história é triste, feliz ou engraçada? - É triste e feliz. - Que parte dela é triste e qual é feliz? - Quando a raposa se separou de Povilas (é triste) e</p>

<p>-Ar kada nors jauteisi panašiai kaip knygos herojai?</p> <p>-Taip. <i>(liūdnai)</i></p> <p>-Gal gali papasakoti?</p> <p>-Ne.</p> <p>-Kas tau yra laimė?</p> <p>- Mmm. Mmmm. Aaaaa. Nežinau...</p> <p>-Kada tu būni laiminga?</p> <p>-Kai piešiu.</p> <p>-Kuris veikėjas tau labiausiai patiko ir kodėl?</p> <p>-Lapė. Jinai linksma ir protinga.</p> <p>-Kokią problemą turėjo berniukas Povilas? Žinai kas yra problema?</p> <p>-Taip. Mmm. Jokių.</p> <p>-Jis nebuvo liūdnas?</p> <p>-Buvo.</p> <p>-O kodėl?</p> <p>-Dėl to kad nenorėjo išsiskirti su lapė.</p> <p>-Ką tu būtum dariusi jo vietoje?</p> <p>-Tą patį ką ir jis.</p> <p>-Ar buvo kas nors ko tu nesupratai?</p> <p>-Ne.</p> <p>-Ar manai, kad Povilas gyveno Lietuvoje ar kur kitur?</p> <p>-Lietuvoj.</p> <p>-Ar patiko paveikslėliai knygoje ir kuris mėgstamiausias?</p> <p>-Laaabai. Mėgstamiausias....<i>(varto knyga)</i> tas kur parašyta pats viršus ir pati apačia, kairė ir dešinė. Parašyta, kad iš viršaus lyja. Juokinga.</p> <p>-Ar dabar gali trumpai papasakoti apie ką ši istorija?</p> <p>-Apie lapę ir berniuką... ir ...nnn...<i>(pauzė)</i></p> <p>-Koks tas berniukas buvo? Jis buvo paprastas?</p> <p>-Ypatingas, nes gyveno medyje. Mmm</p> <p>-O daugiau toks kaip ir tu?</p> <p>-Neee. Jis pamatė lapę...</p> <p>-Ir kas vėliau atsitiko? Ją nušovė?</p>	<p>feliz que eles se encontraram.</p> <p>- Já te sentiste como os heróis do livro?</p> <p>- Sim. <i>(fala de maneira triste)</i></p> <p>- Podes me contar sobre isso?</p> <p>- Não.</p> <p>- O que é felicidade para ti?</p> <p>- Mmm. Mmmm. Aaaaa. Eu não sei ...</p> <p>- Quando te sentes feliz?</p> <p>- Quando estou a desenhar.</p> <p>- Qual das personagens gostaste mais e porquê?</p> <p>- A raposa. Ela é divertida e inteligente.</p> <p>- Que problema tinha o menino Povilas? Sabes o que significa a palavra “problema”?</p> <p>- Sim. Mmm. Não tinha.</p> <p>- Ele não estava triste?</p> <p>- Estava.</p> <p>- Porquê?</p> <p>- Porque ele não queria se separar da raposa.</p> <p>- O que tu terias feito no lugar dele?</p> <p>- A mesma coisa que ele fez.</p> <p>- Houve alguma coisa que não entendeste?</p> <p>- Não.</p> <p>- Achas que Povilas viveu na Lituânia ou em outro lugar?</p> <p>- Na Lituânia.</p> <p>- Gostaste das ilustrações do livro? Quais são as tuas favoritas?</p> <p>- Muuuuuito. A minha favorita <i>(folheia o livro)</i> onde está escrito a parte em cima a parte em baixo, esquerda e direitas. Está escrito que chove de cima. É engraçado.</p> <p>- Agora já podes contar brevemente sobre o que fala esta história?</p> <p>- Sobre a raposa e o menino ... e ... nnn ...<i>(pausa)</i></p> <p>- Como era esse menino? Era um menino normal?</p> <p>- Especial, porque ele morava numa árvore. Mmm</p> <p>- E o resto era igual a ti?</p> <p>- Nãaa. Ele viu uma raposa ...</p>
--	--

-Neee. Jis draugavo su ja.

-Lapė buvo gera ?

-Taip.

-Ką jie kartu darydavo?

-Supdavosi.

-O paskui kas atsitiko?

-Nu.. Jis turėjo persikraustyti, bet jis nenorėjo palikti lapės, o kai ...mmm...kai jis ėjo ėjo tuo ilguoju taku jis pamatė lapę ir jie vėl susidraugavo.

-Čia buvo ta pati lapė ar kita?

-Ta pati.

-Istorija baigėsi gerai ar blogai?

-Gerai. Jie toliau draugavo.

-Ačiū tau už atsakymus.

Interviu Nr. 2 (berniukas 5.8 metai)

-Koks tavo vardas kiek tau metų?

-Vilius. 5 metai.

-Ar žinai šitą knygą?

-Taip, man sesė ją visą skaitė prieš miegą.

-Nori paskaityti dar kartą?

-Taip.

(Skaitymo metu berniukas domėjosi labiau iliustracijomis nei tekstu.)

-Ar patiko tau šis pasakojimas?

-Taip.

-O kodėl patiko?

-Tiesiog.

-Kas labiausiai jame patiko?

-Mmmm mmmm(pauzė) ...lapė

-Kaip tau atrodo ši istorija liūdna linksma ar juokinga?

-Linksma.

-Kuri jos vieta linksma?

- E o que aconteceu depois? Caçou-a?

- Nããã! Ele ficou amigo dela.

- A raposa foi boa?

- Sim.

- O que é que eles faziam juntos?

- Baloçavam-se.

- O que aconteceu depois?

- Hmm... Ele teve que se mudar, mas ele não queria deixar a raposa, e quando ... mmm ... quando ele caminhou naquele caminho longo que ele viu a raposa e eles se tornaram amigos novamente.

- Ali era a mesma raposa ou uma outra?

- Era a mesma.

- A história terminou bem ou mal?

- Bem, eles continuaram a ser amigos.

- Obrigada pelas tuas respostas.

Entrevista nº2 (menino 5 anos e 8 meses)

- Como é que te chamas? Quantos anos tens?

- Vilius. Tenho 5 anos.

- Já conheces este livro?

- Sim, a minha irmã leu-o todo antes de dormir.

- Queres lê-lo outra vez?

- Sim.

(Durante a leitura, o menino estava mais interessado nas ilustrações do que na narrativa.)

- Gostaste desta história?

- Sim.

- E porque gostaste?

- Apenas gostei.

- Do que gostaste mais?

- Hummmmm (uma pausa)... a raposa.

- Achas que história é triste, feliz ou engraçada?

- Engraçada.

- Qual parte dela é engraçada para ti?

- Hmm... qualquer uma.

<p>-Mmm... bet kuri.</p> <p>-Nebuvo nieko liūdno?</p> <p>-Buvo, nes iš... išvažiavo lapė. Buvo liūdna. Nėra lapės.</p> <p>-Paskui vėl buvo linksma?</p> <p>-Taip.</p> <p>-Ar kada nors jauteisi panašiai kaip Povilas?</p> <p>-Nežinau.</p> <p>-Tau buvo liūdna?</p> <p>-Taip.</p> <p>-Kaip Povilui? Kodėl Povilui buvo liūdna?</p> <p>-Todėl kad lapė išvažiavo.</p> <p><i>(Berniuko tėtis išvažiavęs i ilgalaikę komandiruotę.)</i></p> <p>-Tau liūdna, kai kas nors išvažiuoja ?</p> <p><i>(tyli ir atrodo liūdnas)</i></p> <p>-Kas yra laimė?</p> <p>-Kai kas nors džiaugiasi.</p> <p>-Kuris veikėjas labiausiai patiko?</p> <p>-Lapė.</p> <p>-Kodėl tau ji patiko?</p> <p>-Tiesiog.</p> <p>-Kokia ji buvo?</p> <p>-Oranžinė. Jos uodega buvo ilga o burna va tokia</p> <p><i>(rodo paveikslėlį knygoje)</i> ir dar su skylutėmis.</p> <p>-O kaip ji elgėsi?</p> <p>-Gerai.</p> <p>-Ji buvo gera ar pikta?</p> <p>-Gera. Ir buvo pikta vienoj vietoj.</p> <p>-Kada ji buvo pikta?</p> <p>-Va čia ji pikta <i>(rodo j iliustraciją puslapis 17, pats viršus pati apačia)</i>.</p> <p>-Ji čia pikta ar liūdna?</p> <p>-Va čia liūdna(rodo paveikslėlį šalia) o čia pikta.</p> <p>-Kuris tavo mėgstamiausias paveikslėlis?</p> <p>-Šitas(puslapis 17).</p> <p>-Kokį rūpestį turėjo Povilas?</p> <p><i>(nenaudojame žodžio „problema“).</i></p> <p>-Kad lapė išvažiavo.</p>	<p>- Não havia nada triste?</p> <p>- Havia, quando foi ... foi embora a raposa triste. Foi triste. Não há raposa. (tradução direta)</p> <p>- E depois ficou divertida de novo?</p> <p>- Sim.</p> <p>- Já te sentiste como o Povilas?</p> <p>- Eu não sei.</p> <p>-Já estiveste triste?</p> <p>- Sim.</p> <p>- Como o Povilas? Por que o Povilas estava triste?</p> <p>- Porque a raposa foi embora. (O pai do menino trabalha muito tempo fora da casa.)</p> <p>- Ficas triste quando alguém vai embora?</p> <p><i>(Fica em silêncio e parece triste)</i></p> <p>- O que é felicidade?</p> <p>- Quando alguém se sente bem.</p> <p>- Qual das personagens gostaste mais?</p> <p>- A raposa.</p> <p>- Porque gostaste dela?</p> <p>- Apenas gostei.</p> <p>- Como era ela?</p> <p>- Cor de laranja. A sua cauda era longa e a sua boca era assim</p> <p><i>(mostra uma ilustração do livro)</i> e ainda com buraquinhos.</p> <p>- Como ela se comportou?</p> <p>- Bem.</p> <p>- Ela era boa ou má?</p> <p>- Boa. Só uma vez era má.</p> <p>- Quando ela era má?</p> <p>- É aqui que ela está zangada <i>(mostra página 17 ilustração da raposa de parte em cima)</i>.</p> <p>- Ele está zangado ou triste?</p> <p>- Bem, aqui está triste (mostra a ilustração da outra raposa na mesma página) e aqui está zangada.</p> <p>- Qual das ilustrações é a tua favorita?</p> <p>- Esta (página 17).</p> <p>- Por que o Povilas estava preocupado?</p>
---	--

<p>-Ką jis darė?</p> <p>-Liko namuose.</p> <p>-Ką tu būtum daręs jo vietoje? .</p> <p>-(Tylī)</p> <p>-Nežinai? Eitum lapės ieškoti?</p> <p>-Ne. Likčiau namie.</p> <p>-Ar viską supratai šitoj knygoj?</p> <p>...<i>(Linguoja galvą, kad taip)</i></p> <p>-Kaip manai kur gyveno Povilas? Lietuvoj ar kitoje šalyje?</p> <p>-Lietuvoj.</p> <p>-Kodėl taip manai?</p> <p>-Nes jis atrodo kaip lietuvis.</p> <p>-Gal gali papasakoti apie ką ši knyga?</p> <p>-Apie lapę... ir apie laimę. Lapė yra laime. Nee. Laimė yra lapė. Man pasakė ir aš įsiminiau.</p> <p>-Ir dar apie ką ši istorija?</p> <p>-Apie Povilą.</p> <p>-Jis buvo paprastas berniukas?</p> <p>-Paprastas. Turėjo mamą tėtį ir viskas. Ir dar lapę.</p> <p>-O kas jam buvo lapė?</p> <p>-Draugė.</p> <p>-Kaip jis ją sutiko?</p> <p>-Mmm... kai ėjo namo. Pamatė ją ant supynės.</p> <p>-Ką jie kartu darydavo?</p> <p>-Draugaudavo.</p> <p>-Kurie paveikslėliai tau dar patiko?</p> <p>-(rodo į katiną) Keistas.</p> <p>-Kodėl?</p> <p>-Nes jis kažką sako.</p> <p>-Sako „miau“ ?</p> <p>-Man atrodo, kad jis sako ooo. <i>(sprendžia iš katino lūpų o ne iš užrašo)</i></p> <p>-Kuo baigėsi istorija ?</p> <p>-Kad jie skrido. Varnos juos neša. (Paskutinis paveikslėlis)</p> <p>-Ačiū tau.</p>	<p><i>(Nėo usamos a palavra “problema”).</i></p> <p>- Porquē a raposa foi embora.</p> <p>-O que ele fez?</p> <p>- Ficou em casa.</p> <p>- O que terias feito no lugar dele?</p> <p>- <i>(fica em silêncio).</i></p> <p>- Nėo sabes? las procurar a raposa?</p> <p>- Nėo. Ficava em casa.</p> <p>- Entendeste tudo neste livro?</p> <p>- <i>(acena com a cabeça que sim)</i></p> <p>- Onde tu achas que vivia o Povilas? Na Lituānia ou no outro país?</p> <p>- Na Lituānia.</p> <p>- Porque achas isso?</p> <p>- Ele parece como um lituano.</p> <p>- Podes-me contar sobre o que é este livro?</p> <p>- Sobre a raposa ... e sobre a felicidade. Uma raposa é a felicidade. Nėaaoo. A felicidade é uma raposa. Disseram-me e eu decorei.</p> <p>- E sobre que mais é esta história?</p> <p>- Sobre o Povilas.</p> <p>- Ele era um menino normal?</p> <p>- Sim, normal. Ele teve o pai de a mãe e mais nada. E teve uma raposa.</p> <p>- Quem era raposa para ele?</p> <p>- Amiga.</p> <p>- Como ele a encontrou?</p> <p>- Mmm... quando caminhava para casa. Ele a viu-a em cima de um baloiço.</p> <p>- O que eles faziam juntos?</p> <p>- Foram amigos.</p> <p>- Quais das ilustrações de que mais gostaste?</p> <p>- (mostra-me o gato) É estranho.</p> <p>- Porquē?</p> <p>- Ele diz alguma coisa.</p> <p>- Ele diz “ miau”?</p> <p>- Eu acho que ele diz ooo. <i>(exemplifica com os lábios como o gato faz, em vez de ler)</i></p>
--	--

	<p>- Como terminou a história?</p> <p>- Quando eles voaram. Os corvos os levaram. (Última ilustração página 25)</p> <p>- Muito obrigada.</p>
<p><u>Entreviu Nr. 3 (berniukas 8 metai)</u></p> <p>-Koks tavo vardas ir kiek tau metų?</p> <p>-Nojus 8 metai.</p> <p>-Ar žinai šitą knygą?</p> <p>-Ne, nežinau.</p> <p>-Tai gal gali ją pradžioje apžiūrėti? Ar tu pats ar mėgsti skaityti?</p> <p>-Mėgstu. Bet man reikia kuo mažesnių raidžių.</p> <p>-Čia yra ir mažesnių raidžių ir didesnių.</p> <p>-Tada gerai, ji man tinka. Tik aš skaitau storesnes knygas.</p> <p>-O kaip tau patinka paveikslėliai?</p> <p>- Patinka. Gražūs.</p> <p>-O kuris gražiausias?</p> <p>-Stalas lapės uodegoj.... ir dar katinas. <i>(12-as puslapis)</i></p> <p>- Gal kuris tau nepatinka?</p> <p>-Tas kur su šešėliu, nėra jokio kūno. <i>(11-tas puslapis)</i></p> <p>-Ar gali suprasti iš paveikslėlių istoriją?</p> <p>-Nežinau. Nelabai.</p> <p>-Pabandyk.</p> <p>-Mieste važiuoja mašinos. Viena su drambliu, kita su kariu, paskui virėja maistą pardavinėja ir dar vestuvės. Paskui parke vedžioja šunis. Šunys uosto visur, vaikšto. Paukščiai žiuri ir lesa, lėktuvas skraido ir paukščiai paskui dar skraido.</p> <p>-O kas čia?</p> <p>-Čia butas mieste. Dar didelis namas gali būti ir medis.</p> <p>-Kas nors medyje gyvena?</p> <p>-Paukščiai.</p> <p>-Žmonės gali medyje gyventi?</p>	<p><u>Entrevista 3 (menino de 8 anos)</u></p> <p>- Como te chamas e quantos anos tens?</p> <p>- Sou o Nojus, tenho 8 anos.</p> <p>- Já conheces este livro?</p> <p>- Não, não conheço.</p> <p>- Então vamos vê-lo primeiro? Gostas de ler?</p> <p>- Gosto. Mas eu preciso dos livros com as letras pequenas.</p> <p>- Aqui tem letras de vários tamanhos.</p> <p>- Tudo bem, assim serve para mim. Só eu leio livros mais grossos.</p> <p>- Gostas das ilustrações?</p> <p>- Gosto. São lindas.</p> <p>- Qual achas a mais bonita?</p> <p>- A mesa na cauda da raposa e ainda o gato. <i>(página 12)</i></p> <p>- Há alguma de não gostes?</p> <p>- Esta, com a sombra, não há corpo da pessoa. <i>(página 11)</i></p> <p>- Consegues entender a história só a partir das ilustrações?</p> <p>- Eu não sei. Não muito.</p> <p>- Experimenta.</p> <p>- Os carros andam numa cidade. Um com o elefante, o outro com o guerreiro, os cozinheiros vendem a comida, ainda, há uma festa de casamento. As pessoas passeiam os cães no parque. Os cães snifam em todos lados, caminham. Os pássaros olham e comem, o avião está a voar e os pássaros estão a voar também.</p> <p>- O que está aqui?</p> <p>- Este é um apartamento numa cidade. Também pode ser uma casa grande numa árvore.</p>

<p>-Galėtų. Jei čia būtų medis, šaka ir namelis. Čia deda į lentynas maistą, pelės žiūri kokį maistą pasiimti.</p> <p>-O kam čia reikalingas molis?</p> <p>-Indams daryti. Šitame paveikslėlyje vaikai skraido.</p> <p>-Gal važiuoja su riedlente?.</p> <p>-Ne, jie skraido, nes čia dangus, paskui, čia vaikas, kuris atėjo į kepyklą nupirkti tris bandeles.</p> <p>-O kodėl tris?</p> <p>- Nežinau, nes čia trys sudėtos. Paskui jisėjo namo ir pamatė lapę ant sūpynių, prieina, o paskui tenais prie sūpynių pasidalino su lape savo gabalėliu bandelės ir suvalgė. Paskui jis grįžo namo ir visi pasidalino bandeles. Vienas tėčiui, vienas mamytei ir tie atlaužė nuo savo gabalėlio ir davė vaikui. Daugiau aš čia nieko nebežinau.</p> <p>-Tau patinka šitie paveikslėliai?</p> <p>-Taip. Labai gražios spalvos.</p> <p>-Tai gal dabar paskaitykim.</p> <p><i>(Skaitant įdėmiai klauso).</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Ar tau patiko šis pasakojimas? - Taip patiko. - Kodėl? - Mmm.. nežinau, įdomus gal. - Kaip tau atrodo ši istorija linksma, liūdna ar juokinga? - Man tai linksma... bet ir biškutį liūdna. - Kodėl? - Nes lapė pradingo. Ir Povilas liūdėjo.... todėl, kad ji buvo jo draugė, bet paskui labai apsidžiaugė, nes lapė suposi ant sūpynių ir jis ją pamatė. - Ar kada jauteisi panašiai, kaip knygos veikėjai? - <i>(Tyli, galvoja)</i> Gal ne, nežinau. - Kas tau yra laimė? - Na, tai, kada aš džiaugiuosi. 	<p>- E mora alguém na árvore?</p> <p>- Os pássaros.</p> <p>- E as pessoas podem viver numa árvore?</p> <p>- Podem sim. Se houvesse uma árvore, um galho e uma cabana. Aqui colocam comida nas prateleiras e os ratos estão a ver que comida podem levar.</p> <p>- E para que é preciso aqui o barro?</p> <p>- Para fazer loiças. Nesta ilustração as crianças voam.</p> <p>- Será que andam com skates?</p> <p>- Não, eles voam, porque aqui está o céu, e este é o menino que veio à padaria para comprar três pães.</p> <p>- Porque três?</p> <p>- Eu não sei, é porque aqui estão três colocados. Depois ele foi para a casa e viu uma raposa no balanço, aproximou-se e partilhou o seu pão com a raposa e comeu. Mais tarde ele voltou para casa e toda gente partilhou os pães. Um para o pai, um para a mãezinha, e eles partiram o pedaço do seu pão e deram à criança. Não sei mais nada aqui.</p> <p>- Gostas destas ilustrações?</p> <p>- Sim. As cores são muito bonitas.</p> <p>- Vamos ler agora.</p> <p><i>(Escuta atentamente a leitura).</i></p> <p>- Gostaste da história?</p> <p>- Sim, gostei.</p> <p>- Porquê?</p> <p>- Mmm... não sei, se calhar porque é interessante.</p> <p>- Como tu achas esta história é triste, feliz ou engraçada?</p> <p>- Para mim é feliz... mas também é bocadinho triste.</p> <p>- Porquê?</p> <p>- Porquê a raposa desapareceu. E o Povilas ficou triste... porque ela era uma amiga, mas depois ele ficou muito feliz, pois a raposa andava no balanço e ele viu-a.</p>
---	---

<ul style="list-style-type: none"> - Ir kada tu džiaugiesi ? - Kai susitinku su draugais... ir kai močiutė atvažiuoja. Ir šiaip kartais būna... atsitinka gerų dalykų. - Kuris knygos veikėjas tau labiausiai patiko? - Povilas. - Kodėl? - Nes aš turiu draugą, kurio vardas Povilas. <i>(juokiasi)</i> - Kokią problemą turėjo Povilas iš knygos? Žinai ką reiškia problema? - Žinau. Jis buvo liūdnas. - Kodėl? - Jis norėjo pasilikti su lape, bet tėtis norėjo didelio malūnsparnio ir namo. - Ką tu būtum daręs jo vietoje? - Nieko. Nežinau. Tikriausiai nieko. - Ar buvo, kad ko nors nesupratai? - Ne. - Ar manai, kad Povilas gyveno Lietuvoje? - Taip. - Kodėl? - Todėl, kad čia ant namo lietuviškai užrašyta. - Ačiū, Nojau už atsakymus. 	<ul style="list-style-type: none"> - Já te sentiste assim como as personagens do livro? - <i>(Fica silencioso e pensa)</i> Se calhar não, não sei. - O que para ti é a felicidade? - Isso é quando estou bem. - E como é tu sentires-te bem? - Quando me encontro com os amigos.... E quando a avó me visita. E às vezes acontece ... coisas boas acontecem. - Qual a personagem do livro que gostaste mais? - O Povilas. - Porquê? - Porque eu tenho um amigo chamado Povilas. <i>(risos)</i> - Que problema teve o Povilas do livro? Sabes o que significa a palavra problema? - Eu sei. Ele estava triste. - Porquê? - Ele queria ficar com a raposa, mas o pai queria ter um helicóptero grande e uma casa. - O que terias feito no lugar dele? - Nada. Não sei. Provavelmente nada. - Houve algo na história que não entendeste? - Não. - Achas que o Povilas viveu na Lituânia? - Sim - Por quê? - Porque aqui na casa está escrito em lituano. - Nojus, obrigada pelas respostas.
<p style="text-align: center;"><u>Entreviu Nr. 4 (berniukas 6 metai)</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -Koks tavo vardas ir kiek tau metų? -Kęstutis. 6 metai su puse. -Ar žinai šitą knygą? -Taip aš ją jau turiu. Mamytė nupirko. Ir aš ją vienas pats perskaičiau. Visą. <i>(Skaityti dar nemoka)</i> -Gal galiu dabar aš tau ją paskaityti? 	<p style="text-align: center;"><u>Entrevista Nº 4 (menino de 6 anos)</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual é o teu nome e quantos anos tens? - Kestutis. 6 anos e meio. - Já conheces este livro? - Sim, eu já o tenho. A minha mamã comprou-o. E eu já li o todo, sozinho. <i>(Ainda não sabe ler).</i> - Posso agora lê-lo para ti?

<p><i>(Skaitant istoriją domisi tik pradžioje. Paskui ima nuobodžiauti.)</i></p> <p>-Ar tau patiko šis pasakojimas? -Patiko. Labai graži pasaka.</p> <p>-Tau atrodo ji linksma liūdna ar juokinga? -Juokinga.</p> <p>-Kodėl? -Juokinga apie lapę, kad jinai melavo</p> <p>-Melavo? -Melavo, kad neatsiras ir paskui atsirado.</p> <p>-O tai ten buvo ta pati ar kita lapė? -Kita, tikriausiai.</p> <p>-Ar kada jauteisi panašiai, kaip istorijos veikėjai: Povilas ar lapė? -Ne.</p> <p>-Kas tau yra laimė? -Nežinau.</p> <p>-Ar žinai ką reiškia šis žodis? -Ne.</p> <p>-Laimingas žmogus būna kai džiaugiasi, kai atsitinka kas nors gero. Kada tu džiaugiesi? -Nežinau. (galvoja) Gal kai mamytė grįžta iš darbo.</p> <p>-Kuris veikėjas tau labiausiai patiko? -Lapė.</p> <p>-Kodėl? -Nes ji buvo gudri.</p> <p>-Kokią problemą turėjo Povilas? -Išsikraustė į kitą miestą.</p> <p>-Jis norėjo kraustyti? -Ne. Jis liūdėjo.</p> <p>-Ką tu būtum daręs jo vietoje? -Nenorėčiau kraustyti. Nenorėčiau palikti draugų.</p> <p>-Ar buvo, kad ko nors nesupratai? -Ne, nebuvo.</p> <p>-Kokioje šalyje gyveno Povilas? Lietuvoje ar kur kitur? -Ne Lietuvoje, kažkur toli.</p> <p>-Kodėl?</p>	<p><i>(Fica interessado com a leitura da história no início. Depois fica entediado).</i></p> <p>- Gostaste desta história? - Gostei. É um conto muito bonito.</p> <p>- Achas que a história é triste, feliz ou engraçada? - Engraçada.</p> <p>- Porquê? - Foi engraçado sobre a raposa. Como ela mentiu.</p> <p>- Mentiu? - Ela mentiu que não ia aparecer e depois apareceu.</p> <p>- Então e ali estava a mesma raposa ou outra? - Outra, provavelmente.</p> <p>- Já te sentiste como os personagens da história: o Povilas ou a raposa? - Não.</p> <p>-O que é felicidade para ti? - Eu não sei.</p> <p>- Sabes o que significa a palavra? - Não.</p> <p>- Uma pessoa fica feliz quando está contente com algo de bom que aconteceu. Quando é que tu ficas contente? - Eu não sei. (Está a pensar) Talvez quando a mamã volta do trabalho.</p> <p>- De qual das personagens gostaste mais? - A raposa.</p> <p>- Porquê? - Porque ela era esperta.</p> <p>- Qual era o problema do Povilas? - Mudou-se para outra cidade.</p> <p>- Ele queria mudar? - Não. Ele ficou triste.</p> <p>- O que terias feito no lugar dele? - Não quereria de me mudar. Não gostaria de deixar os meus amigos.</p> <p>- Houve alguma coisa que não entendeste? - Não, não houve.</p>
--	--

<p>- Man taip atrodo.</p> <p>-Kurie paveikslėliai tau patiko? Kodėl?</p> <p>-Kur dingo lapės nuotaika, nes lapė mėlyna. Dar namelis medyje ir lėktuvas. Teta su bandelėm, nes ten gėlė kur valgo muses.</p> <p>-Ar gali savais žodžiais papasakoti istoriją. Ką prisimeni?</p> <p>-Prisimenu Povilą ir lapę, kur kraustėsi į kitą miestą ir į didesnį parką, kur galingesnis lėktuvas, kur danguje piešė tokius triukus. (<i>Rodo paveikslėlyje 19</i>)</p> <p>-Tai gal čia žvaigždynai?</p> <p>-Taip žvaigždynai. Naktį mane saugo viena žvaigždė danguje. Kažkokia.</p> <p>-Tau patinka, kaip čia nupiešti žvaigždynai?</p> <p>-Ne tokių nėra. Reikėjo nupiešti, kaip iš tikrųjų.</p> <p>- Ačiū tau už pokalbį.</p>	<p>- Em que país vivia o Povilas? Na Lituânia, ou noutro lugar?</p> <p>- Não, não foi na Lituânia, foi em algum lugar longe.</p> <p>- Porquê?</p> <p>- Eu acho assim.</p> <p>- De que ilustrações gostaste mais e porquê?</p> <p>- Onde o bom humor da raposa desapareceu, porque a raposa é azul. E também a casa na árvore e o avião. A senhora com os pãezinhos porque tem uma flor que come moscas.</p> <p>- Podes contar-me a história nas tuas próprias palavras. Do que te lembras?</p> <p>- Eu lembro-me do Povilas e da raposa, quando se mudaram para outra cidade e para um parque maior, onde estava o avião mais poderoso que desenhava truques no céu assim. <i>(Aponta para a ilustração 19)</i></p> <p>- Mas estas aqui não são as constelações?</p> <p>- Sim, são constelações. Uma estrela no céu guarda-me à noite. Alguma.</p> <p>- Gostas de como as constelações são desenhadas aqui?</p> <p>- Não assim não existem. Deviam desenhar como realmente é.</p> <p>- Obrigada pela entrevista.</p>
<p style="text-align: center;"><u>Interviu Nr. 5 (mergaitė 7 metai)</u></p> <p>Koks tavo vardas ir kiek tau metų?</p> <p>Akvilė. Man 7 metai.</p> <p>-Ar žinai šitą knygą?</p> <p>-Taip, aš ją jau skaičiau, tik labai seniai..., kai, dar maža buvau. (<i>knyga išleista 2016 m.</i>)</p> <p>-Ar prisimeni apie ką ši knyga?</p> <p>- Apie lapę ...ir laimę. Mmmm.... neprisimenu.</p> <p>-Gal galime dar kartą ją paskaityti?</p>	<p style="text-align: center;"><u>Entrevista Nº 5 (menina, 7 anos)</u></p> <p>- Como é que te chamas e quantos anos tens?</p> <p>- Akvile. Tenho 7 anos.</p> <p>- Conhecês este livro?</p> <p>- Sim, já o li, há muitos anos atrás..., quando era pequena. (<i>O livro foi publicado em 1916 na Lituânia</i>).</p> <p>- Lembras-te sobre o que é o livro?</p> <p>- Sobre uma raposa... e sobre felicidade. Mmmm...</p>

<p><i>(Skaitant istoriją įdėmiai klausosi, nepertraukia.)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Ar tau patiko ši istorija? - Taip. - Kodėl? - Todėl, kad graži. - Ši istorija tau pasirodė linksma, liūdna ar juokinga? - Juokinga biški... - Kodėl? - Jis užkliūdavo ir trankydavosi į žmones (<i>juokiasi</i>)... Povilas... žmonės pyko ir šaukė. Ir dar liūdna buvo, kai Povilas išvažiavo. - O linksmo nieko nebuvo? - Buvo. Lapę susitiko ir suposi kartu. - Ar tu kada nors panašiai jauteisi, kaip knygoje aprašyta? - Ne. Nežinau... gal ne. - Kas tau yra laimė? - Mama. Aš tokį eilėraštką mokiaus, ten buvo parašyta... mama tai laimė ...na nepamenu jau, mokiaus kai mažą buvau. - O dabar tu jau didelė? - Taip (rimtai). - Kuris veikėjas tau labiausiai patiko? - Lapė. - Kodėl? - Todėl, kad ji turi ilgą uodegą ir dar oranžinė...nes man ta spalva patinka. - Kokią problemą turėjo Povilas? - Jis turėjo išsikraustyti... nes tėtis sakė, kad taip bus geriau, ir jis išsikraustė, o lapė nevažiavo su juo.... - Ir kaip jis jautėsi? - Liūdėjo be lapės. Lapė buvo jo draugė. - Ką tu darytum jei būtum jo vietoje? 	<p>nė me lembro.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Podemos lē-lo outra vez? <i>(Durante a leitura está a ouvir com atenção, não interrompe.)</i> - Gostaste a história? - Sim. - Porquê? - Porquê  linda. - Achas que história é triste, feliz ou engraçada? -  engraçada, um bocadinho... - Porquê? - Ele tropeçava e batia nas pessoas (<i>riso</i>)... Povilas ... as pessoas ficaram zangadas e gritaram. E ainda estava triste quando Povilas partiu. - E não havia nada feliz? - Havia sim. Ele encontrou-se com uma raposa e andaram de baloo juntos. - J te sentiste como as personagens do livro? - Não. Eu não sei ... talvez não. - O que  felicidade para ti? - A minha mãe. Decorei um poema assim, l dizia ... a mãe é a felicidade ... j não me lembro bem, decorei quando era pequena. - E agora às grande? - Sim (diz com um ar sério). - De qual das personagens gostaste mais? - A raposa. - Porquê? - Porque ela tem uma cauda longa e ainda  da cor de laranja ... porque eu gosto dessa cor. - Que problema tinha o Povilas? - Ele teve que se mudar ... porque o pai disse que seria melhor, e ele foi embora e a raposa não foi com ele... - E como é que ele se sentiu? - Triste sem a raposa. A raposa era amiga dele. - O que tu farias se estivesse no lugar dele? - No sei. Eu no faria nada.
--	---

<ul style="list-style-type: none"> - Nežinau. Nieko nedaryčiau. - Ar buvo kas nors ko nesupratai? - Ne. - Ar patiko tau paveikslėliai šioje knygoje? - Taip. - O kokie labiausiai patiko? - Visi patiko.... va šitas kur lapės uodega ilga (<i>puslapis 19</i>) ir dar šitas irgi patiko. (<i>viršus apačia, kairė, dešinė puslapis 14</i>) - Ar tau atrodo, kad Povilas gyvena Lietuvoje ar kokioje kitoje šalyje? - Lietuvoje. - Kodėl? - ...Nežinau, mmm gal, kad lietuviškai kalba. - Ačiū, Akvile, už atsakymus. 	<ul style="list-style-type: none"> - Houve alguma coisa que não entendeste? - Não. - Gostaste das ilustrações deste livro? - Sim. - E de quais gostaste mais? - Gostei de todas ... esta onde a raposa tem a cauda comprida (<i>página 19</i>) e de mais esta gostei (<i>parte superior de cima, esquerda, direita, página 14</i>). - Achas que o Povilas mora na Lituânia ou noutro país? - Na Lituânia. - Porquê? - ... Eu não sei, mmm, talvez porque ele fala lituano. - Obrigada, Akvile, pelas tuas respostas.
<p style="text-align: center;"><u>Entreviu Nr. 6 (mergaitė 5 metai)</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Koks tavo vardas ir kiek tau metų? - Emilija. Man 5 metai. - Ar esi kada mačiusi šitą knygą? - Ne. - Pavartyk ją. Ar tau ji atrodo įdomi? - (<i>varto knygą</i>) Lapė čia kokia.....Patinka....Oranžinė. - Kuris tau paveikslėlis labiausiai patinka? - Mmmm.... šitas. (<i>Rodo katiną, sūpynes 16 puslapis</i>) - Kodėl? - Čia yra katinas ir ežiukas, mažytis....mmm... ir lėktuvas skrenda va taipzzzz...(suka pirštu ore). - O tu jau kada skridai lėktuvu? - Ne, aš neskridau, bet mama jau skrido. - O gal gali papasakoti apie ką ši istorija žiūrėdama į paveikslėlius? 	<p style="text-align: center;"><u>Entrevista Nº 6 (menina, 5 anos e 6 meses)</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual é o teu nome e quantos anos tens? -Emilija. Tenho 5 anos. - Já viste este livro? - Não. - Podes folheá-lo. Parece-te interessante? - (<i>folheia o livro</i>) Raposa aqui Gosto de cor de laranja. - Qual das ilustrações gostas mais? - Mmmm esta. (<i>Mostra o gato e o baloiço, página 16</i>) -Porquê? - Aqui há um gato e um ouriço, um pequenito ... mmm ... e o avião voa assim zzzzz ... (<i>gira o dedo no ar</i>). - Já andaste de avião? - Não, eu não andei, mas minha mãe já andou. - Talvez consigas contar a história pelas ilustrações? - Mmm (<i>nervosa</i>) não sei

<ul style="list-style-type: none"> - Mmm (<i>jaudinasi</i>) nežinau.... - Kokie čia veikėjai nupiešti? - Lapė ...(<i>galvoja</i>) teta... ir berniukas. - Na tai apie ką ta istorija ? - Apie lapę. - O kur jie visi gyvena: mieste ar kaime? - Mieste. Čia mašinos važiuoja. - Ir ką lapė veikia čia? - Mmmm... pučia burbulus (<i>žiūri j mane klausiamai</i>), nežinau. - Tai gal dabar paskaitykim. <p><i>(Skaitant pradžioje žiūri paveikslėlius, paskui j šunį už lango, prieš pabaigą akivaizdžiai nuobodžiauja.)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Ar tau patiko ši istorija? - Patiko. - O kodėl? - Nežinau. - Kas tau labiausiai patiko? - Lapės uodega (<i>rodo j lapę ant sūpynių, puslapis 22</i>). - Ar ši istorija tau atrodo linksma, liūdna ar juokinga? - Linksma. - Kodėl? - Todėl kad dramblis šypsosi. Jam lapė patinka (<i>Žiūri j paveikslėlį, puslapis 22</i>). - O gal gali papasakoti apie ką ši istorija? - Mmmm...mmm apie lapę....(<i>pauzė</i>) ir Povilą ir ...supynes... - Ir kas jiems atsitiko? - Lapė išėjo ir paskui Povilas ją rado. - Kuris veikėjas tau labiausiai patiko? - Lapė. - Kodėl? - Nes ji mėgsta suptis. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais são os personagens aqui? - Uma raposa ... (pensa), a senhora ... e um menino. - Então sobre o que é esta história? - Sobre a raposa. - E onde moram todos: na cidade ou na vila? - Na cidade. Aqui andam os carros. - E o que a raposa faz aqui? - Mmmm... sopra bolhas de sabão (<i>olha para mim perguntando</i>), eu não sei. - Talvez... Vamos ler agora? <p><i>(No início da leitura observa as ilustrações, depois vê um cão pela janela e antes do final já está aparentemente entediada.)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Gostaste desta história? - Gostei. - E porquê? - Eu não sei. - Do que gostaste mais? - A cauda da raposa (<i>mostra a raposa no baloiço, página 22</i>). - Esta história é feliz, triste ou engraçada? - É feliz. - Porquê? - É por isso que o elefante está a sorrir. Ele gosta da raposa (<i>olha para a ilustração, página 22</i>). - Talvez podes-me contar sobre o que é esta história? - Mmmm ... mmmm sobre a raposa (<i>pausa</i>)... e o Povilas e ... baloiço ... - E o que aconteceu? - A raposa foi embora e ... depois Povilas encontrou-a. - De qual das personagens gostaste mais? - A raposa. - Porquê? - Porque ela gosta de andar de baloiço. - E tu também gostas de andar de baloiço?
--	--

<ul style="list-style-type: none"> - O tu mėgsti suptis? - Taip. - Ar kada jauteisi panašiai kaip Povilas ar lapė? - Ne. - O kokį rūpestį turėjo Povilas? - Nes lapė supyko ir išėjo. - O tai lapė čia pikta ar gera? - Kartais gera o kartais pikta. Va čia tai pikta. <i>(rodo į paveikslėlį, puslapis 13)</i> - Ir kaip baigėsi istorija? - Povilas sutiko lapę ir jie nuėjo skraidyti. - Ar buvo kokias dalis kokios tu nesupratai? - Ne. - Kas tau yra laimė? - Nežinau. - O ar žinai ką tas žodis reiškia? - Žinau... na kai būna gerai. - Ir kada tau būna gerai? - Kai žaidžiu su žaislais. - Kaip manai Povilas gyvena Lietuvoje ar kur toli? - Lietuvoje, aišku. - Kodėl? - Nes jis lietuvis. - Ačiū už atsakymus. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sim - Já te sentiste como o Povilas ou como a raposa? - Não. - Que preocupação tinha o Povilas? - Porque a raposa ficou zangada e foi-se embora. - Então a raposa aqui é boa ou zangada? - Às vezes é boa e às vezes é zangada. Está aqui está zangada. <i>(mostra ilustração na página 13)</i> - E como é que a história acabou? - O Povilas encontrou a raposa e eles foram voar. - Houve alguma parte que não tenhas entendido? - Não. - O que é felicidade para ti? - Eu não sei. - E sabes o que essa palavra significa? - Eu sei ... quando está bem. - Então, e como é quando estás bem? - Quando brinco com brinquedos. - Achas que o Povilas mora na Lituânia ou longe? - Na Lituânia, claro. - Porquê? - Porque ele é lituano. - Obrigada pelas tuas respostas.
---	---

C) Entrevistas efetuadas aos adultos lituanos

<p><u>/texto original na língua lituana/</u> Interviu vieta: Šiauliai. Lietuva. Interviu data: 05.2018 Amžiaus grupė: daugiau nei 18 metų. Asmenys pasirinkti atsitiktinai.</p> <p style="text-align: center;"><u>Interviu Nr. 1</u></p> <p>Koks jūsų vardas, amžius ir išsilavinimas? Mano vardas Vilma. Man 39. Išsilavinimas aukštasis.</p> <p>Kaip vertinate Evelinos Daciūtės ir Aušros Kiudulaitės knygą vaikams „Lapė yra laimė“? Ar ji jums pažįstama? Knyga įdomi. Vaikiška knygelė, bet pilnai skirta ir suaugusiems žmonėms, nes kokias mintis išsako autorė ir kaip tai pateikia. Gali labai filosofškai pasižiūrėti. Taip man ji gan gerai pažįstama.</p> <p>Ar patiko knygos turinys? Kodėl? Knyga patiko, nes daug įdomių sprendimų. Jau išnašose kalbama, kas gyvenime žmogui yra laimė. Tikriausiai kiekvienas skaitantis pradžioje gali atrasti sau tinkančias išvadas, kas jam konkrečiai yra laimė. Įdomi istorija, taip pat.</p> <p>Ar patiko knygos iliustracijos? Kurios patiko labiausiai? Patiko pati lapė. Detalės, kada ji pasirodo. Pradžioje pati uodega pasirodo ir toje uodegoje telpa viskas. Labai gražiai pavaizduota.</p> <p>Ar kas nors paliko blogą įspūdį? Buvo nesuprantama? Manote, kad gali būti nesuprantama vaikam? Mano nuomone, čia kiekvienas žmogus ar tai vaikas ar tai suaugęs skaitydamas atranda savo dalykus ir nesuprantamų vietų nemanyčiau kad yra, tik kiekvienas supranta savaip ją</p>	<p><u>/tradução de lituano para português/</u> Local das entrevistas: Šiauliai. Lituânia. Data das entrevistas: 05.2018 Faixa etária: maiores de 18 anos. As pessoas foram escolhidas da forma aleatória.</p> <p style="text-align: center;"><u>Entrevista Nº1</u></p> <p>Podia-me dizer o seu primeiro nome, idade e escolaridade? O meu nome é Vilma. Tenho 39 anos e tenho o ensino superior (está a folhear o livro)</p> <p>Como avalia o livro para crianças de Evelina Daciūtė e Aušra Kiudulaitė “A felicidade é uma raposa”? Já conhece o livro? O livro é interessante. É um livro infantil que pode ser igualmente destinado a adultos devido às ideias que autora expressa. Podemos encontrar conceitos muito filosóficos. E sim, o livro é-me bem familiar.</p> <p>Gostou da narrativa do livro, se sim, porquê? Gostei do livro por causa das várias interpretações interessantes que pode ter. Já nas guardas fala-se do que é felicidade na vida humana. Provavelmente, todos durante a leitura podem chegar às suas conclusões: o que é felicidade para cada um. Tem uma história interessante, também.</p> <p>Gostou das ilustrações do livro? De quais gostou mais? Gostei do visual da raposa. Os detalhes, quando ela aparece: primeiro aparece a cauda dela e dentro da sua cauda cabe tudo. Está retratado de uma maneira muito bonita.</p> <p>Houve alguma coisa que lhe pareceu menos adequada ou pouco compreensível na história, ou achou que será facilmente compreendida pelas crianças?</p>
---	---

<p>skaitydamas.</p> <p>Ar norėtumėte turėti šią vaikišką knygą namų bibliotekoje?</p> <p>Taip. Aš ją jau turiu.</p> <p>Ar manote kad ši knyga gali būti priimta kitose šalyse? Ar turi daug kultūrinių detalių skirtų Lietuvai?</p> <p>Nemanau, kad tik Lietuvai skirta knyga. Manau bet kurioje šalyje skaitantys vaikai ar suaugusieji atras tą ką nori. Tikrai tinkanti užsieniui knyga.</p> <p>Ačiū už pokalbį.</p>	<p>Na minha opinião, todas as pessoas - as crianças e os adultos - encontrarão os seus próprios pontos de interesse no processo da leitura. Eu não acho que existam partes que sejam incompreensíveis, só que todos vão compreender a leitura à sua própria maneira.</p> <p>Gostava de ter este livro infantil na biblioteca de sua casa?</p> <p>Sim, eu já o tenho.</p> <p>Acha que o livro pode ser facilmente compreendido noutros países? Acha que tem muitos pormenores culturais lituanos?</p> <p>Não acho que seja um livro apenas para a Lituânia. Acho que, em qualquer país, as crianças ou os adultos, ao lerem este livro, encontrarão o seu significado. O livro é perfeitamente adequado ao público estrangeiro.</p> <p>Obrigada pela conversa.</p>
<p style="text-align: center;"><u>Interviu Nr. 2</u></p> <p>Koks jūsų vardas, amžius ir išsilavinimas?</p> <p>Jolita. 43 metu aukštasis išsilavinimas.</p> <p>Kaip vertinate Evelinos Daciūtės ir Aušros Kiudulaitės knygą vaikams „Lapė yra laimė“? Ar ji jums pažįstama?</p> <p>Sakyčiau sudėtinga. Ikimokyklinukams ir pradinukams manau per sunki knyga. Knygos reklama girdėta.</p> <p>Ar patiko knygos turinys? Kodėl?</p> <p>Filosofinė tema, pati mintis, kuria autorė bandė perteikti knygoje tokio amžiaus vaikams, manau, per sunku suprasti. Turėtų būti paprastesnis turinys.</p> <p>Ar patiko knygos iliustracijos? Kurios patiko labiausiai?</p> <p>Iliustracijos gražios. Pati lapė labai gražiai nupiešta. Vaikams turėtų patikti. Istoriją iliustracijos ne labai papildė, gal tik šiek tiek.</p>	<p style="text-align: center;"><u>Entrevista Nº2</u></p> <p>Podia-me dizer o seu primeiro nome, idade e escolaridade?</p> <p>Jolita. Tenho 43 anos, escolaridade superior. (Está a ler)</p> <p>Como avalia o livro para crianças de Evelina Daciūtė e Aušra Kiudulaitė “A felicidade é uma raposa”? Já conhece o livro?</p> <p>Eu diria o livro é bastante complicado. Para o pré-escolar e crianças da escola primária acho que é um livro muito difícil. Conheço o livro pela publicidade existente ao mesmo.</p> <p>Gostou da narrativa do livro, se sim, porquê?</p> <p>O tema é filosófico e a própria ideia que a autora tentou transmitir através do livro, acho que é muito difícil de entender para as crianças desta idade. O conteúdo deveria ser mais simples.</p> <p>Gostou das ilustrações do livro? De quais gostou mais?</p>

<p>Nemanau, kad vaikas suprastų kažką pagal jas.</p> <p>Ar kas nors paliko blogą įspūdį? Buvo nesuprantama? Manote, kad gali būti nesuprantama vaikam?</p> <p>Dar kartą pasikartosiu, kad knyga per sunki. Tai amžiaus grupei, kuriai ji skirta, knyga nelabai suprantama, o vyresniems ji nebūtų įdomi.</p> <p>Ar norėtumėte turėti šią vaikišką knygą namų bibliotekoje?</p> <p>Ne nepirkčiau savo vaikams tokios knygos.</p> <p>Ar manote kad ši knyga gali būti priimta kitose šalyse? Ar turi daug kultūrinių detalių skirtų Lietuvai?</p> <p>Net nežinau, gal nuo vertimo priklausytų. Manau, kad kultūrinių detalių neturi, tik kalba, kad lietuvių.</p> <p>Ačiū už pokalbį.</p>	<p>As ilustrações são lindas. A raposa está muito bem desenhada. As crianças devem gostar. A narrativa não é muito complementada com as ilustrações, talvez apenas um pouco. Eu não acho que uma criança conseguirá entender alguma coisa só pelas ilustrações.</p> <p>Houve alguma coisa que lhe pareceu menos adequada ou pouco compreensível na história, ou achou que será facilmente compreendida pelas crianças?</p> <p>Vou repetir mais uma vez: o livro é muito complicado. O livro para a faixa etária a que se destina não é de fácil compreensão e para as crianças mais velhas já não será tão interessante.</p> <p>Gostava de ter este livro infantil na biblioteca de sua casa?</p> <p>Eu não compraria um livro destes para os meus filhos.</p> <p>Acha que o livro pode ser facilmente compreendido noutros países? Acha que tem muitos pormenores culturais lituanos?</p> <p>Não sei, se calhar tudo dependeria da tradução. Eu não acho que haja aqui detalhes culturais, a não ser a língua lituana.</p> <p>Obrigada pela conversa.</p>
<p style="text-align: center;"><u>Entreviu Nr. 3</u></p> <p>Koks jūsų vardas, amžius ir išsilavinimas?</p> <p>Mano vardas Liuda. Aukštesnysis išsilavinimas. 57 metai.</p> <p>Kaip vertinate Evelinos Daciūtės ir Aušros Kiudulaitės knygą vaikams „Lapė yra laimė“? Ar ji jums pažįstama?</p> <p>Graži knyga, spalvinga. Ne, nepažįstama man. (skaityti)</p> <p>Ar patiko knygos turinys? Kodėl?</p> <p>Nemėgstu fantastinių siužetų, ten kur būtų bės</p>	<p style="text-align: center;"><u>Entrevista Nº3</u></p> <p>Podia-me dizer o seu primeiro nome, idade e escolaridade?</p> <p>O meu nome é Liuda. Curso técnico (não licenciada). Tenho 57 anos.</p> <p>Como avalia o livro para crianças de Evelina Daciūtė e Aušra Kiudulaitė “A felicidade é uma raposa”?</p> <p>O livro é bonito, colorido. Não, não me é familiar. (está a ler)</p> <p>Gostou da narrativa do livro, se sim, porquê?</p> <p>Eu não gosto de cenas fantásticas, onde criaturas</p>

<p>nesuprantamos skraido. Šita knyga patiko. Žemiška tokia, apie draugystę.</p> <p>Ar patiko knygos iliustracijos? Kurios patiko labiausiai?</p> <p>Tai visos gražios, negaliu išskirti. Ryškios spalvos, gražios. Vaikai manau tokias mėgsta.</p> <p>Ar kas nors paliko blogą įspūdį? Buvo nesuprantama? Manote, kad gali būti nesuprantama vaikam?</p> <p>Tai, kad patinka viskas. Ir suprantama.</p> <p>Ar norėtumėte turėti šią vaikišką knygą namų bibliotekoje?</p> <p>Taip manau pirkčiau. Savo anūkui tikrai pirkčiau.</p> <p>Ar manote kad ši knyga gali būti priimta kitose šalyse? Ar turi daug kultūrinių detalių skirtų Lietuvai?</p> <p>Manau, suprantama ir užsienyje būtų, na į kitą kalbą reikėtų išversti. Žmonės visur panašūs ir visur yra draugystė. Na gal kokioj Afrikoj nesuprastų, ten lapių nėra (juokiasi).</p> <p>Ačiū už pokalbį.</p>	<p>imaginárias estão a voar. Deste livro gostei, por ser realista, por ser sobre uma amizade.</p> <p>Gostou das ilustrações do livro? De quais gostou mais?</p> <p>São todas lindas, não consigo escolher só uma. Cores claras, bonitas. Eu acho que as crianças irão gostar.</p> <p>Houve alguma coisa que lhe pareceu menos adequada ou pouco compreensível na história, ou achou que será facilmente compreendida pelas crianças?</p> <p>Gostei de tudo e achei compreensível.</p> <p>Gostava de ter este livro infantil na biblioteca de sua casa?</p> <p>Sim, acho que eu o compraria. E provavelmente compraria este livro para o meu neto.</p> <p>Acha que o livro pode ser facilmente compreendido noutros países? Acha que tem muitos pormenores culturais lituanos?</p> <p>Acho que seria compreensível e, para o estrangeiro, só era preciso traduzir para outro idioma. As pessoas são iguais em todos os lugares e a amizade existe em todo o mundo. Talvez, as pessoas em África não o entendessem, porque lá não há raposas. (risos)</p> <p>Obrigada pela conversa.</p>
<p style="text-align: center;"><u>Entreviu Nr.4</u></p> <p>Koks jūsų vardas, amžius ir išsilavinimas?</p> <p>Aš- Regina, 59 metai. Išsilavinimas aukštasis.</p> <p>Kaip vertinate Evelinos Daciūtės ir Aušros Kiudulaitės knygą vaikams „Lapė yra laimė“? Ar ji jums pažįstama?</p> <p>Neskačiau, bet mačiau kažkur jau, tikrai kažkur matyta. Straipsnis apie ją buvo ir reklama kažkokia. (susipažįsta su knyga) Na simpatiška knygutė, gražios spalvos, ryškūs paveikslėliai. Manau gera knyga, gal kiek per daug teksto, kaip mažiems vaikams.</p> <p>Ar patiko knygos turinys? Kodėl?</p>	<p style="text-align: center;"><u>Entrevista Nº4</u></p> <p>Podia-me dizer o seu primeiro nome, idade e escolaridade?</p> <p>Sou a Regina, 59 anos. A minha escolaridade é superior.</p> <p>Como avalia o livro para crianças de Evelina Daciūtė e Aušra Kiudulaitė “A felicidade é uma raposa”? Já conhece o livro?</p> <p>Eu não o li, mas já o vi em algum sítio, realmente eu já o tenho visto. Havia um artigo sobre o este livro e uma publicidade qualquer. (está a ler o livro) Bem, o livro é muito agradável, as cores são lindas, as imagens são claras. Acho que é um bom livro, talvez</p>

<p>Istorija tokia įdomi, apie draugystę, primena kažkuo Mažąjį prinčą, ten irgi berniukas su lape draugavo. Kai kurios vietos manau sunkokos vaikams suprasti. Ta prasme, filosofijos visokios, nežinau ar vaikai supras tokią istoriją, čia jau tėvai turėtų aiškinti, jei vaikas pats skaitys, nesupras, sudėtinga kažkiek. Mažasis princas irgi vaikam nelabai suprantamas, mano anūkui tai nepatiko.</p> <p>Ar patiko knygos iliustracijos? Kurios patiko labiausiai?</p> <p>Gražiai nupiešta, gan realistiškai. Dabar daug knygų taip iliustruotos, kad nieko ten nesuprasi. Šiuolaikinį meną primena (juokiasi), o šita tikrai graži, mano vaikystės knygas kažkuo primena. Negaliu kažką išskirti, visuma patiko.</p> <p>Ar kas nors paliko blogą įspūdį? Buvo nesuprantama? Manote, kad gali būti nesuprantama vaikam?</p> <p>Na kaip jau minėjau, tekstas gan sunkus. Nors gal iš dalies ir gerai, yra apie ką pagalvoti. Kitą vertus šiuolaikiniai vaikai nori visko greitai, ilgai galvoti nemėgsta. Bendras įspūdis tai geras.</p> <p>Ar norėtumėte turėti šią vaikišką knygą namų bibliotekoje?</p> <p>Na mano anūkai jau per dideli tokiai knygai. Padovanoti kam nors gal ir nupirkčiau, nors manau kad jau ji kažkiek pabodus, jau ta banga nusirito, kažko naujo jau reikia, o ir daug kas su mažais vaikais ją turi.</p> <p>Ar manote kad ši knyga gali būti priimta kitose šalyse? Ar turi daug kultūrinių detalių skirtų Lietuvai?</p> <p>Kodėl gi ne, jei išversti manau visai patiktų ir užsieniečiams, nieko aš čia nematau lietuviško, bent jau Europoje viskas dabar susimaišę. Gal jei kokie kinai ar japonai skaitytų, rastų kažko nesuprantamo ir tai abejoju.</p>	<p>tenha demasiado texto para as crianças mais pequenas.</p> <p>Gostou da narrativa do livro, se sim, porquê?</p> <p>A narrativa é interessante, sobre uma amizade. Lembra-me O Príncipezinho - lá, também o menino tinha uma amizade com uma raposa. Tem partes que eu considero poderem ser difíceis para as crianças entenderem, no sentido em que tem ideias filosóficas e eu não sei se as crianças vão entender bem esta história; neste caso os pais deveriam explicar. Se a criança ler este livro sozinha, não o vai entender, tem partes complicadas. O príncipezinho também não é muito facilmente compreendido pelas crianças; o meu neto não gostou.</p> <p>Gostou das ilustrações do livro? De quais gostou mais?</p> <p>Estão lindamente desenhadas, realistas. Agora muitos livros infantis são ilustrados de tal maneira que não entendes nada. Fica a parecer a arte moderna (risos), e este livro é realmente lindo, faz-me lembrar os meus livros de infância em algo. Eu não tenho nada a apontar, gostei de tudo.</p> <p>Houve alguma coisa que lhe pareceu menos adequada ou pouco compreensível na história, ou achou que será facilmente compreendida pelas crianças?</p> <p>Bem, como tinha dito antes, o texto é complicado. Embora, talvez, parcialmente, seja bom, dá para pensar. Por outro lado, as crianças modernas querem tudo rapidamente, não gostam de pensar por muito tempo. A impressão que tenho, no geral, é boa.</p> <p>Gostava de ter este livro infantil na biblioteca de sua casa?</p> <p>Bem, os meus netos já são demasiado grandes para este livro. Como um presente para alguém talvez comprasse, apesar de todos estarem já um bocadinho cansados deste livro, a onda, "a moda" já</p>
--	---

<p>Ačiū už pokalbį.</p>	<p>passou, já é preciso algo de novo. Muitas crianças pequenas já têm este livro.</p> <p>Acha que o livro pode ser facilmente compreendido noutros países? Acha que tem muitos pormenores culturais lituanos?</p> <p>E porquê não? Traduzido, penso que os estrangeiros iriam gostar. Não vejo nada aqui só para os lituanos, pelo menos na Europa tudo está agora misturado. Talvez se alguns chineses ou japoneses lessem, talvez encontrassem algo que não compreendessem, mesmo assim duvido muito.</p> <p>Obrigada pela conversa.</p>
<p style="text-align: center;"><u>Interviu Nr.5</u></p> <p>Koks jūsų vardas, amžius ir išsilavinimas? Mano vardas Jurgita. Man 43 metai. Aukštasis.</p> <p>Kaip vertinate Evelinos Daciūtės ir Aušros Kiudulaitės knygą vaikams „Lapė yra laimė“? Ar ji jums pažįstama?</p> <p>Taip žinau aš tą knygą, aišku, kad žinau, šitaip išreklamuota. Pabūsiu nepopuliari dabar (nutyla, paskui kalba tyliau), bet man ji visai nepatinka, jei ne “piaras“ nemanau, kad ji taip būtų išgarsėjus. Skaitėm mes su vaikais ją klasėj kažkiek (<i>interviu su pradinių klasių mokytoja</i>), bet nelabai ją vaikai suprato. Dukra namie irgi perskaitė ir pamiršo. Neužkabino. Nors ne visos tos (knygos) išreklamuotos tokios, kad nusiperki o paskui nieko gero. Va, Kakė Makė irgi jau tiek išpirinta, maniau, kad irgi nieko gero, o kai paskaitėm tai labai patiko.</p> <p>Ar patiko knygos turinys? Kodėl?</p> <p>Na ne tai, kad visai nepatiko. Vaikams ji persunkti, bent pradinukams. Nesupranta, jos. Skaitėm skaitėm, nesuprato vaikai nei apie ką ji, na, kad vaikas su lape draugavo suprato, bet, kad ten gilesnė prasmė yra. Gal vyresni ir suprastų, bet jie jau tokių knygų neskaito. Dabar vaikai išvis skaityt</p>	<p style="text-align: center;"><u>Entrevista Nº5</u></p> <p>Podia-me dizer o seu primeiro nome, idade e escolaridade?</p> <p>O meu nome é Jurgita. Tenho 43 anos. Escolaridade superior.</p> <p>Como avalia o livro para crianças de Evelina Daciūtė e Aušra Kiudulaitė “A felicidade é uma raposa”?</p> <p>Conheço este livro; é claro que conheço... depois de tanta publicidade. Vou-me tornar “impopular” agora - (silêncio e depois fala mais baixo) - mas não gosto nada dele. Se não fossem “as relações públicas”, não seria um livro tão famoso. Nós lemos um pouco do livro com as crianças na sala de aula (Jurgita é professora primária), mas as crianças realmente não o entenderam. A minha filha em casa também o leu e esqueceu-o logo. Não a cativou. Embora nem todos os livros publicitados sejam assim; em que os compras e depois não encontras nada de bom neles. Por exemplo, o livro <i>Kakė Makė</i> também foi muito publicitado, e eu pensei que não teria nada de bom, mas quando o lemos gostei e muito.</p> <p>Gostou da narrativa do livro, se sim, porquê?</p> <p>Não posso dizer que não gostei completamente. Mas, para crianças, o livro é complicado demais, pelo menos para as da escola primária. Não o</p>

<p>nelabai mėgsta.</p> <p>Ar patiko knygos iliustracijos? Kurios patiko labiausiai?</p> <p>Spalvos gražios, ryškios, vaikai tokias mėgsta, sukuria gerą nuotaiką. Kad nežinau, kurios (ilustracijos) čia patiko labiausiai, na lapė graži, kaip filmukas ta visa knyga, bet paveikslukai juk nesvarbiausia knygoje, svarbu apie ką ji, jos turinys. Na nebent darželinukams, kur dar skaityti nemoka, gal ir paveikslukai svarbūs.</p> <p>Ar kas nors paliko blogą įspūdį? Buvo nesuprantama? Manote, kad gali būti nesuprantama vaikam?</p> <p>Na jau minėjau, kad tekstas persunkus, raides pačias kai kur sunkokai skaitė, taip juk knygoje nerašo, kad visos didžiosios. Išvis norėta labai gudriai viską surašyti, bet vaikam to nereikia. Jiems tiesiai šviesiai reikia sakyti.</p> <p>Ar norėtumėte turėti šią vaikišką knygą namų bibliotekoje?</p> <p>Turiu aš jau, dukrai pirkau, nors antrą kartą neskaitys ji, nemanau.</p> <p>Ar manote kad ši knyga gali būti priimta kitose šalyse? Ar turi daug kultūrinių detalių skirtų Lietuvai?</p> <p>Nežinau, manau turim geresnių knygų, kad Lietuvą garsintų užsienyje. Nėra joje mūsų kultūros, aš bent nepamačiau, kažko išskirtinio.</p> <p>Ačiū už pokalbį.</p>	<p>entendem. Nós lemo-lo e lemo-lo repetidamente, mas as crianças não entendem o seu conteúdo, só perceberam que houve uma amizade entre um menino e uma raposa, mas a existência de um significado mais profundo, isso não entendem. Talvez os mais velhos consigam entender, mas esses já não leem este tipo de livros. Agora, as crianças geralmente não gostam de ler.</p> <p>Gostou das ilustrações do livro? De quais gostou mais?</p> <p>As cores são lindas, vivas, as crianças gostam de cores assim, isso cria bom humor. Não sei quais (as ilustrações) de que gostei mais. A raposa é linda, o livro todo parece ser um filme de banda desenhada mas as ilustrações não são a coisa mais importante no livro - o que importa é o conteúdo. Para as crianças do jardim de infância que ainda não sabem ler, talvez para elas as ilustrações sejam importantes.</p> <p>Houve alguma coisa que lhe pareceu menos adequada ou pouco compreensível na história, ou achou que será facilmente compreendida pelas crianças?</p> <p>Como já tinha mencionado: a narrativa é demasiado complicada, as letras são lidas dificilmente em algumas partes e nos livros não se escrevem assim todas em maiúsculas. De qualquer forma, a intenção seria a de escrever tudo de forma muito inteligente, mas crianças não precisam de nada disso. Para elas temos que nos expressar claramente.</p> <p>Gostava de ter este livro infantil na biblioteca de sua casa?</p> <p>Já tenho, comprei para a minha filha, embora não ache que ela o vá ler novamente, não acredito nisso.</p> <p>Acha que o livro pode ser facilmente compreendido noutros países? Acha que tem muitos pormenores culturais lituanos?</p>
--	--

	<p>Eu não sei, acho que temos livros melhores para tornar a Lituânia famosa no estrangeiro. Não há nada da nossa cultura neste livro, pelo menos eu não encontrei algo em especial.</p> <p>Obrigada pela conversa.</p>
<p style="text-align: center;">Entreviu Nr.6</p> <p>Koks jūsų vardas, amžius ir išsilavinimas? Eglė. Man 28. Išsilavinimas aukštasis universitetinis.</p> <p>Kaip vertinate Evelinos Daciūtės ir Aušros Kiudulaitės knygą vaikams „Lapė yra laimė“? Ar ji jums pažįstama? O sena pažįstama (šypsosi). Čia mano sūnaus viena iš mėgstamiausių knygų. Jis dar nemoka skaityti, aš skaitau, jau vos ne mintinai ją žinau.</p> <p>Ar patiko knygos turinys? Kodėl? Patinka, jau daug kartų skaitėm ir vis kažką naujo randam. Gera knyga, iš tokių kur visam gyvenimui išlieka.</p> <p>Ar patiko knygos iliustracijos? Kurios patiko labiausiai? Mantas (sūnus) labiausiai sraigtasparnį mėgsta, net turėjau tokį jam nupiešti. O man tai lapė gražiausia ir kaip jos spalvos keičiasi su nuotaika. Visa knyga gražiai iliustruota, traukia dėmesį ir iliustracijos papildė istoriją. Mantas pasižiūri kas nupiešta ir pats jau daug ką papasakoja.</p> <p>Ar kas nors paliko blogą įspūdį? Buvo nesuprantama? Manote, kad gali būti nesuprantama vaikam? Tai, kad viskas čia labai aiškiai aprašyta. Nemanau, kad galima nesuprasti ko. O jei vaikas ko ir nežino, tėvai juk gali paaiškinti. Tam ir skaitome knygas, kad vaikai lavintus, sužinotų naujų dalykų, žodžius sunkesnius mokytųsi.</p> <p>Ar norėtumėte turėti šią vaikišką knygą namų</p>	<p style="text-align: center;"><u>Entrevista Nº6</u></p> <p>Podia-me dizer o seu primeiro nome, idade e escolaridade? Sou Eglė. Tenho 28 anos. Tenho um curso universitário.</p> <p>Como avalia o livro para crianças de Evelina Daciūtė e Aušra Kiudulaitė “A felicidade é uma raposa”? Oh, é o meu velho conhecido (está a sorrir). Este é o livro favorito do meu filho. Ele ainda não sabe ler, por isso leio eu, já quase que o sei de cor.</p> <p>Gostou da narrativa do livro, se sim, porquê? Gostei, nós líamo-lo muitas vezes e encontrávamos sempre algo de novo. É um bom livro, daqueles que ficam para a vida toda na nossa memória.</p> <p>Gostou das ilustrações do livro? De quais gostou mais? Mantas (o filho da entrevistada) adora o helicóptero, eu até tive que lhe desenhar um igual! E, para mim, a raposa é a mais bonita e a forma como as suas cores mudam com o humor dela. Todo o livro está ilustrado de uma forma linda, que capta a atenção e complementa a narrativa. O Mantas olha para o que está desenhado e já consegue contar muito (da história).</p> <p>Houve alguma coisa que lhe pareceu menos adequado ou pouco compreensível na história, ou achou que será facilmente compreendida pelas crianças? De facto, tudo aquilo é descrito de maneira muito compreensível. Não acho que alguém possa não entender. E, se a criança não perceber alguma coisa,</p>

<p>bibliotekoje?</p> <p>Tai jau mes turim.</p> <p>Ar manote kad ši knyga gali būti priimta kitose šalyse? Ar turi daug kultūrinių detalių skirtų Lietuvai?</p> <p>Žinoma, kad taip. Ji tarptautinė, net nepasakysi, kad autorė lietuvė. Į užsienio kalbą galimą vertimą padaryti. Na atidžiai skaitant gal ir yra kelios detalės išduodančios, kad čia Lietuvai knyga, bet jos ne esminės. Va, ten gale Vilnius užrašyta. Daugiau nieko nepastebėjau.</p> <p>Ačiū už pokalbį.</p>	<p>os pais podem explicar. É exatamente para isso que lemos os livros - para que as crianças se desenvolvam, descubram coisas novas e aprendam palavras mais difíceis.</p> <p>Gostava de ter este livro infantil na biblioteca de sua casa?</p> <p>Nós já o temos.</p> <p>Acha que o livro pode ser facilmente compreendido noutros países? Acha que tem muitos pormenores culturais lituanos?</p> <p>Claro que sim. O livro é internacional, nem precisarias de indicar que a autora é lituana. É possível fazer uma tradução para uma língua estrangeira. Bem, lendo com atenção, talvez haja alguns detalhes que mostrem o livro como sendo destinado à Lituânia, mas não são essenciais. Só está escrito lá em baixo Vilnius. Não reparei em mais nada.</p> <p>Obrigada pela conversa.</p>
--	---

D) Entrevistas efetuadas às crianças portuguesas

Local das entrevistas: Aveiro, Portugal.

Data das entrevistas: 11.2018- 02.2019

Faixa etária: 5-9 anos.

As crianças foram escolhidas da forma aleatória de acordo com idade e nacionalidade.

Entrevista N°1

Como é que tu chamas? Quantos anos tens?

Olá, eu sou o Henrique, tenho 8 anos. (enganou-se na idade, só faz 8 anos daqui a uns meses).

Henrique, podes contar a história por palavras tuas?

(silêncio)

O que é que aconteceu na história?

Era sobre um menino chamado Pedro e a mãe e o pai e uma raposa. O menino ia sempre à padaria e via(m) sempre uma raposa no caminho mais longe. Primeiro ia pelo caminho mais curto, depois ia pelo caminho mais longe.

E no caminho mais longe, que passava por um parque, encontrava a raposa laranja. laranja da felicidade. laranja da cor dum, do gato laranja da Dona Amélia...duma bola de basquetebol, da raposa, da laranja...e de tudo o que é laranja.

(notoriamente está a ver as ilustrações do livro e a ler ao mesmo tempo que responde)

E gostaste da história?

Foi gira.

Por que é que gostaste?

Falava sobre a felicidade...

Achaste esta história triste, feliz ou engraçada?

Feliz.

Porquê?

Porque... tem a felicidade.

Já sentiste alguma sensação como a da história?

...Não.

Nunca sentiste?

Não.

O quê? A felicidade, laranja...baloizar? O que é que nunca sentiste?

Nunca senti uma felicidade assim tão forte.

(pausa silenciosa)

O que significa para ti a felicidade?

Significa amor, carinho e muitas coisas felizes.

Mas o que é a felicidade?...É estar contente?

É 'tar alegre, a brincar com as pessoas, ser simpático... Isso faz a felicidade existir.

E quando tu fazes surf ou fazes alguma coisa que tu gostas, tu não estás feliz?

'Tou, porque tou a fazer alguma coisa divertida e engraçada.

Qual foi a personagem de que gostaste mais?

...A raposa e o Pedro.

É Paulo...

...e o Paulo.

E porquê?

Porque eram os personagens principais do...doooo livro.

Qual era o problema do menino da história?

...Era que sempre que ia (- O problema...) à padaria e passava pela raposa tinha de lhe dar um pão para ela ter alguma coisa para comer e depois não tinha o seu pão, então os pais dividiam metade do seu pão e davam-lhe.

Se tu fosses o menino o que é que tu fazias?

Eu dizia à raposa que o que ela disse sobre o amor ser o zero e o zero ser, o amor ser abaixo de zero, e o zero ser frio... eu dizia que era mentira. que o amor é a felicidade.

Houve alguma parte da história que não percebeste muito bem?

Não.

Entendeste tudo?

Entendi.

E lembras-te do sítio onde o menino morava?

Numa árvore grande.

Achas que podia ser cá em Portugal, ou noutra país?

Humm, não... isso é uma história. Não existe árvores assim tão grandes para fazer da altura de três andares. Aquilo tinha três andares.

Encontraste algum desenho mais engraçado no livro?

A raposa.

Qual foi o teu desenho preferido do livro?

A raposa.

Porque é que gostaste da raposa?

Porque era gira e tinha...era colorida.

Qual é a tua cor preferida?

Verde, laranja, amarelo...o azul, vermelho...

Daqui a bocado dizes o arco-íris...

...eeeeee....é só.

-Ok, obrigada.

Entrevista Nº2

Como é que tu chamas? Quantos anos tens?

Mafalda, tenho 8 anos.

Mafalda, podes contar a história por palavras tuas?

Existia uma família, que era...o pai, a mãe e o filho. E eles viviam numa casa que, neste caso era uma árvore.

(A Mafalda está a folhear o livro enquanto conta a história por palavras suas).

E eles: o pai tinha um trabalho, que ele tinha um helicóptero laranja, onde ele...ia todos os dias, ou levar coisas, ou trazer coisas, ou levar pessoas, ou trazer pessoas.

A mãe tinha outro trabalho, que fazia jarros com porcelana... Hum, não: com barro! E depois o menino todas as tardes ia buscar o pão, (de leite), e ele às vezes até ia de olhos fechados pelo caminho mais curto... Porque ele já sabia o caminho de cor mas às vezes tinha uns azar, porque ou tropeçava nas pedras, ou ia contra as pessoas.. e as pessoas não gostavam muito.

E lá trabalhava a senhora Margarida, que lhe colocava o pão, os três pães, sempre dentro dos saquinhos.

(A Mafalda mostra um tom muito expressivo e até teatral enquanto conta a história).

E sempre que ele saía de lá ele vinha pelo caminho longo. E uma vez ele veio e viu a raposa que, pelo menos uuma vez por semana, a encontrava lá.

A raposa pediu-lhe um pão e o menino pensou... pensou, pensou e pensou e depois deu-lhe o pão. E assim foi durante alguns dias. E depois a raposa, um dia, 'teve a explicar-lhe que a felicidade é uma laranja, uma raposa e mais coisas laranjas e o menino disse também as coisas que ele conhecia que eram laranjas, como o helicóptero do pai e os jarros que a mãe fazia, de barro. E uma vez o menino chegou a casa, e o pai chegou mais cedo a casa para dar uma novidade à família: que eles se iam mudar para outra casa. E desta vez era uma árvore mais alta ainda, com uma (?) maior ainda e com muito mais gente. Mas o menino não 'stava, estava, tão entusiasmado como a mãe e o pai.

Então, ele foi buscar os pãezinhos de leite e quando passou pela raposa disse-lhe a novidade. E a raposa disse "o meu pai, raposa, costumava dizer-me que é com o tempo que nós temos os nossos resultados bons" e depois o menino lá se mudou.

Passado uns dias o filho disse "então mas.. pai, onde estão as coisas boas que tu disseste que íamos ter?" e a mãe disse "temos de esperar mais alguns dias".

Então, o menino foi outra vez buscar os pães - desta vez era uma loja maior, tinha dois pães e tinha duas empregadas, a Dona Amélia e a Dona...(pausa para encontrar o nome) ...e outra senhora (não encontrou). Então ele estava a vir para casa e encontrou um passadiço, que nunca lá tinha ido. Então, quando foi, lembrou-se que aquele espaço, parecia o espaço de onde ele vinha antes e ele viu lá a sua amiga raposa. ...Num...No baloiço. E depois eles conversaram. E lá, ela perguntou-lhe se ele queria baloiçar e ele disse que queria. E depois voltaram-se a recordar do que é a felicidade.

Gostaste da história?

Gostei muito.

Porquê?

Porque... 'tava...porque a história explicou-me que nós quando nos mudamos não temos de ter receio que não vamos ter mais amigos, porque podemos formar amigos novos e ainda podemos ver os nossos antigos. E também porque assim aprendemos a saber o que é a felicidade.

Achaste esta história triste, feliz ou engraçada?

Achei duas coisas: triste e feliz.

Porquê?

Porque a parte quando ele se separou da sua amiga foi um pouco triste, mas é feliz quando eles se reencontraram e ele aprendeu mais coisas.

Já sentiste alguma sensação como a da história?

(fica a pensar)... Já.

Já?

Já.

O que significa para ti a felicidade?

A felicidade para mim significa eu estar com os meus amigos, com a minha família e com as pessoas de quem eu gosto e dos lugares do que eu gosto e dos... dos amigos, e dos amigos que me ajudam a aprender coisas.

Qual foi a personagem de que gostaste mais?

A personagem de que gostei mais foi da raposa, porque a raposa ensinava-nos muiiiiiiiita coisa.

Qual era o problema do menino da história?

O problema do menino era que ele não se queria separar da sua amiga raposa.

Se tu fosses o menino, o que é que tu fazias?

Eu pedia aos meus pais para não irmos... mas se eles dissessem que tínhamos que ir, eu tinha que ir mas ia triste, só que depois como ele a viu, eu também gostava de ir porque depois nós encontrávamo-la, a nossa amiga.

Ou seja: o problema acabou por não ser um problema...?

Sim, acabou por ser feliz.

E se ele tivesse conseguido convencer os pais a não ir?

Já não ia ver a sua amiga.

Houve alguma parte da história que não percebeste muito bem?

Não, percebi tudo.

Lembras-te do sítio onde o menino morava?

Morava numa casa e na verdade era uma árvore.

Achas que podia ser cá em Portugal ou noutra país?

(pensa) Humm, noutra país.

Porquê?

Porque normalmente em Portugal as, em Portugal, eu escolhi Portugal porque eu acho que normalmente em Portugal não há assiiim, por exemplo, há, há.. acho que há países em que as casas são semelhantes a árvores e aqui não há muitos.

Encontraste algum desenho mais engraçado no livro?

Humm, quando a raposa, humm - foi a última página - quando a raposa tinha lá um baloiço a perguntar se ele queria e depois lá noutro baloiço estava escrito "quero".

Então esse é o teu desenho preferido da história?

Sim.

Porquê?

Porque...foi quando eles se encontraram e ela perguntou pela primeira vez se ele queria baloiçar no baloiço dela.

Obrigada.

De nada. / ...posso ouvir?!/

Entrevista Nº3

Como é que tu chamas? Quantos anos tens?

Chamo-me Matilde, tenho 9 anos.

Podes contar a história por palavras tuas, Matilde?

Sim. O título é: A Felicidade é uma Raposa. (pausa) O Paulo é o menino da história. Ele vive numa cidade grande, num belo parque. Havia uma árvore enorme e antiga, que era a casa dele. O papá chegava no escadote para a copa da árvore, onde existia uma pequena pista de aterragem. O trabalho dele era ser piloto e a mãe fazia peças de barro em casa.

Todas as tardes a mãe pedia ao Paulo para ir comprar três pães de leite. A senhora da padaria chama-se Margarida. Às vezes o Paulo encontrava uma raposa no baloiço e então dava-lhe um pão de leite. Quando chegava a casa só estavam dois pães de leite no saco - mas eles partilhavam, os pais...

Os pais partilhavam com quem?

...com ele, com o Paulo.

Depois... Um dia o Paulo chegou muito triste ao baloiço, que estava lá a raposa. Por causa que ele ia-se embora. Já tinha contado tudo à raposa e depois partiu. Quando chegou lá, (pausa) viu lá a raposa e ficou muito contente.

Tu gostaste da história?

Gostei...

Porquê?

Porqueee é gira.

Achaste esta história triste, feliz ou engraçada?

Engraçada. (responde de forma rápida)

Porque é que achaste engraçada?

...Porque a última página está muito... Está muito cheia de cooosias e 'tá giro.

Já sentiste alguma sensação como a da história?

A sensação é perder um amigo?

Há muitas sensações na história...

Sim, já.

De perder um amigo? Fala mais de quê a história? Que sensações mais é que ele sentiu na história?

Ele sentiu a sensação: feliz primeiro mas depois sentiu a sensação triste, que é perder um amigo.

E depois a seguir?

Depois? Depois voltou a ficar feliz. Feliz-triste-feliz.

E tu, já sentiste essas sensações?

Já (*diz timidamente num sussurro*)

O que significa para ti a felicidade?

A felicidade para mim significa uma coisa bonita. Por exemplo..."eu estou muito feliz e quero partilhar contigo a minha felicidade".

Qual foi a personagem de que gostaste mais? E explica porquê...

Foi o Paulo. Por causa que ele, o que entra mais na história.

Qual era o problema do menino da história?

É que ele ia mudar de casa e ele não queria por causa que ia perder um amigo.

Se tu fosses o menino, o que é que tu fazias?

...(pausa silenciosa a pensar)... Eu dizia aos meus pais, que era para ver o que eles podiam fazer...

Pois...

Dizia a ti (à mãe - aponta para a mãe)

Houve alguma parte da história que não percebeste muito bem?

Houve... Aquela parte que... Não sei explicar porque eu não percebi.

Então não sabes em que parte era? De que é que falava?

Falava de que ia a um café, só que depois já tinha mais duas senhoras do café - só que era outro.

Ai tu não percebeste essa parte?

Não.

Na outra cidade havia uma pastelaria nova e tinha duas funcionárias e já não era a outra, era só isso.

Ahh... Então já percebi.

Lembras-te do sítio onde o menino morava? Achas que podia ser cá em Portugal, ou noutra país?

Eu, sim, lembro onde ele morava numa casa na árvore e, eu acho que pode ser cá em Portugal por causa que: há cá raposas e também dá para fazer casas na árvore cá em Portugal.

Encontraste algum desenho mais engraçado no livro? Qual é o teu preferido e porquê?

É...hummm... é aquele que tem laranjas à volta de um café que é uma laranja grande. (risos)

E porque é que tu achaste esse mais giro?

...porque tem laranjas à volta e eu gosto de laranjas.

Obrigada.

De nada.

Entrevista Nº4

Como é que chamas e quantos anos tens?

Só Margarida, tenho 6 anos.

Podes contar a história por palavras tuas, Margarida?

Havia uma raposa e um senhor chamado Paulo e...

Um senhor? Era um senhor?

Nããã...*(diz em tom malandro)*

Era o quê?

Era um menino chamado Paulo!

Ah!

E...Humm... a raposa pediu-lhe um pão de leite...

Que raposa?

A raposa amiga dele.

Ah...

E a raposa gostava de balançar.

Gostava de baloiçar? Onde é que ela baloiçava?

No balancé.

Humm. E o que é que aconteceu mais?

Ele foi de férias...e depois disso ficou triste porque já não ia estar com a sua melhor amiga.

Quem era a melhor amiga?

Era a raposa.

Sim. E depois?

E depois a raposa apareceu lá a balançar...

No sítio onde ele estava, no sítio novo para onde o menino foi?

(acena que sim com a cabeça)

E o menino ficou contente?

Sim.

Gostaste desta história?

Sim.

Achaste esta história triste, feliz ou engraçada?

Feliz e engraçada

Porque é que achaste a história feliz e engraçada?

Porque a raposa dizia piadas, porque o Paulo fazia piadas também...

Já sentiste alguma sensação como a da história?

(pausa demorada...) ... Não?! (responde, meio indecisa).

Nunca ficaste feliz?

Sim.

E com saudades de um amigo, já ficaste?

Sim.

O que é que significa para ti a felicidade? O que é que tu achas que é a felicidade?

As pessoas felizes...

Mas felizes como?

... Humm...*(pausa)*

O que é que te faz feliz?

...Hummm...

Quando estás com os teus amigos, estás feliz?

Sim.

Qual foi a personagem de que gostaste mais?

A raposa...

Porque é que gostaste mais da raposa?

Por causa que ela é que andava a balançar...

Ah, e tu gostas de fazer isso também?

Sim...

Qual era o problema do menino da história?

Ele ia pa outro sítio e estava triste poque já não ia 'tar com a sua amiga e depois ele chegou e a raposa estava lá no balancé. *(folheia as páginas do livro)*

Se tu fosses o menino, o que é que tu fazias?

...Num sei.

O menino tinha que mudar de cidade, não era? Ficou triste porque a raposa ia ficar, não é? Como é que tu resolvias isso?

Humm...Falar com ela.

Falavas com ela? Falavas com ela quando estavas noutra cidade?

Pelo telefone.

Ah, muito bem!

E embiava-lhe cartas!

Muito bem!

Houve alguma parte da história que não percebeste muito bem, Margarida?

Nenhuma.

Não? Percebeste tudo bem?

Sim.

Lembras-te do sítio onde o menino morava? Onde é que era? Achas que era em Portugal?

No pinhal...em Portugal.

E diz isso na história? Não fala como é que era a casa dele?

Diz ser onde a raposa tava.

Lembras-te do sítio onde o menino morava?. Humm, então tu achas que podia ser cá em Portugal?

Sim...Acho!

Ok. Não podia ser noutro país?

Podia! *(A Margarida fica um pouco irrequieta)*

Encontraste algum desenho mais engraçado no livro?

Humm, a rapossa.

A raposa?

Sim...a rapossa

É o teu desenho preferido; é o que tem a raposa?

Sim...sim...a raposa. *(A Margarida está já muito dispersa)*

Obrigada Margarida.

Entrevista N^o5

Olá, como te chamas?

Marta.

Quantos anos tens?

9.

Podes contar a história por palavras tuas?

Sim...Era uma vez um menino que vivia numa casa feita de madeira. E...ele tinha ido buscar à loja três pãezinhos de leite. Até que um dia ele foi pelo caminho mais longo e encontrou um caminho feito de pedra..hum..colorida...e ele viu uma raposa e a rapo...a raposa disse (está confusa) ...

Então, a raposa disse o quê?

A raposa disse "queres fazer parte do mar?" e ele abanou a cabeça e disse que sim. Só que a raposa tinha de pedir uma coisa que era um pãozinho de leite. E os pais desconfiavam porque não havia o terceiro pãozinho de leite. Até que um dia uma raposa deu uma novidade: que era que ela mais cedo ou mais tarde tinha que ir embora. E o menino foi para casa muito triste a chorar. Até que o pai chega a casa e diz: "A gente vai mudar de casa!". Ele diz à raposa e a raposa disse "Mais cedo ou mais tarde eu também vou.". Primeiro foi o menino a viajar e depois foi a raposa. E, depois o menino mudou de casa, até que ele foi comprar outros pãezinhos de leite e foi pelo caminho mais longo e encontrou o caminho de pedra colorido. E ele foi lá e viu a raposa . Até que ele disse "então tu vives aqui?!" e ela disse "Mais cedo ou mais tarde tinha que mudar de casa...". E depois... eles ficaram melhores amigos e nunca mais se separaram.

Tu gostaste desta história?

Sim.

Porquê?

Porque é divertida, e fala sobre coisas... *(pausa)*...amáveis.

Achaste esta história triste, feliz ou engraçada?

Feliz.

Porquê?

Porque...a raposa, embora que ela tenha-se mudado de casa, ela encontrou o seu melhor amigo e ficaram amigos para sempre.

Já sentiste alguma sensação como a da história?

Já...

O que significa para ti a felicidade?

A felicidade é uma coisa quando alguém diz uma novidade ou dá alguma coisa.

Qual foi a personagem de que gostaste mais?

Do menino.

Porquê?

Porque ele era muito diferente da raposa e fazia sentido.

Qual era o problema do menino da história?

Eraaaaaaaaaaaaaa a raposa ir embora.

Se tu fosses o menino o que é que tu fazias?

Dizia para ela não ir.

Houve alguma parte da história que não percebeste muito bem?

...Não.

Lembras-te do sítio onde o menino morava? Achas que podia ser cá em Portugal, ou noutro país?

Noutro país.

Podia ser?

Sim.

Encontraste algum desenho mais engraçado no livro?

Sim.

Qual é o teu preferido?

Foi, onde eles moravam que era num tronco de uma árvore.

E porque é o teu preferido?

Porque é divertido, porque eu nunca vi uma casa igual.

Obrigada.

Entrevista Nº6

Olá, como te chamas?

Alexandra.

Quantos anos tens?

9.

Podes contar a história por palavras tuas?

Sim. Era uma vez um menino chamado Paulo, que vivia numa casa em cima de uma árvore. O pai dele eraaaaa, ia todos os dias acima da árvore porque era piloto de helicópteros (com entoação de pergunta)... então o pai, todas as manhãs pedia ao menino que ele fosse buscar três pães a uma loja. O menino ia todos os dias lá, buscava três pães. Para ir ele ia pelo caminho mais curto. E a voltar para casa ele ia pelo caminho mais longo. ... No regresso, ele trazia sempre os três pães e um dia ele encontrou uma raposa a baloiçar num baloiço. E essa raposa disse ao menino Paulo que, se lhe desse um pãozinho ela falava com ela. Então o menino, todas as vezes que passava por lá, dava-lhe um pãozinho e eles ficavam a falar durante um bocado. Depois o menino voltava para casa. Humm.. O menino Paulo, os pais dele, desconfiavam que o menino andava a comer os pães durante o caminho porque faltava sempre um pão. Então os pais dividiram os pães e.. deram pedaços iguais para cada pessoa. Então um dia, quando a raposa, quando o menino Paulo estava a passar a ir para casa, a raposa disse que não iam ver mais quase a raposa um dia. ... Então, quando o menino chegou a casa os pais disseram que ele ia-se mudar para longe. Então, nesse mesmo dia de manhã, o Paulo foi comprar e disse à raposa que ia-se viajar. Então quando ele chegou a casa eles viajaram. E o menino não tinha nunca ficado o mesmo desde que tinha mudado de casa para onde eles foram. Então, um dia, quando o menino tinha ido buscar pão pelo caminho mais curto a uma loja lá perto de sua casa, encontrou a raposa lá na casa dele. E o menino ficou muito diferente de como estava antes. hummm...

É isso?

Sim.

Gostaste desta história?

Sim.

Porquê?

Porque tem uma raposa que era muito amiga, mas... às vezes não era muito amiga porque era preciso dar uma coisa...não. Dar para falar, não é muito...coiso. Mas o menino à mesma dava um pãozinho para ele falar.

Achaste esta história triste, feliz ou engraçada?

Eu acho esta história engraçada porque ...eles... a raposa mudou-se e e eles foram para o mesmo local, para onde se tinham mudado.

Já sentiste alguma sensação como a da história?

Não.

O que significa para ti a felicidade?

A felicidade ééé... é uma coisa que está a interferir com entre algumas pessoas, mas outras não, que é tipo a amizade.

Qual foi a personagem de que gostaste mais?

Eu gostei mais da raposa porque ela ia sempre, ela estava sempre no baloiço e só gostava de laranja como o menino. E então o menino Paulo mudou-se para um lugar onde a raposa também foi e encontraram-se no mesmo lugar.

Qual era o problema do menino da história?

O problema era que...o menino ia-se mudar e não queria porque não se ia encontrar com a raposa nunca mais. Mas houve aquela...coisa.

Se tu fosses o menino o que é que tu fazias?

Eu faria... Em relação a esse problema, não é?... Eu implorava aos meus pais, se fossem os meus pais. Implorava-os para ficar, ou se não levava a raposa comigo.

Houve alguma parte da história que não percebeste muito bem?

Não.

Lembras-te do sítio onde o menino morava? Achas que podia ser cá em Portugal, ou noutro país?

Poder pode, só que não é muito aconselhável.

Encontraste algum desenho mais engraçado no livro?

Sim...

Qual é o teu preferido e porque é que é o teu preferido?

Foi uma parte que tinha tudo laranja e só uma coisa que não era laranja que era...o rótulo de um frasco que não era laranja.

E essa foi a parte que tu mais gostaste?

Humm...Sim.

Muito obrigada.

E) Entrevistas efetuadas aos adultos portugueses

Local das entrevistas: Aveiro, Portugal.

Data das entrevistas: 10.2018- 03.2019

Faixa etária: maiores de 18 anos.

As pessoas foram escolhidas de forma aleatória.

Entrevista Nº 1

Podia-me dizer o seu primeiro nome, idade e escolaridade?

Mafalda, 25, licenciada

Como avalia o livro para crianças de Evelina Daciūtė e Aušra Kiudulaitė “A felicidade é uma raposa”?

Considero-o um bom livro para crianças.

Gostou a narrativa do livro, se sim, porquê?

Sim. O tema é interessante.

Gostou das ilustrações do livro? De quais gostou mais?

Gostei. As ilustrações são apelativas. Gostei especialmente da raposa na página 17 – a raposa a fazer bolas de sabão. As páginas 19 (a raposa e o rapaz a verem as constelações) e 22 (a raposa a baloiçar-se entre as árvores) também têm ilustrações muito bonitas.

Houve alguma coisa que lhe pareceu menos adequado ou pouco compreensível na história, ou achou que será facilmente compreendido pelas crianças?

Não. Penso que tudo será de fácil compreensão pelas crianças, se estiverem atentas – e com as ilustrações, normalmente estão.

Gostava de ter este livro infantil na biblioteca de sua casa?

Sim, gostaria.

Acha que o livro pode ser facilmente compreendido noutros países? Acha que tem muitos pormenores culturais lituanos?

Creio que poderá ser facilmente compreendido noutros países e não encontrei nenhum pormenor cultural lituano.

Obrigada.

Entrevista N^o2

Podia-me dizer o seu primeiro nome, idade e escolaridade?

Ana, 35 anos, licenciada

Como avalia o livro para crianças de Evelina Daciūtė e Aušra Kiudulaitė “A felicidade é uma raposa”?

Considero-o um livro interessante e apelativo. No entanto, creio que poderá ser um pouco complexo para algumas crianças.

Gostou a narrativa do livro, se sim, porquê?

Sim, gostei. A narrativa é interessante e abrange muitos temas que são interessantes para desconstruir e para introdução a criação de significados destes para as crianças. É uma narrativa que não me parece que deva ser de leitura rápida e, como livro-álbum que é, não é suposto ser “só uma história”.

Será talvez um livro daqueles que lemos em pequenos e que, anos mais tarde, poderemos ler novamente e, aí sim, reparar em pormenores e conceitos que não tenham percebido anteriormente. É quase imediato o paralelismo com “O Príncipezinho”, de Antoine Saint-Exupéry, não só pela personagem da raposa, mas por serem livros que de cada vez que os lemos durante a nossa vida, que nos vão revelando conceitos que, a princípio não reparámos neles mas que sempre lá estiveram.

É um livro com uma narrativa um bocadinho complexa por ter tantos pormenores e conceitos que podem não ser fáceis, tendo em conta que é um livro para crianças.

Gostou das ilustrações do livro? De quais gostou mais?

Gostei bastante, e adorei os pequenos pormenores e comentários que estas têm - como se fossem pequenas histórias paralelas à narrativa

O livro tem ilustrações muito bonitas, com cores vivas, cenários, pessoas e elementos que lhe dão um suporte visual bastante curioso.

Gostei de várias mas posso salientar: a da primeira vez que a raposa aparece no baloiço, com a laranja no centro do livro aberto e o frasco de compota. Também gostei da sua continuação na página seguinte, novamente com a laranja no centro, com o Paulo no baloiço, o gato laranja, o pai no helicóptero...e o pormenor da cauda da raposa que vai para a página seguinte, (tão engraçada esta transição da cauda da raposa), quando ela está a fazer bolas de sabão - que, confesso ser mesmo a minha preferida. Está deliciosa, emoldurava essa ilustração da raposa a fazer bolas de sabão.

No entanto, fiquei bastante desiludida com a última ilustração, da raposa e do menino a serem levados da terra em direção à lua (?) por um bando de aves, como um papagaio de papel. N' "O Príncipezinho" há uma ilustração muito semelhante, quando o Príncipezinho está da mesma forma, a ser levado por um bando de aves no céu estrelado.

Acho que há espaço e criatividade suficiente na área da ilustração infantil para uma ilustração diferente - ainda por cima sendo a última. Não gostei muito só por esse "pseudo-plágio". (E sim, estou espantada comigo ao notar que sou uma grande fã d' "O Príncipezinho" para ter reparado nisto - é o que dá ter o livro pop-up e tudo!).

Houve alguma coisa que lhe pareceu menos adequado ou pouco compreensível na história, ou achou que será facilmente compreendido pelas crianças?

Eu acho que é um livro complexo para ser facilmente compreendido pelas crianças - quer pelas mais novas, quer até por mais velhas. Sendo um livro-álbum, em que existe a narrativa e a ilustração, acho que isso implica que seja um livro em que nos temos que debruçar com alguma calma para o analisar com mais detalhe.

Creio que as crianças mais pequenas possam ficar prendidas aos desenhos divertidos e bonitos e às cores - e que isso as ajude a compor melhor a narrativa mas, mesmo assim, creio que seja difícil que se concentrem e que percebam a história facilmente.

Mesmo para as crianças mais velhas creio que será difícil essa atenção ao detalhe e até aos vários conceitos do livro, pois estão numa fase em que já sabem ler e podem-se perder com os vários pormenores existentes, quer na própria história, quer nas ilustrações. Pensando bem, é um livro um pouco complexo, não o recomendaria para uma leitura sem alguém a ajudar uma criança na sua compreensão.

E, lá está, como já disse, será um livro adequado para ser lido de tempos a tempos: numa idade mais pequena, depois numa mais crescidinha e, mais tarde, em adultos talvez o vejam de forma diferente e finalmente o compreendam totalmente.

Gostava de ter este livro infantil na biblioteca de sua casa?

Sim, porque não? É um livro bonito de folhear e bom para (re)ler.

Acha que o livro pode ser facilmente compreendido noutros países? Acha que tem muitos pormenores culturais lituanos?

Acho que sim. A barreira linguística ou cultural com uma boa tradução deixa de existir. Podem existir pormenores culturais nas ilustrações mas acho que as crianças nem dariam por eles, até porque com tantos elementos de fantasia e desenhos engraçados... Não, acho que essa preocupação não se aplica neste livro.

Muito obrigada pela conversa.

Entrevista Nº3

Podia-me dizer o seu primeiro nome, idade e escolaridade?

Andreia, 34, licenciada.

Como avalia o livro para crianças de Evelina Daciūtė e Aušra Kiudulaitė “A felicidade é uma raposa”?

É um bom livro, que se lê rapidamente não deixando de ser caricato e com alguns pormenores que levam o leitor a prender-se é demorar-se em algumas das páginas, especialmente devido às ilustrações e pormenor dos elementos.

Gostou da narrativa do livro, se sim, porquê?

Sim, é simples e de fácil compreensão e leitura.

Gostou das ilustrações do livro? De quais gostou mais?

Sim, bastante. Gostei muito da última ilustração da raposa e do rapaz, mas também da mãe e dos potes de barro.

Houve alguma coisa que lhe pareceu menos adequada ou pouco compreensível na história, ou achou que será facilmente compreendida pelas crianças?

Na generalidade é de fácil compreensão. O conceito principal de sabermos aceitar o desconhecido como uma potencial coisa boa, ao invés de significar apenas o que se perde, está bem patente e é um livro interessante para exemplificar a necessidade de mudança.

Gostava de ter este livro infantil na biblioteca de sua casa?

Sim.

Acha que o livro pode ser facilmente compreendido noutros países? Acha que tem muitos pormenores culturais lituanos?

Acho que tem uma linguagem universal e adequada a outros países, não só lituana. Claro que tem pequenos pormenores que serão mais característicos, mas a mensagem é transversal às próprias questões culturais.

Obrigada.

Entrevista Nº 4

Qual é o seu primeiro nome, idade e escolaridade?

O meu primeiro nome é Elsa, tenho 59 anos e sou licenciada em Educação de Infância.

Como avalia o livro para crianças de Evelina Daciūtė e Aušra Kiudulaitė “A felicidade é uma raposa”?

É um bom livro para crianças em idade pré-escolar, o texto tem potencial para abordar vários assuntos relacionados com diversos temas, quer na área do Conhecimento do Mundo, quer na área da Formação Pessoal e Social.

Gostou da narrativa do livro, se sim, porquê?

A narrativa torna-se um pouco extensa, mas a educadora pode introduzir temas como amizade, as cores, as estações do ano, características dos animais (animais da floresta, animais domésticos, habitat, profissões, etc.)...

Gostou das ilustrações do livro? De quais gostou mais?

Tem ilustrações bonitas e interessantes, com alguns pormenores e cores atraentes.

Houve alguma coisa que lhe pareceu menos adequada ou pouco compreensível na história, ou achou que será facilmente compreendida pelas crianças?

A referência e relação com a raposa e a cor laranja pode não ser facilmente compreendida pelas crianças - e também devido a ser uma narrativa demasiado extensa, com muitos pormenores e referências diversas.

Gostava de ter este livro infantil na biblioteca de sua casa?

Gostava de ter o livro na Biblioteca da minha escola quer pela sua qualidade quer pelo facto de eu usar constantemente livros de histórias para introduzir ou consolidar temas que quero aprofundar.

Acha que o livro pode ser facilmente compreendido noutros países? Acha que tem muitos pormenores culturais lituanos?

Acho que o livro pode ser universal. Não conheço a cultura lituana e acho que qualquer pessoa pode compreender a mensagem.

Muito obrigada.

Entrevista Nº5

Qual é o seu primeiro nome, idade e escolaridade?

Chamo-me Jorge, tenho 44 anos e tenho um Curso Técnico- Profissional.

Como avalia o livro para crianças de Evelina Daciūtė e Aušra Kiudulaitė “A felicidade é uma raposa”?

Acho um livro interessante para crianças, com muitas cores e com muitos pormenores para explorarem.

Gostou da narrativa do livro, se sim, porquê?

Sim, apesar de a ter achado um bocado extensa.

Gostou das ilustrações do livro? De quais gostou mais?

Gostei, as ilustrações estão muito bem feitas e cheias de pormenores e trocadilhos curiosos. Gostei por exemplo da ilustração da mãe com os potes de barro, da laranja ao centro e da raposa a baloiçar e a seguir com o rapaz a baloiçar, mas acho que a minha preferida foi a das constelações inventadas.

Houve alguma coisa que lhe pareceu menos adequada ou pouco compreensível na história, ou achou que será facilmente compreendida pelas crianças?

Acho que não, toda a história é bastante compreensível; depende da idade da criança...porque a história é extensa e tem tantos pormenores que se calhar uma criança vai-se perder com tanta coisa. E com as ilustrações também e o texto...pode ser um pouco confuso se for para crianças mais pequenas, que vão prestar atenção às imagens e não devem perceber a história. As crianças mais velhas devem perceber a história, mas mesmo assim, pode ser complicada. Depende da idade das preferências e gostos das crianças. Muitas crianças não gostam de ler, ou conseguem estar sossegadas a ler um livro – o que é necessário para este tipo de livro.

Gostava de ter este livro infantil na biblioteca de sua casa?

Nem por isso... mas talvez o oferecesse a algum amigo com filhos pequenos.

Acha que o livro pode ser facilmente compreendido noutros países? Acha que tem muitos pormenores culturais lituanos?

Sim. A versão que eu li foi em língua portuguesa e não achei que tivesse alguma característica estrangeira que me impedisse de o perceber. Não encontrei pormenores lituanos, desconheço.

Obrigada pela conversa.

Entrevista N°6

Qual é o seu primeiro nome, idade e escolaridade?

Maria de Lurdes – mas sou conhecida mais por Lurdes, 63 anos, licenciada.

Como avalia o livro para crianças de Evelina Daciūtė e Aušra Kiudulaitė “A felicidade é uma raposa”?

Só posso dar uma pontuação alta, gostei do livro, achei-o muito mimoso, muito bonito... A história, as ilustrações, mesmo engraçado.

Gostou da narrativa do livro, se sim, porquê?

Gostei, é sempre bom transmitirmos histórias que falam de sentimentos e emoções aos mais pequenos, fazem parte da sua aprendizagem para os irem percebendo ao longo da vida. Acho que a narrativa, apesar de ser um pouco complexa para uma criança ler sozinha, acho que é boa para introduzir temas emotivos e de sensações às crianças. É uma história que dá para estimular e parar para observar os pormenores dos desenhos que a acompanham e captar a atenção de uma criança facilmente.

Gostou das ilustrações do livro? De quais gostou mais?

Adorei, são lindas! Eu gosto imenso de livros que tenham desenhos bonitos, mesmo bem feitos, e as cores escolhidas para este são mesmo bonitas, dá gosto de ver. Adoro que esta geração tenha ilustrações como estas, do que aquelas básicas para crianças...a parte artística é importante, até para nós, mais velhos ao ler. Eu fiquei deliciada. Eu gostei de várias mas, sei lá: a raposa a contemplar o céu

com o menino, as constelações, aquelas imagens de como é a vida nas cidades, com os carros em filas, as da laranja com a raposa e o menino e tantos pormenores cor de laranja. Mas a minha preferida talvez seja a da raposa a baloiçar-se entre as árvores... está tão bonita com aquela cauda enorme, mesmo linda!

Houve alguma coisa que lhe pareceu menos adequada ou pouco compreensível na história, ou achou que será facilmente compreendida pelas crianças?

Acho que é uma história um pouco complicada, como fala de sentimentos e emoções... Acho que os mais pequenos só entenderão com alguém a contar-lhes a história e a ajudá-los a perceber certas partes. Mesmo os mais velhos terão algumas dificuldades, porque há expressões e intenções um pouco vagas na narrativa e poderão sentir alguma confusão em compreendê-las. As crianças agora não leem tanto, conquistá-las com um livro é cada vez mais difícil, num mundo com tanta tecnologia e outros meios que lhes roubam a atenção. Acho que vejo mais este livro como algo para contar aos mais pequenos; com calma, com diversão pelo meio... não é um livro para ser lido de uma vez, pois merece uma atenção diferente por ter tantos detalhes originais para serem explorados.

Gostava de ter este livro infantil na biblioteca de sua casa?

Gostava imenso! Se existisse em língua portuguesa comprava-o para o ler aos meus netos, acho que eles iriam adorar a raposa e perderem-se nas ilustrações. O mais velho iria perceber melhor, é muito curioso e perspicaz, iria gostar imenso de descobrir os pormenores das ilustrações do livro.

Acha que o livro pode ser facilmente compreendido noutros países? Acha que tem muitos pormenores culturais lituanos?

Claro que sim, porque não? Estando traduzido, acho que não existe nada que não se perceba, a história não perde a sua essência – quer dizer, não li o original mas creio que a ideia transmitida, com as ilustrações a acompanhar, não se perde por ser um livro de autoria estrangeira. Não encontrei pormenores lituanos, havia? Não sei... mas gostei muito dele de qualquer forma.

Muito obrigada pela conversa.
